

JOAL QUINTERO



SAMARA

UMA JORNADA XAMÂNICA

JOAL QUINTERO



SAMARA

UMA JORNADA XAMÂNICA

S A M S A R A

Uma jornada xamânica

S A M S A R A

Uma jornada xamânica

Joal Quintero

Recife

2020

©2020 Joal Quintero

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

P r o d u ç ã o e d i t o r i a l

Bianca Battesini

I L U S T R A Ç Ã O D E C A P A

Felipe Chaves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação. (CIP)

■

Q7 Quintero, Joal

Samsara : uma jornada xamânica / Joal Quintero. – Recife : edição do autor, 2020.

635 Kb ; ePub

ISBN 978-65-00-09404-6

1. Romance brasileiro 2. Espiritualidade 3. Xamanismo I. Título.

CDD 869.93

■

Elaborado por Itiene Nogueira Gama – CRB-7/ 6518

Parte I

O Samsara é como um caroço de manga que plantamos para comer o fruto. Quando a árvore cresce e dá frutos, as pessoas os comem, para, em seguida, plantar os caroços. E dos caroços nascem grandes mangueiras, que, novamente, dão frutos. Deste modo, a mangueira não tem fim. E assim, da mesma forma, nascemos aqui, morremos ali... Nascemos... Morremos... Nascemos... Morremos... Isto é o Samsara.

Koan Zen-Budista

Amigos e parentes vieram se despedir. Não havia choros nem lamentações. Em vez disso, indiferença e conformismo. Era como se dissessem: “Fazer o quê? Faz parte do processo.”

Alguns tentavam me confortar:

— Anime-se, amigo! Você vai ser feliz em sua nova vida.

A gente nasce, vive uma nova vida na terceira dimensão da Terra, morre e volta para a dimensão astral, onde nossas almas permanecem por um longo período de espera até serem recicladas para novas encarnações. E assim sucessivamente.

Outro colega apelou para uma breve dissertação:

— Lembre-se de que a noção do tempo é bastante relativa, o próprio tempo é uma ilusão. Por mais longa que seja a sua percepção do tempo naquela dimensão, ele será breve.

E eu respondi em pensamento: “Ah, tá. Vou tentar me lembrar, se isso for possível.”

Uma amiga mais íntima, com quem eu confidenciava segredos, assuntos conspiratórios e compartilhava uma recíproca admiração, soprou-me no ouvido, o que fez aliviar um pouco a minha tensão:

— Faça todo esforço possível para manter vivas suas lembranças quando estiver sendo submetido ao aniquilador de memórias na sala de transporte. Tente resistir o máximo que puder. Sabemos que é difícil, mas é possível. Com um maior esforço mental, tente manter algumas lembranças-chaves. Seja firme. Fui informada de que meu processo também está sendo analisado para uma nova encarnação. Torço que não demore, porque espero te encontrar o mais breve possível na fisicalidade. Vou tentar me lembrar de você. Tente se lembrar de mim também. Boa partida, meu amigo! Durante sua ausência por aqui sentirei muito a sua falta. Eu me identifico muito com você. Vamos tentar nos encontrar

do lado de lá. Promete?

— Prometo! — balbuciei, fazendo um duvidoso aceno positivo com a cabeça.

Resistir ao aniquilador de memórias equivalia a resistir a uma sessão de tortura física nos porões de uma prisão.

Ao contrário daquele inerte estado de conformismo dos meus entes e amigos que me visitavam, brotava em mim um embrionário sentimento de revolta com aquele destino de incontáveis idas e vindas de nascimentos e mortes sem fim. Alguma intuição ainda não assimilada completamente sugeria na minha mente de que aqueles acordos eram desonestos, uma espécie de trapaça que nos mantinha cativos em um sistema prisional rotativo, perverso e ditatorial. Éramos forçados a assinar aqueles contratos sob coação psicológica, baseada no medo e em ameaças de não alcançarmos o perdão eterno, o retorno ao paraíso celestial, que dariam à alma a definitiva liberdade do processo de repetidas encarnações. Após o ato de assinatura, éramos submetidos a um procedimento clínico no qual perdíamos completamente a lembrança de nossas identidades e personalidades de vidas passadas, e era decretada a morte residual dos nossos selfs psicológicos, com o apagamento dos registros de nossas memórias físicas.

E, mais uma vez, eu havia assinado um novo contrato, não muito diferente de tantos outros assinados antes. Diziam que eu possuía dívidas cármicas pendentes, acumuladas da última e de outras vidas passadas, e que, por um ato espontâneo de benevolência dos legisladores desse quadrante galáctico, eu teria uma nova oportunidade para quitá-las e ganhar a tão sonhada liberdade espiritual. Mas que tantas pendências cármicas seriam aquelas? Como zerá-las depois de tantas reencarnações, se não tínhamos o direito de acesso a nossas memórias de vidas passadas ou de saber quais eram as nossas dívidas cármicas? Que espécie de jogo era aquele, em que só os Senhores do Karma sabiam as regras?

Aquelas eram perguntas que invariavelmente ficavam sem respostas.

Os visitantes foram dispensados e convidados a se retirarem da sala de recepção após o término do rigoroso horário preestabelecido para o ato cerimonial de despedida. Em seguida, três assistentes, dois homens e uma mulher, todos vestidos com roupas impecavelmente brancas, conduziram-me a uma sala no final de um longo corredor da imponente construção de mármore branco. As

paredes possuíam grandes janelas com esquadrias douradas, cujas vidraças, vistas do lado de fora, refletiam as imagens das nuvens, do céu e dos raios do sol. Sim, no ambiente astral da quarta dimensão onde repousam as almas prisioneiras desencarnadas, também existem cidades, sol e atmosfera, como uma reprodução de como é a vida na terceira dimensão da Terra, embora estejam numa densidade material bem mais sutil e em outro nível existencial de tempo-espço.

Ao entrar na espaçosa sala toda pintada de branco, de ar gelado e hermeticamente isolada da visão e da luz exteriores, fui colocado numa confortável poltrona suspensa, semelhante a uma cadeira de dentista.

Havia mais duas assistentes femininas, igualmente vestidas de branco como seus colegas que me acompanhavam, um homem de mais idade que parecia ser o dirigente e uma espécie de médico-cientista, e era ele quem comandava os membros daquela equipe. Ao seu sinal, uma das assistentes colocou sobre minha cabeça um capacete metálico cheio de eletrodos. Outra atou meus pulsos e tornozelos com cintas de velcro presas à poltrona. Em seguida, ela começou a pressionar alguns botões num console ao seu lado e o homem que parecia ser o cientista acompanhava as imagens extraídas de minha mente, que iam surgindo num imenso monitor.

Um dos assistentes masculinos aproximou-se com uma seringa e inoculou na veia do meu braço esquerdo uma substância plasmática. Não senti dor alguma.

Eu tentava lembrar as palavras de minha amiga para que eu resistisse ao máximo ao apagamento das minhas memórias. Mentalmente eu me esforçava, mas sentia que em frações de segundos eu já ia me esquecendo do que tentava me lembrar.

Era uma disputa desigual. Minha mente se enfraquecia tanto pela substância aplicada quanto pelo poder da máquina que o médico manipulava, por onde ele apagava as lembranças extraídas e exibidas no monitor instalado diante de si — o aniquilador de memórias.

Eu conseguiria preservar alguma coisa depois de encarnado?

Ao ser retirada a seringa da veia, alguém ligou uns refletores posicionados alguns centímetros acima de minha cabeça. A potente luz branca me cegou completamente. Apaguei.

Em coma induzido, eu sonhava. Os sonhos no início eram nítidos, lúcidos e coloridos, sem seguir uma sequência linear de tempo dos acontecimentos.

No primeiro eu me via correndo em desespero por uma densa floresta à procura de refúgio. Atrás de mim homens selvagens lançavam dardos com pontas de sílex. Eram membros de uma tribo rival. Na fuga, deixei para trás a minha caça e o meu arco, o que me salvou daqueles silvícolas encolerizados.

No segundo sonho, eu devia ter uns 8 ou 10 anos e corria novamente mas, daquela vez, animadamente, percorrendo um campo de trigo num final de tarde de primavera, na companhia de outras crianças. Brincávamos felizes. Não muito distante de onde nos encontrávamos, eu avistava as pás de um moinho de vento e um castelo medieval.

Noutro sonho eu andava penosamente com sede e fome, arrastando-me pelas areias de um deserto, sem água no cantil e alimento no bernal. Ao longe, avistava uma comitiva de nômades que conduziam uma tropa de camelos carregados de mercadorias. Mais longe ainda eu conseguia divisar o topo de três gigantescas construções em forma de pirâmides, que era o destino que eu deveria alcançar pela caminhada que fazia por aquela areia escaldante.

Em mais um sonho eu assistia, algo entre perplexo e admirado, a um combate mortal entre dois gladiadores num estádio lotado e barulhento. Esse sonho se interrompeu no exato momento em que uma autoridade presente, que comandava o entretenimento, fazia sinal com o seu polegar esquerdo apontado para baixo para que o vencedor daquela luta sangrenta decapitasse com sua espada a cabeça do seu adversário.

No sonho seguinte eu viajava por mundos distantes em uma nave espacial, em que eu era um dos pilotos. Usávamos roupas sintéticas coladas ao corpo e viajávamos a velocidades inimagináveis. Tive a impressão de que era um tempo futuro.

Em seguida àquele sonho, eu vestia um trapo de estopa em forma de túnica com

desenhos de cruzes vermelhas pintadas nas barras, bem abaixo do joelho. Eu andava com outro homem, cuja túnica era tomada por desenhos de insígnias de fogo. Caminhávamos por ruas estreitas, calçadas com blocos de pedras escuras, mal iluminadas, e éramos seguidos de perto por um grupo de crianças e adolescentes que nos atiravam pedras, fezes e urinas, zombando e nos xingando de todo tipo de impropérios. Ao nos aproximarmos, adultos e donas de casa entravam e fechavam as portas de suas casas, como se portássemos uma doença incurável ou alguma desgraça amaldiçoada.

Sonhei ainda que observava seres diáfanos de dois tipos distintos, ambos de estatura baixa, crânio ovalado e desproporcionalmente maior em relação ao tamanho do corpo. Um grupo era de tonalidade clara e corpos translúcidos, e o outro de tonalidade cinzenta e opaca. Eram seres angelicais hermafroditas que realizavam experiências genéticas na Terra. Um daqueles seres de cor clara parecia ter polaridade feminina, pois inseriu em seu ventre um material genético extraído de um hominídeo macho que vivia naquelas paragens onde fora construído um imponente e belo jardim. Tal atitude gerou discordâncias com os seres de cor cinza. Parecia ter havido uma transgressão dos códigos de Ética Angelical. Numa cena seguinte eu via os seres levitando em direção a uma enorme árvore frondosa, protegida dentro de um castelo de cristal. Ao redor dela, uma máquina feita de tubos transparentes que processava a seiva. Todos se serviam do espesso líquido escuro e esverdeado. Em seguida, de mãos dadas e formando um círculo, seus corpos se iluminavam e emitiam uma pura e única luz branca, que se projetava aos céus. Aquela última cena provocou em mim uma estranha nostalgia.

Depois sonhei com um casal que eu sentia que seriam meus próximos pais. Eles moravam numa simples casa azul e detalhes brancos, casa antiga feita de adobe, com muitos cômodos, com um vasto quintal e diversos tipos de frutas e hortaliças. Eles estavam sentados ao lado de um rádio com detalhes dourados que ficava sobre um passador de renda de bilro numa mesinha de jacarandá. O casal ouvia as notícias sobre rumores de um golpe militar.

No último sonho que eu consegui memorizar, eu via o dia de minha morte. Eu não entendia por que havia dois de mim na cerimônia de passagem. Um que praticava em si a autanásia, forma deliberada e consciente de pôr fim aos sinais vitais do corpo físico, e outro que retornava ao corpo para partirem juntos a uma nova dimensão astral.

Os sonhos seguintes se tornaram confusos. As cenas de uns sonhos se mesclavam com cenas de outros. As imagens, distorcidas, mudavam de aparência instantaneamente. Talvez essa fosse a intenção, embaralhar tudo. Uma pessoa, que parecia ser alguém conhecida e amigável, de repente se tornava um ser estranho e ameaçador. Uma escada em que eu galgava os degraus a um andar superior de uma casa se tornava, na cena seguinte, uma rampa escorregadia em um prédio abandonado. Uma iluminada rua pavimentada e conhecida repentinamente se transformava num caminho estreito e sinistro no meio do mato. Aquelas cenas confusas foram se multiplicando em velocidade cada vez mais acelerada e se apagando da memória logo em seguida, até eu não mais sonhar.

Quando recobrei a consciência, encontrava-me aconchegado em uma cabine orgânica e maleável, envolvida por um líquido que me servia de alimento. Embora não enxergasse nada, sentia que era um ambiente seguro. De vez em quando eu escutava sons e vozes abafadas que soavam familiares. Muitas vezes eu sentia também que alguém me acariciava carinhosamente pela espessa parede, mas eu não conseguia ver nem tocar aquelas mãos delicadas.

Fui me acostumando com o ambiente acolhedor, ainda que me sentisse aprisionado. Eu reparei que eu engordava e crescia em sincronia com aquele abrigo úmido em forma de concha, que igualmente aumentava de volume. Apesar da falta de iluminação, em raríssimas ocasiões eu percebia uma sutil claridade opaca exterior vinda de uma determinada direção. Passei então a ficar de frente para aquele lado mais claro.

Chegou a um ponto em que o ambiente se tornou incômodo e apertado, o que me causou desconforto físico. Eu já não tinha muito espaço para me movimentar, o que me obrigou a vergar a coluna e encolher braços e pernas. Então passei a procurar uma maneira de como escapar dali. Passei a dar cambalhotas, bem como dar chutes nas paredes maleáveis.

Numa dessas manobras com o corpo, descobri uma cavidade na parte inferior do meu abrigo e procurei inspecionar aquela possibilidade. Nas primeiras tentativas sofri um bocado. A cavidade era apertada e escura, e eu não tinha certeza de onde ia dar. Ao mesmo tempo em que eu forçava a abertura da passagem, eu sentia o ambiente ao redor se contorcer e sofrer pequenos tremores. O que seria aquilo? Por receio e dúvidas, eu voltava ao meu lugar. Todavia, o desconforto aumentou. Eu sentia que já não cabia ali.

O cheiro e o sabor do líquido que me servia de alimento já não me agradavam. Eu já estava enjoado daquilo e desejava algo mais substancioso. Eu havia engordado bastante nos últimos dias e me preocupava de ficar atrofiado naquele lugar apertado que não acompanhava mais o ritmo de minha expansão corpórea.

Decidi fazer novas tentativas para encontrar uma saída por aquele vão, pois não

havia mais alternativas. Novamente todo o ambiente se estremeceu. Daquela vez ouvi gemidos vindos do lado de fora e pensei que alguém também devia estar preso do outro lado e devia ter se machucado com aqueles tremores e contorções. Eu sentia que deveria continuar forçando, porém, fiquei exausto de tanto esforço infrutífero.

Tentei me recolher à posição anterior, no entanto, não era mais possível. Além disso, precisei me desvencilhar do tubo que me mantinha conectado ao meu casulo que, com a tentativa frustrada, havia se enroscado no pescoço. Tive de fazer esforço extra para girar o meu corpo e me desembaraçar daquele iminente perigo que poderia me enforcar.

Livre daquele embaraço, eu ainda não conseguia mais retroceder ao lugar anterior. Minha cabeça e a parte superior do tronco ficaram enganchados naquela cavidade em que eu me metera, causando dores e muito desconforto.

Para piorar, houve um rompimento do ambiente em que eu me abrigava e parte do líquido que o envolvia se esvaiu por aquela fenda. Bateu um desespero, e eu sabia que não podia permanecer ali entalado. Senti naquele momento que seria mais fácil eu seguir em frente forçando a abertura da passagem do que tentar voltar para trás.

Sem recuperar totalmente as minhas forças, reiniciei os movimentos para escapar. À medida que eu empurrava, aumentavam as contorções e tremores e eu ouvia gemidos e gritos cada vez mais fortes. Apesar do meu desconforto, eu estava em melhores condições do que a pessoa que se encontrava do outro lado. Precisava sair logo para também poder ajudá-la.

Recobradas as forças perdidas, parti decidido a sair de vez. Não havia mais como voltar atrás. Naquele exato instante eu senti que o meu abrigo se movia como se estivesse sendo conduzido por algum meio de transporte. De repente parava. Entre gritos e gemidos, voltava a se movimentar. Passei a ouvir vozes abafadas de outras pessoas, sem conseguir distinguir o que falavam. Uma voz masculina que parecia mais próxima se distinguia das demais, e pude finalmente entender que ele pedia calma em curtas frases espaçadas: “Aguente firme...” “Só mais um pouquinho...” “Já estamos chegando...”

Meu desespero aumentava ainda mais por não saber e enxergar o que exatamente se passava do lado de fora. Fiquei agitado. De repente senti que o lugar onde eu

estava havia mudado de posição. Antes eu tinha a meu favor a força da gravidade, que facilitava a minha descida para a passagem, que ficava na parte inferior. Depois, havia passado a ficar no plano horizontal. Continuei a forçar a passagem com a cabeça sempre à frente, dando impulsos com os pés e as mãos.

Naquele momento eu sentia uma forte pressão sobre o crânio e o cérebro se aquecia pela elevação da temperatura da corrente sanguínea que subia até a cabeça pelo excesso de esforço. Passei também a sentir fortes dores nas têmporas e nos ombros, mas dominei aquela sensação ruim e contive a vontade de chorar. Eu ainda podia suportar. Quem parecia não suportar mais a dor era a dona daquela voz do outro lado. E mais uma vez tive de bancar o herói para tentar salvar quem parecia sofrer de dores mais fortes do que as que eu sentia. Além do mais, minha intuição me dizia que era uma voz de alguém bastante familiar que, no entanto, não conseguia decifrar quem era exatamente. Minha memória continuava confusa pelos danos do aniquilador de memórias. Só sei que sentia carinho e uma forte atração por aquela voz, desejando logo estar ao seu lado para consolá-la.

Num último esforço concentrado, dei novo impulso com os pés, apoiei as mãos nas paredes rugosas e rompi finalmente a passagem.

Tomei um grande susto! Numa ínfima fração de segundos antes de ser momentaneamente cegado pela forte luz da sala gelada, parecia que eu estava de volta ao recinto onde a equipe vestida de branco me induzira a um sono profundo.

O ambiente estava modificado, havia uma nova equipe que usava aventais e máscaras nos rostos, e os equipamentos eram diferentes. O que mais me assustou foi ter captado naquele rápido abrir de olhos que as pessoas presentes naquela sala eram gigantes e havia uma mulher deitada numa maca sendo atendida pela equipe. Não deu tempo de distinguir o seu rosto, mas senti uma imediata ternura por ela.

Sem poder enxergar, senti que um dos gigantes me levantou pelos pés e me pôs de cabeça para baixo. Em seguida, recebi uma dolorosa palmada nas nádegas de quem parecia estar enfurecido com a minha presença. Eu fiquei sem entender. Como podiam me agredir daquela maneira se eu me esforçara tanto para acudir alguém que agonizava de dor?

A forma violenta com que fui recepcionado me causou indignação.
Inconformado e revoltado por tamanha ingratidão, não me contive. Enchi de ar os pulmões para protestar. Mas só consegui chorar. Em prantos e aos berros!

O monge perguntou ao Mestre:

— Como posso sair do Samsara?

O Mestre respondeu

— Quem te colocou nele?

Koan Zen-Budista

Eu brincava no quintal de casa quando escutei a mãe chamar o pai para ouvir uma notícia no rádio. Meu pai havia comprado recentemente aquele aparelho e era a peça principal da sala, anos antes da chegada da torre dos sinais de televisão em nossa cidade.

Em transmissão extraordinária de uma emissora carioca, um repórter anunciava que os militares haviam deposto o presidente e assumido o poder. O jornalista parecia bastante entusiasmado e entrevistava um popular. Exaltado, o outro homem dizia que o país havia sofrido um golpe de estado e que o povo deveria reagir. Encerrando abruptamente a entrevista, o repórter disse de pronto que não era um golpe, e sim uma revolução que os militares estavam fazendo para expulsar a ameaça comunista.

Ao chegar à sala e me aproximar dos meus pais, eu me arrepiei todo e tive uma estranha sensação de já ter vivido aquele momento. A constatação foi maior quando olhei para os detalhes do rádio apoiado sobre uma mesinha de jacarandá, coberta por um passador de renda de bilro. Não entendia como aquilo era possível e fiquei assustado.

Meus pais, que tinham o semblante de seriedade e desapontamento, acharam que o meu ar de espanto fosse pelo mesmo motivo. Ficaram admirados de ver em mim, uma criança ainda na primeira infância, as preocupações com fatos de que, pela idade, não teria condições de compreender. Mal sabiam eles de que o motivo de meu espanto era outro. Eu nada disse.

Já saindo da sala em direção à porta da rua, eu pude adivinhar os fatos antes que viriam a ocorrer, sempre algumas frações de segundos à frente, antecipando o conteúdo dos comentários que faziam alguns vizinhos que saíam às ruas para lamentarem a notícia. Eu era capaz de formular mentalmente e adivinhar frases inteiras, instantes antes de elas serem proferidas.

Da mesma forma como surgiu, o fenômeno de repente desapareceu. Os dois intervalos de “tempo-espço” (comparável a delays) voltaram a se ajustar numa mesma frequência linear de tempo. Aquela foi, pelo que me lembro, a primeira

sensação de déjà-vu, fenômeno que viria a se repetir muitas vezes durante outros momentos de minha vida, e que eu só compreenderia depois de me tornar um adulto de meia-idade.

Nasci numa pequena cidade do interior da Bahia, numa família católica e numerosa de filhos. Meu pai possuía uma pequena fazenda onde criava ovelhas e gado leiteiro, e tinha roças de café, milho, feijão, mandioca e cana de açúcar. Meu pai era um homem rude, criado na lida dura e difícil de pequeno produtor rural. Ele abandonou os estudos ainda na adolescência e mal sabia ler e escrever. Minha mãe era mais culta, gostava de ler e de se instruir. Era uma pessoa bastante ponderada na tomada de decisões e, por isso, muito respeitada pelos parentes e vizinhos que a procuravam para ouvir seus conselhos.

Eu era o penúltimo filho de um total de oito. Enquanto meus irmãos brincavam com os vizinhos nas horas livres, eu preferia ler. Lia desde gibis a livros indicados para uma faixa etária maior do que a minha. Eu gostava também de ler a revista O Cruzeiro. Na verdade, eu olhava mesmo eram as fotografias. Algumas diziam mais do que as notícias. Lembro-me bem das fotografias de um astronauta vestido com roupas estranhas e com um capacete envidraçado. Minha mãe, ao me ver tão interessado pela imagem, explicou-me que ele era Yuri Gagarin, cosmonauta russo em missão na primeira viagem do homem ao espaço. Ele foi o primeiro a vê-la daquele ponto de vista, cunhando uma frase para a posteridade: “a Terra é azul.” Eu não entendia por que tanta admiração por aquela frase. Na minha memória, a Terra sempre fora azul.

Outras fotos com homens de capacete que me chamavam atenção eram sobre a guerra do Vietnã. Muito me impressionavam as fotos de soldados estadunidenses fortemente armados executando indefesos cidadãos civis, velhos e crianças vietnamitas.

No meu infantil modo de pensar, eu ainda não era capaz de emitir juízo de valor, apenas sentia internamente que aquilo não era justo. Eu ficava sem compreender o porquê das guerras e mortes de tanta gente inocente. De uma forma não racionalizada, perguntava-me sobre qual seria o sentido de se viver no planeta Terra. Minha intuição dizia que o sentido da vida deveria ser outro. Eu tentava associar o que aprendia nas aulas de catecismo e religião sobre os ensinamentos pregados por Cristo com a realidade observada nas páginas coloridas das revistas. Havia muita contradição.

Pelo que eu ouvia das pessoas adultas, apesar de por princípio não concordarem com guerras e disputas por poder, pareciam indiferentes àquela realidade, quase insensíveis, como se fosse inevitável. Não sabia por quê, eu tinha a impressão de já conhecer o conformismo humano.

Mas de onde vinha aquela sensação? Eu não me lembrava.

Outras manifestações parecidas se repetiram durante minha primeira e segunda infâncias. Eu não compreendia porque aconteciam aqueles fenômenos e até achava que acontecesse com todo mundo.

Um dia meu pai me levou para acompanhá-lo à fazenda, onde ele iria fazer uma queimada para depois plantar capim para o gado leiteiro e o rebanho de ovelhas. O local escolhido ficava na parte mais elevada de uma colina, onde a incidência de ventos era maior.

Dias antes, ele havia preparado os aceiros ao redor do novo mangueiro de pasto. Em seguida iniciou o ateamento do fogo na parte norte da mata de capoeira, do lado contrário de onde procediam os ventos, e pretendia terminar na parte sul, para concluir em segurança a queimada daquela área. Mas a natureza às vezes se rebela e mudou a direção dos ventos. Cercados pelo fogo por todos os lados, meu pai, desesperado e sem muito pensar, calculou rapidamente onde havia menos chamas para atravessarmos às carreiras para um local seguro. Ele abandonou as ferramentas e pegou apenas o facão para abrir caminho pelo mato que crepitava. Com o outro braço ele pegou em minha mão e pediu que eu o acompanhasse, ficasse de olhos cerrados e corresse ao seu ritmo, sem soltá-lo.

Mal iniciamos a corrida eu o puxei com força para outra direção, dizendo a ele que a árvore grande à nossa frente ia cair sobre nossas cabeças. Ele gritou comigo e voltou a me puxar para mantermos o sentido indicado. Então eu tive um impulso de largar a sua mão e correr na direção oposta, sabendo intuitivamente que ele me acompanharia, já que ele não queria me escutar. Bravo e ralhando muito comigo, ele não teve alternativa que não fosse vir ao meu encalço como reação natural de proteção paterna.

O fogo ardia até a copa da capoeira, e o calor já se sentia a pequena distância. Eu enxerguei uma picada no meio das chamas, ao acaso, e corri naquela direção em alta velocidade, sendo acompanhado de perto pelo meu pai. Tivemos sorte de não nos queimarmos, apenas sentimos o ardor das chamas pelo corpo,

principalmente nos braços e nos pés. Mas escapamos ilesos sem sofrer nenhuma queimadura.

Ao chegar a salvo do outro lado do aceiro que protegia a mata nativa, meu pai começou a tirar da calça o currião de couro para me dar uma surra pela desobediência. Embora estivéssemos a salvo, no seu modo de pensar, nós poderíamos ter sofrido queimaduras. E ele, como adulto responsável e experiente, sabia o lugar mais seguro para escapar do fogo. Toda a sequência de acontecimentos se desenrolou muito rápido, em questões de segundos. Antes que ele conseguisse tirar o currião da cintura, tentei explicar que tinha visto a queda de uma árvore velha sobre nós. Ele, indignado e com raiva, retrucava:

— Você está ficando louco, seu moleque teimoso! Não caiu nem vai cair árvore nenhuma. Pare de inventar e imaginar coisas! Você vai aprender agora a me obedecer e nunca mais voltar a me desrespeitar.

Antes que ele me desse a primeira chicotada, ouvimos o estrondo da queda da árvore bem na direção em que ele imaginava ser mais segura. Ao ver o aumento das labaredas provocado pela queda da árvore, ele parou com o currião à meia altura, recolheu seu braço e me fitou por longos segundos, sem dizer uma só palavra ou piscar os olhos, como se tivesse ficado paralisado em seus movimentos. Parecia em estado de choque. Talvez quisesse fazer alguma pergunta, mas parece ter desistido. Sem querer entender o que havia ocorrido, pegou em minha mão e, em silêncio, conduziu-me de volta à casa que servia de sede da fazenda. De lá, montamos no cavalo, eu na garupa, e voltamos para casa, distante poucos quilômetros da fazenda. Nunca mais ele tocou naquele assunto.

Ao entrar na adolescência minha família se mudou para São Paulo, capital. Lá eu teria novas e diferentes manifestações.

O caso mais estranho foi quando voei de braços abertos.

Eu havia ido sozinho a um show num sábado à noite. No palco do Tuca, teatro da universidade católica de São Paulo, apresentaram-se algumas bandas de rock, entre elas, Os Mutantes, O Terço e Rita Lee, acompanhada da banda Tutti Frutti. Lá conheci dois rapazes, Dieter e Marcos, que moravam na mesma região que a minha, mas em direções diferentes. A empatia foi imediata e recíproca, como se fôssemos amigos de velhos tempos.

Ao final do show, Dieter nos ofereceu uma carona. Ele era filho de um imigrante

alemão e morava num sítio no extremo sul da cidade, quase na divisa com Itapecerica da Serra. Naquela época, os bairros mais distantes tinham aspectos de zona rural, com muitas áreas verdes e resquícios de mata atlântica ainda preservada. Havia muitos pastos, granjas e produção agrícola de legumes e hortaliças. Nem parecia que faziam parte de uma metrópole como São Paulo.

Pelo caminho, ele sugeriu que dormíssemos em sua casa, pois já era madrugada e poderia ser perigoso ficar transitando de carro àquela hora pelas periferias.

O receio não era tanto por medo de assaltantes, mas da Polícia Militar ou do Exército, que naquele tempo não tinham muitas simpatias por jovens cabeludos e estudantes. Vivíamos sob uma ferrenha ditadura militar, e era comum ouvir relatos de “sumiço” de jovens pelos aparelhos repressivos do Estado. Nossos pais ficavam temerosos e apreensivos enquanto não voltássemos para casa. Chegavam às vezes de nos proibirem de sairmos sozinhos ou em companhia de determinados grupos de amigos. Mas a vida precisava seguir seu rumo, e, conforme a gente ia crescendo, nossos pais iam se habituando ao nosso direito à diversão nos finais de semana.

Os pais do meu amigo haviam viajado. Estando apenas nós três naquela aconchegante casa avarandada, parte feita em madeira e parte de vidro e alvenaria, sentimo-nos seguros para fumar uns baseados e ouvir música. Estávamos sem sono. Meu amigo pegou queijos e vinhos e nos refastelamos à vontade entre uma tragada e outra nos cigarrinhos de cannabis. Conversamos sobre espiritualidade, religião, espiritismo, expansão da consciência, xamanismo e assuntos dessa natureza. Sentados confortavelmente em pufes de couro, dormimos por ali mesmo.

Acordamos já pelo avançar da manhã de um domingo de sol. Não tínhamos noção das horas, nem estávamos preocupados com o tempo. Fizemos o desjejum com chucrute e salsichão d’alho, sobras da geladeira. Eu disse que precisava ir embora porque eu não tinha como avisar minha família de onde eu estava. Meus amigos disseram para eu relaxar e que depois eles me levariam de carro. Concordei.

O amigo anfitrião nos confidenciou que seus pais frequentavam um grupo de Santo Daime, que naquele tempo funcionava clandestinamente porque era proibido por lei federal. Ele se lembrou de que talvez tivesse guardado o restante do chá de ayahuasca na geladeira, que seu pai preparava para as cerimônias. Por

sorte, encontrou. Então, ele propôs que experimentássemos.

— Mas, bicho, essa não é uma bebida sagrada? Não é para ser usada só em rituais xamânicos? — indagou Marcos, hesitante.

Eu também hesitei. Já tinha ouvido falar e tinha receio de perder a consciência.

Talvez percebendo a preocupação no meu semblante, Dieter disse que os efeitos variavam de pessoa para pessoa. Ele citou casos de pessoas que experimentavam boas sensações de desdobramento da alma e visitavam outros ambientes dimensionais e de paz, enquanto outras pessoas experimentavam sensações ruins, visões de monstros e demônios. Definitivamente, o chá despertava nas pessoas aquilo que elas nutriam e vibravam em seus corações e mentes. Aquilo acontecia porque as plantas tinham poder.

— Os espíritos de cada um dos vegetais utilizados para a feitura do chá não são nem bons e nem maus. São neutros — Dieter frisou bem. — Plantas também possuem espíritos, embora de outra natureza, diferente do espírito humano. Assim como dos animais, dos cristais e dos planetas, cada tipo numa determinada frequência de luz e de acordo com cada um dos reinos a que pertencem. Os vegetais apenas oferecem as chaves para a expansão da consciência. A escolha de que portas abrir cabe às crenças individuais e ao que cada pessoa cultua.

No fim, nós três não resistimos à curiosidade e resolvemos tomar a bebida sagrada naquela manhã.

Sem conhecer os procedimentos cerimoniais do Daime, improvisamos um pequeno ritual para tomar a bebida, passando o copo de mão em mão, de forma circular, como os gaúchos fazem com o chimarrão.

Fui o último a beber. O cheiro causava náuseas antes mesmo de ingerir o chá. Sorvi uma boa quantidade de um só gole. O sabor deixou na língua um gosto estranho e amargo. Sacudi a cabeça ao sentir a bebida descer pela garganta e devo ter feito uma indisfarçável careta.

Fizemos alguns minutos de silêncio e meditação. Depois continuamos a conversar sobre os assuntos da noite anterior enquanto éramos relaxados pelo som vindo da vitrola.

Não percebi quando o chá começou a fazer efeito. Em meio a visões psicodélicas que começava a ver em minha mente, eu sentia ânsia de vômito, o corpo todo tremia, a barriga parecia uma batedeira, com tremores frívolos que não conseguia controlar. Corri para o banheiro, ajoelhei diante da bacia sanitária, mas não conseguia vomitar. O enjoo piorava, saía muita baba e saliva e eu tinha a impressão de ter vários fios de cabelos soltos na boca. Meu estômago se esforçava para expulsar seu conteúdo, mas eu só conseguia emitir grunhidos escandalosos. Resolvi meter o dedo pela goela e só então botei para fora. Várias vezes, em jatos cada vez mais espaçados, acompanhados de líquidos malcheirosos e pedaços sólidos da última refeição. Eu cuspi muita baba. Uma cena nojenta, repugnante, nada agradável. De dentro do banheiro em que eu estava, escutava vômitos vindos do banheiro dos fundos.

Minutos depois cessaram as sensações ruins. Veio a parte boa. Como naquele ditado que diz que depois da tempestade vem a bonança.

Bastava fechar os olhos para enxergar formas geométricas diversas, desde esferas e bolhas transparentes a poliedros de múltiplas faces coloridas com tonalidades que iam do laranja ao violeta passando pelos verdes, azuis e dourados, e que emitiam luzes estroboscópicas. Havia também muitas mandalas que evoluíam como que vindo para dentro de minha mente, depois se desmanchavam em magníficos cristais de tonalidades que variavam do rosa e dourado para azuis e violetas, além de emaranhados de centenas de lindas serpentes multicoloridas que se enroscavam umas nas outras em alta velocidade, formando paredes de infinitos túneis em movimentos circulares, em um cenário tranquilo, convidativo, lindo, maravilhoso.

O som vindo da vitrola tinha uma profundidade em três dimensões. Eu ouvia a música de todos os lados, ora sobre a minha cabeça, ora por trás de minhas costas. Eu olhava para a vitrola e as caixas de som para ver se alguém estava movimentando os equipamentos. E estava tudo lá em seu lugar. Era uma sensação mágica. Embalado pelos arpejos hipnóticos do instrumento que produzia um som espacial da música “Soon”, ou pelas notas dos sintetizadores, do contrabaixo e dos vocais de Jon Anderson em “Wonderous Stories”, do grupo Yes, comecei a me ver fora do corpo. Achei engraçado aquilo. Sorri.

Olhei ao redor e via do alto, sob o telhado da casa, eu (o meu corpo) e meus amigos recostados em pufes e almofadas, em posições de relaxamento. Levitei e atravessei o forro e o telhado, como se fosse algo natural, e olhei ao redor. Eu

podia ver de cima do telhado da casa toda a vizinhança, uma vasta área verde, com uma estrada central de onde saíam ruas estreitas de terra, guardando boa distância entre elas, que conduziam a conjuntos de casas simples de periferia. Percebi que conseguia voar e resolvi dar um passeio pelo bairro. Abri os braços e dei um impulso com os pés.

Comecei voando devagar e em baixa altitude e fui aumentando a velocidade e subindo mais alto, assim que adquiria confiança nas manobras. Eu via e ouvia as pessoas, mas era invisível para elas. Observei alguns urubus voando bem mais alto e achei que eu também conseguiria. Usei as palmas das mãos como leme e fui alcançando mais altitude. Avistei a represa de Guarapiranga, o lugar próximo de onde eu morava, distante vários quilômetros dali. Decidi ir até lá. Por que não?

Resolvi sobrevoar a minha casa. Da altura de onde eu estava, era possível ver em detalhes como se eu possuísse olhos de águia, e podia ouvir tão bem como se eu tivesse fones instalados no ouvido. A minha família estava agitada, todos preocupados com a minha ausência. Escutei um irmão dizer que já tinha ido à delegacia e alguns hospitais para ter alguma notícia. Entrei em pânico. O passeio que eu curtia, até então muito agradável, tornou-se um pesadelo.

Acordei sobressaltado, ainda em transe pelo efeito do chá. Chamei pelos meus amigos, sacudi seus corpos para se despertarem. Eles, assim como eu, estavam “na força da ayahuasca”. Não marcamos as horas, mas devíamos ter passado um bom tempo sob o efeito da substância. Eu calculei entre três a quatro horas, pois já eram mais de três horas da tarde pelo relógio da parede da cozinha e tínhamos iniciado a beberagem no final da manhã. Fiz um café forte para despertar. Entramos no carro e tomamos o rumo para casa.

No caminho, eles só se interessavam em saber como eu havia conseguido sair do corpo e voar. Ficaram curiosos. Eu não sabia explicar, minha saída do corpo fora involuntária.

Quase tomei uma surra coletiva dos meus pais e meus irmãos mais velhos. Ouvi de cada um deles um encadear de sermões. Acho que eu até preferiria levar uns tapas em vez daquilo. As orelhas queimavam. Disseram que eu estaria proibido de sair à noite sozinho ou com os meus amigos.

Tive sorte de que não suspeitaram de minha experiência com os enteógenos,

senão a situação teria se tornado mais grave. Foi mesmo muita irresponsabilidade de minha parte não ter avisado por telefone que iria dormir na casa de um amigo. De tão traumatizado que fiquei por aquela reprimenda, prometi a mim mesmo não repetir a aventura. Mas a sensação de sair do corpo e poder voar nunca mais me esqueci. Eu estava com 16 anos de idade.

Duas lagartas viviam na árvore mais alta da mais alta montanha e se alimentavam de todas as folhas verdes que pudessem comer. Chegou o dia em que elas se transformariam em borboletas. Antes de se isolarem nos seus casulos, fizeram uma promessa: uma esperaria pela outra converter-se em borboleta para poderem voar juntas. Enquanto ocorria a metamorfose, houve uma forte tempestade que destruiu a floresta e atirou os casulos para longe, um distante do outro. A tempestade parou e elas saíram de seus casulos como belas borboletas, mas se viram sozinhas e ficaram tristes. Sentiam muita falta uma da outra e saíram à procura de seu par. Mas, como se reconheceriam se tinham mudado suas formas?

Fábula japonesa

Conheci Renata casualmente num shopping. Eu estava na fila do caixa de um quiosque de café. Logo atrás de mim, uma jovem fez o mesmo pedido que eu, um cafezinho expresso. Cada um pegou seu respectivo tíquete e foi aguardar ao lado.

Quando nós nos olhamos, tivemos uma recíproca reação de surpresa. Encaramo-nos por alguns segundos a mais que o normal. Eu me adiantei a ela:

— Desculpe, vou falar algo que pode parecer clichê, ou uma típica cantada fajuta e manjada. Garanto que não é o caso. Mas tenho a impressão de que te conheço de algum lugar.

— Engraçado, tive a mesma impressão — respondeu ela, com um semblante de empatia e um esboço de sorriso.

— Você saberia me dizer de onde? Assim, de momento, não faço nenhuma ideia.

— Acho que empatou. Eu também não me arriscaria a dizer, por enquanto. Mas certamente já nos conhecemos. Você não me é estranho.

Olhei para as mesinhas perto do quiosque e havia uma disponível. Eu a convidei para sentar e tentarmos descobrir se de fato nos conhecíamos. Ela assentiu. Então fizemos, cada um por sua vez, as suposições óbvias: eventos sociais, faculdade, igreja, clubes, bairro e condomínio de residência... Não deveria ser tão difícil. Mas não era nenhuma daquelas possibilidades. Eu fora morar em Recife havia pouco tempo. Ela também informou nunca ter ido a São Paulo, de onde eu me mudara. Foi quando tive uma última ideia, repentina, já quase nos despedindo após terminarmos de tomar nossos expressos.

— Então só nos resta uma opção. Você acredita em vidas passadas, reencarnação, esse tipo de coisa? — arrisquei, divertido.

— Acreditar, acredito, mas nunca tive provas... Por quê? Você acha que nos conhecemos de outras vidas? — Ela sorriu. Após uma breve pausa, continuou:

— Interessante! Essa ideia não tinha me ocorrido.

— Já pensou? — respondi, achando graça. — Bem, a conversa está muito boa, mas infelizmente eu tenho que ir.

— Espere! Eu gostaria de conversar mais... Quero dizer, vidas passadas. Fiquei curiosa. Tenho a impressão de que você entende sobre isso. Estou certa?

— Sou apenas um curioso. Na realidade, não tenho contato há bastante tempo com esses assuntos, sabe como é, o trabalho afoga a gente... — Era fácil me abrir com ela. Deixei a sensação de lado, tanto por comedimento, quanto pela hora. — Mas, olha, eu também gostaria de ficar aqui conversando com você. Aliás, muito me agrada estar ao lado de uma jovem tão bo... inteligente, mas agora não posso mesmo. Já estou atrasado.

— A gente poderia marcar outra hora, então? Eu venho sempre ao shopping. Você se incomodaria?

— Claro que não. Anote meu telefone. Quando você estiver por aqui, dê uma ligadinha. Agora preciso ir de verdade. A propósito, meu nome é Henrique. Qual é o seu?

— Renata.

— Muito prazer, Renata. A gente se encontra por aí. — Em seguida, emendei: — Ligue mesmo, o prazer de conversar com você será todo meu.

Ao esticar a mão direita para me despedir, ela aproximou o rosto para dar dois beijinhos, um em cada face, o que me pegou de surpresa — aliás, uma grata surpresa. A gente mal acabara de se conhecer, fortuitamente.

Enquanto eu me dirigia pelo shopping em direção ao compromisso, fiquei pensando sobre o encontro casual. De onde eu a conhecia? Eu disse a ela sobre “vidas passadas” ao acaso, mais como uma pilhéria para encerrar o assunto. Mas ela levou a sério e me fez pensar sobre a possibilidade. Seria mesmo possível? De fato, eu acreditava em vidas passadas, reencarnação, essas coisas. Adorava ler sobre. Mas nunca havia parado para pensar nem imaginado conhecer e reconhecer alguém de outras encarnações.

Aquele assunto aguçou a curiosidade. E também aguçou o lobo em mim, que se

interessou pela jovem.

Dois dias depois, recebi uma ligação no celular. Era Renata. Fiquei surpreso, pois sinceramente não esperava, apesar de ter lhe dado o número do telefone — embora, confesso, eu tivesse chegado a desejar por aquilo. Não sei se existe alguma estatística sobre a porcentagem de retorno de ligações sobre a quantidade de cartões de visitas que distribuímos por aí. Acredito ser baixa. Sem mais delongas, atendi a ligação.

— Oi, Henrique, tudo bem? Posso chamá-lo assim, né? Sem usar o “senhor” na frente do nome?

— Claro, Renata. Até prefiro. E agradeço. Você não imagina o quanto isso me deixa lisonjeado.

— Maravilha! Então, Henrique. Eu fiquei matutando sobre de onde a gente se conhece, pois eu estou convencida que, sim, já nos conhecemos. E pensei também sobre o assunto de vidas passadas. Nossa! Passei as últimas duas noites só pensando nisso.

Eu dei uma risada.

— Está falando sério? Eu falei aquilo brincando, garota. Não encuque com essas coisas, não. Sim, eu também continuo achando que te conheço de algum lugar, mas provavelmente a gente já se viu aqui mesmo pelo shopping. É o mais provável...

— Ah, não estrague a fantasia! Você pode não ter levado a sério, mas eu, sim. Até fiz umas pesquisas na internet. Aliás, é sobre isso que estou ligando. Você pode se encontrar comigo no quiosque de café? Eu descobri umas coisas interessantes...

Antes que ela completasse a frase, um estranho lampejo do rosto dela atravessou a minha mente. Um tipo de insight, daqueles que nos deixam confusos, sem saber identificar de onde vêm e como surgem. É interessante que esses flashes ocorrem em uma fração de segundos, mas parece que trazem um conteúdo

empacotado, como arquivos zipados, que, quando abertos, contêm uma infinidade de informações.

Demorei pouco mais de um segundo para notar que a imagem que surgiu no rápido lampejo era a de uma mulher um pouco mais velha, embora ainda jovem. Caramba! Talvez então não fosse a Renata que eu conhecesse, e sim uma mulher mais madura, parecida com ela, que eu conheci antes. Provavelmente eu estava confundindo Renata com aquela imagem mental. Isso acontece.

Mas, por outro lado, Renata também achava que me conhecia. E isso era estranho. Voltei a ficar curioso.

— Ô Renata, eu gostaria muito, mas hoje não posso. Eu vou salvar o seu telefone na agenda e te retorno. A não ser que você não se importe em ser na hora do almoço. A gente pode almoçar no shopping mesmo. Que tal?

— Adorei a ideia. Onde e a que horas eu te encontro?

— Escolha uma das praças de alimentação, que eu te encontro lá ao meio-dia.

— Hum... Eu tenho outra sugestão.

— Ah, é? Sou todo ouvidos.

— Eu pego você numa das saídas para o estacionamento e a gente vai num restaurante do lado de fora do shopping, que tem um ambiente mais tranquilo pra conversar. As praças de alimentação são muito barulhentas e cheias. O que você acha?

— Legal. Então me pegue na garagem coberta, área B, na entrada da C&A.

— Beleza! Te encontro lá ao meio-dia, em ponto. Tchau!

— Tchau, Renata!

O almoço demoraria mais tempo do que eu poderia dedicar para a refeição, mas não resisti ao convite e à possibilidade de voltar a conversar com aquela jovem tão atraente. A pauta me interessava, sim, mas não era meu foco principal. O que eu queria mesmo era conhecê-la melhor.

Ao sair pela porta da C&A, que dava para o edifício garagem do shopping, escutei a buzina vinda de um Fiat Palio preto. Era a Renata. Dirigi-me até o carro, ela esticou o braço direito para abrir a porta do passageiro e nos cumprimentamos com dois beijinhos no rosto. Dessa vez achei mais natural a forma de cumprimento.

Ela estava com um vestido estampado de tecido esvoaçante. O seu perfume era suave e agradável, de uma fragrância floral. Usava maquiagem leve e um pronunciado batom carmim. Estava linda, sensual. Provocante! O meu lado lobo conquistador ficou assanhado. Tive de contê-lo.

— Você é pontual, Renata. Faz tempo que chegou?

— Não, acabei de chegar. Ser pontual é uma das minhas muitas qualidades — comentou, com um sorriso.

— E aonde vamos? — Sorri de volta.

— Num bistrozinho lindo aqui perto. Não se preocupe que o serviço não é demorado, você não vai se atrasar para os seus compromissos. Mas é um lugar mais sossegado pra gente conversar sem precisar levantar a voz — disse, dando um breve sorriso, que viria a ser uma característica sua, quando dizia ou insinuava alguma coisa maliciosa.

— Ok. — E, mudando de assunto, emendei. — Você está diferente hoje. Parece mais madura.

— Você quer dizer mais velha? — perguntou num tom mais seco, como se a desagradasse.

— Não quis dizer isso. Pelo contrário. Você está até mais bonita, mais charmosa. — Eu queria dizer sensual. — Aquele dia no café você parecia mais adolescente. Hoje você parece mais madura, mais mulher. Se eu não estiver sabendo explicar, entenda isso como um elogio.

— Agora entendi. Obrigada!

A reação revelou que ela era bastante vaidosa. E isso era bom. É mais fácil para um lobo conquistar sua presa explorando pelas vaidades.

Conversamos algumas amenidades e logo chegamos ao bistrô. Havia dois pequenos salões. Seguimos para o que ficava no piso superior, no mezanino. O lugar era charmoso, de comida típica italiana, fácil de adivinhar pelos cheiros de manjerição e ervas aromáticas que perfumavam o ambiente. A decoração era moderna, agradável e de bom gosto, e o ambiente era tomado por românticas músicas italianas.

Ela pediu um penne al pesto com filé ao molho de ervas passado na manteiga. Eu pedi um fettuccine al pomodoro com filé crocante à parmegiana. Para beber pedimos água e um vinho Chianti (eu nem desejava beber para não dar sono após o almoço, mas a sugestão de Renata do vinho leve para combinar com os pratos foi irrecusável).

Ela invertia assim os papéis convencionais, quando geralmente é o homem quem faz as sugestões dos vinhos. Era outra sua característica sua, uma mulher moderna, independente.

— Estou encantado com você, Renata. E dessa vez você já sabe que isso é um elogio, eu espero.

— Obrigada, Henrique. É experiência de outras vidas — brincou, soltando uma deliciosa risada. — Eu morei seis meses na Itália por um programa de intercâmbio. Acho que isso contribuiu.

— Sem dúvida. Longe dos pais num lugar distante, tendemos a nos tornarmos mais responsáveis, maduros e independentes. E notei isso em você já nos primeiros contatos. Causa uma boa impressão. Pela sua faixa etária acho que posso fazer uma pergunta que geralmente não se faz às mulheres. — Ri. — Qual é a sua idade?

— Vinte e três. E você?

— Trinta e seis.

— Não parece. Eu daria no máximo 30.

— Agora você me conduziu às portas da vaidade. Assim você me conquista, garota. — Ela sorriu, olhando fundo nos meus olhos. — E o que você faz? Trabalha ou está nos estudos?

— Eu sou publicitária e faço pós-graduação em Administração. Iniciei há dois meses um trabalho numa agência de comunicação. E você? O que faz?

— Tenho uma loja de Cama, Mesa e Banho no shopping em que nos conhecemos.

— Qual o nome da loja?

— Casa Prima.

— Nossa! Minha mãe é sua cliente. Ela adora a sua loja. Já estive lá com ela fazendo compras. Os produtos são de muito bom gosto e o atendimento é excelente. Parabéns!

— Acho que podemos ter descoberto nesse momento de onde nos conhecemos. Provavelmente foi lá na loja.

— Negativo, não acho isso. Tenho certeza que não. Foi oportuno você introduzir isso na conversa. Sabe, Henrique, fiz algumas pesquisas na internet, rapidamente, mas consegui descobrir umas coisas interessantes sobre vidas passadas — falou em disparada. — Estou muito inclinada a acreditar que é isso. Tenho quase certeza de que não é desta existência. Como te falei por telefone, nas duas últimas noites, quando a mente está mais quieta, eu ficava pensando em você, na sua fisionomia, na sua voz. Nossa! Alguma coisa ficava quase saltando à memória para um “quase” descobrir, como quando uma palavra foge à sua mente e fica “na ponta da língua”. Entende o que tô falando? E, olha, eu sentia nostalgia, sei lá. Sentia umas sensações esquisitas, fortes, acho que de saudade mesmo. Poxa! Mas aí vinha a sonolência e eu dormia, sem conseguir tirar a lembrança da “ponta da língua” da memória. E, ao acordar, nesses dois dias, eu me lembrava de alguns flashes de sonhos com você, sem mais detalhes. Ai, que raiva! Por que isso acontece?

— Renata, não se deixe impressionar por essas coisas... Como te falei, era uma pilhéria. Se eu imaginasse que você levaria tão a sério, não teria dito daquela maneira. Tá mais parecendo um caso de autossugestão. Não encuque com isso, não. Esse assunto pira a gente, tá legal?

— Não acredito ser autossugestão. Eu já acreditava em reencarnações. Aquele dia no café tive a impressão de te conhecer de algum lugar, quando eu ainda estava na fila do caixa, logo atrás de você. Então o que você falou, de ser de

outra vida, fez todo o sentido, já que nunca estivemos nos mesmos lugares.

— Sêrio? Você já tinha notado antes? — Fiquei tão desconcertado que relevei o fato de ela ter eliminado completamente a chance de termos nos visto na loja.

— Juro! Talvez eu lhe perguntasse, talvez não. Mas você perguntou primeiro. Isso pra mim é um primeiro passo para a confirmação da suspeita.

— E aí? Como vamos resolver essa incógnita? Consultar algum “vidente” charlatão?

Naquele momento, o garçom trouxe nossos pratos. As ervas aromáticas e os sabores do prato harmonizavam perfeitamente com o vinho, dando novas sensações ao paladar e olfato. Renata acertara em cheio.

— Eu te falei — frisou, orgulhosa.

— Realmente, Chianti foi uma excelente escolha.

— E a massa? Gostou?

— Muito. O tempero italiano não erra jamais. Ótimo restaurante!

Ela sorria, triunfante. A borda da taça repousava em seus lábios vermelhos.

— E olfatos e paladares são maneiras de provocar lembranças intuitivas armazenadas no subconsciente — comentei, para me distrair da sua boca sensual. — Alguns odores e sabores costumam nos conduzir a memórias da infância, sem identificar exatamente o tempo. Geralmente nos conduzem a boas lembranças, de dias felizes.

— Henrique! — disse animada, como se tivesse tido um insight, sorvendo um gole de vinho e colocando de volta a taça na mesa. — E se nós vivemos na Itália em tempos passados?

— Sem dúvida! — devolvi a brincadeira, sorrindo. — E estamos saboreando exatamente os mesmos pratos e temperos que já saboreamos de outra vez, certo?

No fundo, sabíamos que não era aquilo. Mas não passavam de conjecturas divertidas que intuitivamente gostaríamos que fosse verdade.

Dispensamos a sobremesa para não atrasar mais, pois apesar da promessa de ser uma refeição rápida, havia se passado um bocado de tempo. Pedimos a conta e dois expressos. Enquanto aguardávamos o garçom trazer a conta, peguei em suas mãos. Ela consentiu e aprovou com os olhos.

Ficamos nos olhando fixamente sem falar qualquer palavra, mas conversando ternamente através do toque e do olhar. Tive vontade de puxar sua cadeira para meu lado, de abraçá-la, beijá-la, amá-la. Aqueles desejos já não eram do lobo que habitava em mim. Eram desejos de minha alma. Nossas químicas áuricas se misturaram através das energias trocadas naquele momento. Se senti aquilo, ela também, supus.

Quando o garçom colocou a bandeja com o bilhete da conta, ela se adiantou e puxou para si, dizendo que o almoço seria por sua conta. Eu discordei:

— Nada disso! Você escolheu o vinho, agora sou eu quem paga a conta.

— Mas o convite foi meu, e ainda te atrasei — protestou.

— Engraçado, nesse momento, o atraso não está me incomodando...

Ela sorriu e disse para ficarmos de comum acordo, propondo então dividir a conta e me pedindo para não a contestar novamente. Concordei.

Renata fazia questão de demonstrar que pensava diferente sobre a questão de gêneros e de se afirmar como mulher independente. E eu admirava isso.

Entramos no carro de volta ao shopping. Ela parou o Palio sob a sombra de uma árvore no estacionamento. Ficamos de nos ligar para marcar outro encontro, a fim de continuarmos aquele assunto. O vento que soprava das ventoinhas do ar-condicionado do carro esvoaçava seus cabelos acobreados, dando-lhe ainda mais sensualidade. Olhei bem para seu rosto. Era fino e delicado, pequeno e perfilado, e sua tez branca tinha algumas sardas de nascença na ponta do nariz e nas maçãs do rosto. O tom de mel dos seus olhos e os lábios finos pintados de batom cor de carmim eram realçados sobre a brancura de sua face.

Na hora de nos despedirmos com os beijinhos no rosto, não resisti e toquei levemente os seus lábios com os meus, já entreabertos. Ela afastou o seu rosto na hora, fazendo ar de desaprovação. Aquilo me provocou uma imediata vergonha e arrependimento. Pedi desculpas. Onde eu estava com a cabeça?

Ela não disse nada e ficou esperando que eu descesse do carro, séria. Assim que saltei, fechou a porta e partiu em direção ao portão de saída.

Aquele ato de estupidez acabou com a minha tarde. Perdi a concentração no trabalho, fiquei desatento, recriminando-me em pensamento. Liguei duas horas depois para tentar me desculpar mais uma vez. Ela não atendeu.

Ai, caramba! Fodeu!

Estraguei uma amizade por estupidez. Será que ela iria me perdoar?

Além do mais eu era um cara casado, tinha filhos.

O que eu estava pensando, afinal? Que eu era um garanhão irresistível? Que a garota estava caidinha por mim? Quanta pretensão, hein, Henrique?

E ainda tinha a diferença de treze anos entre nossas idades. Era mesmo muita presunção eu achar que eu, com quase 40, iria conquistar uma mulher tão jovem. Ela tinha apenas uma admiração e respeito por mim como alunas têm pelos professores, ou sobrinhas pelos tios, coisas assim. Fora a forte curiosidade sobre vidas passadas que eu havia plantado, sem querer.

Desapontadamente, fui diminuindo meu facho de vaidades e me convencendo. Eu ligaria para ela no dia seguinte, voltaria a pedir desculpas e me explicaria. Não queria perder a amizade e o contato.

Passei o resto do dia, e à noite na hora de dormir, pensando na Renata, completamente arrependido e envergonhado.

Na manhã seguinte, enquanto eu me dirigia para o trabalho, parado no trânsito, eu ensaiei telefonar, mas tão cedo não seria conveniente. Deixaria para depois das dez, seria mais apropriado. Só não poderia deixar passar daquela manhã. A agenda de compromissos estava lotada para toda a parte da tarde.

Estacionei o carro e segui para o escritório que ficava no mezanino da loja. Despachei com a secretária as tarefas do dia, que sabia que seriam muitas.

Às nove e meia da manhã o meu celular tocou. Era Renata. Meu coração deu um disparo e se manteve em saltos. Atendi atabalhoadamente, descendo as escadas do escritório para que a secretária não escutasse o teor da conversa. Fora da loja,

caminhava pelos corredores do shopping.

Comecei já me desculpando pelo dia anterior. Ela disse que eu não precisava me desculpar, porque ela mesma estava confusa com os sentimentos. E disse que havia terminado o relacionamento com o seu namorado na noite anterior. Eu tive um baque. O que significava aquilo? Eu nem sabia que ela namorava.

Ela sugeriu outro almoço para falarmos daqueles sentimentos. Eu me assustei. Aliás, tive medo. Ela falava em tom sério, decidida, de uma forma que eu não conseguia assimilar a extensão e consequências imediatas de tudo aquilo. Ela praticamente dominava a interlocução, quase não me permitindo falar ou contra-argumentar. Ela disse que me pegaria de carro no mesmo horário e no mesmo local e que eu destinasse um horário maior de almoço para nossa conversa.

Eu gelei. Pensei em não aceitar o convite, já antevia problemas. Eu era um cara casado. O que será que ela estava esperando?

Confirmei o encontro.

Daquela vez ela não foi pontual. Atrasou-se uns dez minutos. Minha tensão aumentava não apenas pelo medo, mas também pelo tempo. Eu já havia desmarcado uma reunião da tarde já prevendo uma conversa mais longa no restaurante. Mas não poderia atrasar os demais compromissos. Dez minutos fariam falta na programação de minha agenda.

Avistei seu carro subindo a rampa da garagem. Ela fez um sinal de luz que nem precisava, parou o carro, entrei e nos cumprimentamos com beijinhos no rosto. Ela seguiu até uma vaga mais escondida sob o vão da rampa que levava ao piso superior da garagem. Estacionou o carro entre dois automóveis, puxou o freio de mão e desligou o motor. Virou-se para mim, pegou o meu rosto com as duas mãos e me deu um beijo na boca, pegando-me de surpresa. Eu queria continuar, mas daquela vez fui eu quem se afastou e a olhou com ar de surpresa.

— Que é isso, Renata?

— Não gostou?

— Não é isso, claro que gostei, mas não estou entendendo.

— Não era isso que você queria?

— Sim, claro... Mas é isso o que você quer? Quer dizer... Estou confuso, acho que eu me precipitei ontem. Olha, eu queria mesmo pedir desculpas. Eu... eu ainda não te falei, mas sou casado.

— O quê?! E por que você tentou me beijar ontem?

— Foi por impulso! Eu já disse que eu me precipitei, e agora estou confuso.

— Eu também estava confusa até ontem, por isso terminei com meu namorado.

— Você não deveria ter feito isso, é loucura.

— Henrique, estar com você me fez descobrir que eu e meu namorado não tínhamos muita afinidade... Era um namoro vazio, mais para não ficar solteira, sei lá. Você me fez sentir, fez meu coração disparar, preencheu os meus pensamentos durante o dia. E até sonhar. Sonhei mais uma noite com você. Três noites seguidas, Henrique!

— É ... isso que me assusta, Renata. Vamos sair daqui. Vamos almoçar, que o tempo é curto. No caminho a gente conversa.

Ela ligou o motor do carro, mas antes de engatar a marcha à ré, ela me beijou. Diante da minha surpresa, ela se afastou um pouco, fez um “shhh” com os lábios como que para me acalmar e tornou juntar seus lábios com os meus. Daquela vez eu que não queria parar.

Eu reagi feito um adolescente quando beija na boca pela primeira vez. Todos os sentidos e sensações se aguçaram. O coração palpitou, a pele formigou, o pau endureceu. Ela voltou ao volante, engatou a ré e saímos do shopping.

Ela pegou um caminho diferente do que levava ao bistrô. Antes que eu perguntasse, ela adiantou-se, dizendo que me levaria num restaurante à beira-mar, no bairro de Candeias, em Jaboatão dos Guararapes, cidade vizinha e interligada a Recife. Ao perguntar por que tão longe, ela explicou que precisava ser num lugar ainda mais tranquilo que o anterior. Sem contestar, mentalmente já ia vendo se desmancharem os compromissos da tarde. Dei de ombros e pensei num “foda-se!”, iria me deixar conduzir por aquela aventura. Eu já não raciocinava, estava imerso em delírios apaixonantes.

O salão do restaurante dava vista para o mar. Havia um ambiente interno com ar-

condicionado e uma varanda externa, por onde corria livre a brisa do mar. Ela preferiu ficar na varanda, num cantinho mais afastado, distante das demais mesas. Em dia da semana o restaurante não ficava lotado, de forma que pudemos ficar completamente à vontade para conversar e namorar sem sermos notados, a não ser pelo garçom que nos vigiava de longe.

Nem lembro o que pedimos para almoçar, certamente foi algum peixe assado, tanto faz, porque mal tocamos na comida. Bebemos vinho branco, servimos do couvert e nos beijamos muito, disso eu me lembro bem.

E a pauta de nossa conversa anterior, sobre vidas passadas, ficou esquecida e relegada a um segundo plano. Falamos de nossa vida presente e de como ficaria dali para a frente o nosso relacionamento. Ela só me dizia para “deixar rolar”, depois veríamos como resolver aquilo e que aproveitássemos para curtir aquele momento tão prazeroso.

Propus a ela ir a um motel na saída do restaurante. Novamente eu me antecipava e recebi um sonoro “não”.

— Henrique, o sexo vai rolar, faz parte do relacionamento, mas ainda é cedo. Vamos curtir primeiro, está tão bom assim. Não tenha pressa, o sexo não vai fugir de nós. Você me compreende?

— Desculpa, acho que sou mesmo apressado. Desculpa!

— Ora, pare de ficar pedindo desculpas, apenas aceite sem dizer nada, tá? Vai rolar, mas na hora certa.

— Claro, claro. Eu sei esperar, apesar de minha afobação. Então vamos pedir a conta. Ainda tenho uns compromissos para hoje.

— Eu também tenho. Vou fazer um atendimento daqui a meia hora. Peça a conta e dois expressos.

Mais uma vez ela não me deixou pagar a conta sozinho. Fez questão de dividir. Aceitei sem mais objeções. Eu já conhecia o seu discurso.

Não consegui trabalhar direito o resto da tarde. E acho que nos dias seguintes também. Andava nas nuvens. Meu coração batia acelerado como um adolescente que conquista seu primeiro amor. Como era bom voltar a ter aqueles

sentimentos.

Há quanto tempo eu estava afastado deles?

Conheci Rita num show de rock de uma banda inglesa. Havia um grupo de cinco amigas entre adolescentes e jovens adultas. Aproximei-me do grupo e iniciei o papo furado de paquera. Quase não se ouvia o que a gente falava pelo potente barulho dos equipamentos de som. Eu flertava com uma loira de olhos azuis. Seu cabelo volumoso e cacheado lembrava o de atrizes de Hollywood. De seios fartos, era praticamente a Barbra Streisand brasileira. Eu sempre fui tarado por seios fartos.

Ela se chamava Sofia, a de olhos azuis, e era mais atrevida, pois me correspondeu na hora: cada olhar seu era como uma flecha de cupido. Mas não foi a única: sua linda prima Rita, loira também, de olhos castanho-claros, tinha um comportamento mais recatado, e ficou claro que ela também tinha interesse.

Só então percebi que Sofia era mais nova, tinha 17 anos de idade, e o seu papo era típico de adolescentes. Rita era um pouco mais velha e mais madura, e controlou a conversa entre nós três, conseguindo manipular a minha atenção. Sofia, sentindo que estava sobrando, saiu e foi se juntar às outras amigas. Então ficamos eu e Rita tentando conversar e ouvir o que o outro falava sob aquele barulho ensurdecador da banda de música. Foi o pretexto que eu precisava para chamá-la para um lugar mais afastado.

Longe dos olhares de suas amigas, eu a ataquei de beijos e amassos. Ali começou o nosso namoro que resultou em casamento e quatro filhos, uma menina e três meninos. Rita tinha 19 anos. Eu, 21.

Amei Rita enquanto durou o casamento.

Renata me ligava todos os dias para sairmos à noite. Nem sempre era possível. O que eu iria alegar em casa? A hora do almoço era mais conveniente para nós dois, mas o tempo era escasso, tanto para mim quanto para ela. Tínhamos compromissos de trabalho.

Renata encontrou uma solução. Sugeriu que eu fizesse um curso para eu poder ter um álibi. Encampei a sua ideia e me matriculei num curso noturno de pós-graduação em Marketing, já sabendo que eu não frequentaria assiduamente.

No início eu assistia às primeiras aulas e depois saía para me encontrar com Renata. Depois minha presença foi rareando. Um dia fui chamado à secretaria para ser informado de que eu não teria mais condições de continuar o curso pelo baixo número de frequências. Fui aconselhado a trancar a matrícula e reiniciar numa próxima turma. Qual nada! Abandonei de vez, mas para todos os efeitos eu já tinha um álibi perfeito. Só ficava imaginando o dia em que Rita me perguntaria sobre a data da formatura. Mas isso eu deixaria para me preocupar quando chegasse o momento. Teria quase dois anos para pensar.

Assim que eu e Renata começamos a sair com mais frequência, fomos nos esquecendo sobre a sensação de já termos nos conhecido antes. Não falávamos mais sobre espiritualidade e vidas passadas. Nossas conversas giravam entre nossos gostos pessoais, experiências, viagens, infância. Descobrimos que partilhávamos do mesmo gosto musical e gastronômico. Ela chegou a sugerir que escrevêssemos um guia dos barzinhos “fora de circuito” de Recife, Jaboatão e Olinda, já que nós passamos a conhecer os bares mais afastados, os de periferia, os “não badalados”, por um motivo óbvio: o de manter a privacidade. Ela ainda bolou um título para o guia — Os bares dos amantes secretos.

Então eu lhe provoquei:

— Uma vez publicado o guia, o circuito deixará de ser secreto.

Ela rebateu:

— Mas a gente pode ganhar uma boa grana. E até lá eu pretendo já estar vivendo com você.

Quando ela tocava nesse assunto eu sentia calafrios. Renata era uma garota decidida. Ela tinha planos. Para ela e para mim, ao seu lado, como futuro marido. No início eu concordava por concordar, não acreditava que poderia durar. Achava que o fogo de paixão dela por mim iria se apagar em tempo breve, ela conheceria um rapaz da idade dela e nós terminaríamos o nosso amor proibido. Renata pensava o contrário e bolava planos.

Um dia ela me disse que havia contado sobre nosso namoro para o seu irmão

mais novo, Rodolfo, com quem ela era bastante confidente. Entrava em detalhes até de nossos encontros mais picantes. Eu não acreditei quando soube.

— Renata, você está ficando louca? Seu irmão vai acabar falando para os seus pais. Já pensou nas consequências? O que eles vão pensar? Jamais aprovariam o nosso relacionamento. Além de casado, eu sou treze anos mais velho. Seus pais vão...

— Riquinho — era assim que ela me tratava carinhosamente, outras vezes chamava de Rique —, meu amor, em primeiro lugar, eles não têm que aprovar nada. Sou adulta, ninguém manda em mim. E você acha que meu irmão iria fazer fofoca da irmã mais velha? Ah, faça-me o favor. — Ela deu uma risadinha. — Além do mais, meu pai não tem muita moral sobre você ser casado. Ele já teve uma amante fixa, deu o maior rebu em casa, e acredito que ele continue pulando a cerca até hoje. Minha mãe prefere fingir que não sabe. E, pensando bem, um dia eles vão saber mesmo, né? Seria até bom que soubessem antes... — completou, com um sorriso malicioso.

— Pelo amor de Deus, Renata. Nem pense uma coisa dessas...

— E já está na hora da gente conversar mais seriamente sobre prazos. Eu não nasci para ser “a outra”. Isso me apavora. Você já disse que não vive bem com a sua futura ex. — Assim ela se referia à Rita, outras vezes de “megera”, o que me causava desconforto e não me agradava ouvir um termo tão agressivo e desrespeitoso. — Vamos estabelecer um cronograma. Você comece logo a pensar como vai dizer isso para ela e a seus filhos. Vai planejando, meu amor. Eu posso esperar, mas não por muito tempo. Já falamos sobre isso e você prometeu que vai se separar. Nem pense em me enrolar, Henrique. Nem pense nisso. Eu te amo e acho que já lhe dei muitas provas de meu amor. Mas não pense que me satisfaz essa situação...

— Renata, querida. Preciso de tempo para pensar...

— O quê? Tempo para pensar? Mudou de ideia agora, foi?

— Não quis dizer isso, eu disse tempo para pensar num plano, eu ainda não imagino como dizer, o que falar, que motivos alegar...

— Motivos? Estar vegetando sob um casamento falido em que há falta de carinho, de tesão, de sexo não são bons motivos? Você não diz que chega a ficar

um mês sem transar com ela? Que casamento pode resistir a uma vida sexual tão inativa? Ou você anda mentindo para mim? Eu prefiro acreditar que você me fala a verdade, não quero ter esse tipo de decepção do homem que amo. Nunca me decepcione, Rique. Nunca minta para mim. Isso machuca, eu não sei como iria reagir... — disparou Renata de uma só vez, a voz tremulando já dando sinais de nó na garganta.

— Por favor, Rê. Vamos falar de outra coisa. Poxa! A gente tava tão bem antes de tratar desse assunto...

— Não, meu amor — disse ela, incisiva. — A gente já não pode estar tão bem quando “esse assunto” fica sem solução. Precisamos falar sobre ele mais vezes daqui pra frente. E meu irmão está me ajudando muito. Tem me dado muita força. Ele até quer te conhecer.

— Ainda não, querida. Está cedo para isso. Dá mais um tempo.

— Negativo. Ele já sabe e acho melhor que vocês se conheçam o mais breve possível. Aliás, ele já te viu várias vezes pelo shopping. Eu mostrei a sua foto pra ele. Eu vou marcar esse encontro de uma maneira assim, “ao acaso”. Deixe comigo e pode confiar nele. Você vai gostar de conhecê-lo. — Vendo-me calado, ela emendou: — Ué! Ficou mudo por quê? Hummm, diz o ditado que quem cala, consente...

Ela voltou a esboçar seu malicioso sorriso com o canto da boca e abandonou o tom ríspido de cobranças. Eu também me aliviei ao ver que ela abrandava a sua ira. Então ela se aninhou em meus braços, abriu dois botões superiores da minha camisa e começou a beijar e acariciar com os dedos os pelos do meu peito. E falou com voz calma e pausada, fitando os meus olhos:

— Rique, eu te amo. Eu não vou te perder sem antes lutar por você.

— Rê, eu farei isso pelo nosso amor. Acredite. Só me dê mais um tempo, minha querida. Só mais um tempo. Tenho que pensar também nos meus filhos. Eu te amo muito! Eu também não saberia mais viver sem você ao meu lado. Eu sou feliz e me sinto bem ao seu lado. Nós vamos viver juntos, meu amor. Eu prometo!

A minha promessa era sincera. Eu desejava mesmo, muito, viver com Renata. Só não tinha coragem de romper com um casamento que, embora fosse verdade de

que já não andava tão bem como antes, eu exagerava sobre a minha situação matrimonial para tentar amenizar as cobranças de Renata.

Mas com aquilo eu não enganava só a ela, como enganava a mim mesmo. A verdade é que não sabia como chegar para Rita e dizer que eu iria desfazer o casamento para viver com uma garota treze anos mais nova que eu. No fundo eu sabia que não teria coragem. Nem tanto pela Rita, mas pelas crianças. Iria arruinar o desenvolvimento da saúde mental deles. O mais velho estava com quatorze anos, os outros dois meninos com dez e seis, respectivamente. E a menina com doze. Como pai amoroso eu não teria coragem de magoá-los, de me afastar deles. Eu os amava muito.

— Riquinho, Rodolfo encontrou uma vidente que descobre sobre vidas passadas — disse Renata por telefone, toda animada. — Você pensou que eu havia me esquecido, né?

— Vidente? E você confia? Quem é ela? Como seu irmão a descobriu?

— Um cabeleireiro amigo dele que indicou. Já marquei uma consulta. Precisamos ir juntos.

— Pera lá, Renata. Precisamos conversar antes sobre isso.

— Tá bom. A gente se fala mais tarde pessoalmente. Beijos!

Nossa breve conversa me deixou pensativo por bastante tempo.

Sempre vivi a busca individual por respostas não encontradas nas religiões tradicionais, também por conta de todas as manifestações que já tinham me ocorrido. Mesmo após o casamento, eu ainda comprava e lia livros sobre assuntos ligados à espiritualidade, civilizações antigas, ocultismo, xamanismo e religião. Eu não chegava a ser ateu, mas já não acreditava naquele Deus bíblico, cruel e vingativo. Meu sentimento, desde a infância, era o de que Deus era completamente amoroso, como a um pai, ou mãe, ou melhor, como um pai-mãe, porque eu não conseguia entender um Deus que tivesse um gênero definido. Eu já começava a esboçar uma tênue compreensão de um Deus não pessoal, não humano, sem forma definida, mas ainda era uma ideia confusa. Só não aceitava aquele Deus das escrituras.

Só após formado e gerente de uma empresa de importação, ainda em São Paulo, que eu abdiquei do interesse por assuntos que não fossem estritamente focados na profissão. Abandonei a minha busca espiritual em nome da carreira.

Depois eu me tornei dono de negócio próprio e me mudei para Recife. Logo nos primeiros dias, voltei a ter déjà-vus. O primeiro, depois de muitos anos sem manifestar, ocorreu quando fui conhecer o sítio histórico de Olinda. Ao subir

uma das ladeiras ladeadas por antigos casarios, tive a impressão de conhecer o lugar. Como ocorria na primeira infância, eu adivinhava o que aconteceria frações de segundos antes. Eu me arrepiei ao chegar ao topo do Alto da Sé. Lá de cima, eu me “lembrava” daquela vista deslumbrante. Como aquilo era possível se eu nunca estivera ali?

Apesar dos edifícios modernos que modelavam o perfil distante da cidade de Recife que se avistava do Alto da Sé, a topologia dos arrecifes e o azul do mar ao fundo, tendo em primeiro plano a vegetação verde e os antigos casarios coloniais de Olinda, transportavam-me para um passado longínquo que eu não sabia precisar a época. Junto vinha um sentimento ruim de dor e angústia, apesar de tão encantadora paisagem. Não me senti bem. Não cheguei a contar nada à Rita e às crianças para não estragar o passeio. Pedi a minha esposa para cuidar delas porque eu iria procurar um banheiro. Mas era apenas uma desculpa para eu ficar um instante isolado para tentar entender o sentimento.

Olhei para a Catedral da Sé, pertencente ao Mosteiro de São Bento. Meu sentimento parecia estar relacionado com a igreja católica. Mas o quê?

Pela primeira vez eu desejei não ter manifestações. Daquela vez a sensação não era agradável, mas de dor, não apenas de dor física, mas de dor na alma. Sofrimento.

Mais uma vez sem compreender o porquê, voltei à companhia da família e fomos visitar as lojas de artesanato para distrair. Como sempre acontecia na infância e adolescência, era tudo passageiro, como lampejos de memórias. Logo desapareciam e só ficava o registro na mente. Em pouco tempo, já estava tudo deixado de lado e, depois de visitarmos o interior da catedral, retornamos a Recife para almoçar.

Semelhante situação ocorreu quando fomos conhecer a Ilha de Itamaracá. Passeando de barco pelos canais da ilha, avistei uma antiga capela pertencente à histórica cidade de Igarassu. Fui tomado pela angústia, por já conhecer tal paisagem.

Essas duas vezes me fizeram reviver as manifestações de déjà-vu que tive na infância e adolescência, tão escassas na fase adulta. Por que voltaram depois de tanto tempo? Logo depois que fui morar num lugar distante e diferente — aliás, um lugar novo e agradável, mais tranquilo, de melhor qualidade de vida e com

melhores perspectivas para o meu sucesso empresarial e para a minha família. Eu não podia e nem desejava me preocupar com aquilo, porém minha mente voltou a se ocupar involuntariamente.

Quando conheci Renata, a ideia de ter sido de uma vida passada ocorreu mais pelas leituras e pesquisas anteriores do que mesmo por um sentimento efetivo. Ao me envolver com ela, passei a me indagar se Renata teria alguma ligação com a sensação desagradável em Olinda, como uma espécie de aviso ou premonição.

Havia, desde muito tempo, inúmeras questões sem resposta na minha cabeça. No entanto, eu ficava desconfiado de pessoas que ofereciam serviços como videntes, astrólogos, cartomantes, terapeutas de vidas passadas e coisas afins. Não que eu não acreditasse no poder de comunicação com assuntos do “além”, pois sabia que algumas pessoas tinham. A minha desconfiança era com aquelas pessoas que vendiam e faziam das capacidades negócios comerciais e meio de vida. Para mim não passavam de charlatões e charlatãs.

Por isso resisti à ideia de visitar a vidente sugerida por Rodolfo. Mas Renata estava decidida, e quando se decidia por alguma coisa, eu não conseguia dissuadi-la. Tive que ir com ela, mesmo contrariado.

Ela havia marcado a visita para as dezesseis horas de uma quarta-feira. O endereço ficava numa das periferias de Jaboatão dos Guararapes, cidade vizinha pertencente à região metropolitana de Recife. Funcionava num prédio comercial do bairro Prazeres, um lugar com muito lixo espalhado pelas ruas, em cujas calçadas havia todo tipo de bancas de camelôs que vendiam desde CDs e DVDs piratas, acessórios para celular, bugigangas eletrônicas, quitutes doces e salgados a barraca de frutas, num trecho de rua bastante movimentado. Tive que estacionar numa rua distante por falta de vagas nas proximidades. Nada daquilo me agradava, mas o que não fazer pela mulher que se ama?

Pedimos informações e chegamos a um prédio de dois pavimentos. A sala da vidente ficava no piso superior. A escada de acesso não tinha qualquer tipo de revestimento. Era direto no cimento cru e gasto pelo tempo. As paredes, desbotadas e com mofos pelos cantos, revelavam falta de manutenção. Havia um papel sulfite colado na parede logo que se chegava ao último degrau de acesso, escrito em caixa-alta no centro do papel “Mãe Dinorá, sala 21” e uma seta indicando o corredor à direita.

Ela nos esperava de pé, em frente à porta. Parecia uma cigana, trajando um vestido franzido multicolorido de manchas de batik azuis, verdes e tons alaranjados, e um turbante amarelo com motivos tribais. Das orelhas penduravam grandes brincos com pingentes de cristal. Quase como um filme, em que esses tipos de terapeutas sempre se vestem como “personagens” baseadas nos estereótipos cultivados pelo imaginário coletivo.

Ao nos avistar, abriu um sorriso amistoso e falou, ainda à distância:

— Sejam bem-vindos! Atrasaram um pouquinho, né?

— Desculpe pelo atraso. Foi difícil achar uma vaga por perto. — Eu me adiantei.

— Não tem problema. Vocês são meus últimos clientes do dia. Vamos entrar. — E fechou a porta atrás de si.

A sala possuía dois ambientes separados por uma parede de gesso. Havia uma pequena recepção com uma mesinha de secretária (os recifenses a chamam de “birô”), três cadeiras, daquelas existentes em salas de espera de clínicas médicas com o forro de tecido azul bem surrado, e uns quadros de gosto duvidoso com imagens de bolas de cristal.

Ela pediu que entrássemos logo na segunda sala, a de atendimento, e pediu que sentássemos e ficássemos à vontade. Perguntou se desejávamos beber água. Agradecemos e recusamos, mesmo com o calor que incomodava. Em seguida, ela cerrou as cortinas escuras da janela de vidro e ligou o ventilador do teto, que mais espalhava o vento quente que entrava pelas frestas do vitrô do que refrescava o ambiente.

Então ela sentou-se por trás do seu birô e, sempre sorridente, iniciou a consulta com perguntas-chaves, que pareciam clichês.

— Vocês já fizeram alguma consulta anterior sobre o futuro ou vidas passadas?

— Poucas vezes. Uma vez numa cartomante, outra vez com uma astróloga, que eu me lembre — disse Renata.

— Gostou?

— Mais ou menos. Muita coisa não bateu. Outras se aproximaram. Mas foram mais de brincadeira, eu estava com umas amigas e fizemos por divertimento.

— Não se deve brincar com essas coisas. Quando se faz “na brincadeira”, os oráculos brincam também. É preciso respeitar as mensagens do além. — Ao concluir a frase, a vidente passou a assumir um ar mais cerimonial e sério.

Ela continuou a fazer outras perguntas preliminares dirigidas exclusivamente à Renata. De vez em quando ela olhava para mim como se quisesse que eu também respondesse, mas eu preferia ficar em silêncio, observando.

Encerrada aquela parte, ela ligou uma luz azul fixada no teto e desligou a da sala. Ficamos sob uma penumbra azulada, numa tonalidade confortável aos olhos, que criava um ambiente hipnótico. Os quadros eram pintados com tintas refletoras. Se antes eles pareciam estereotipados e de mau gosto, passaram a resplandecer com os reflexos da lâmpada. A bola de cristal sobre a mesa ganhou vida pelo efeito da luz refletida sobre suas paredes externas. Não percebi quando

ela ligou alguma coisa por debaixo da mesa que fez com que de dentro do cristal formassem tufos de fumaças azuladas que circulavam pelo interior do objeto.

No aparelho de som tocavam músicas relaxantes, com sons de flautas, harpas e violinos. Tudo pareceu mágico e misterioso. Olhei para Renata e vi que estava admirada, aprovando o cenário. Ela parecia decidida a embarcar naquela viagem de autossugestão.

A vidente mudou o acento da voz, falando pausadamente. Mãe Dinorá esticou seus dois braços sobre a mesa nos dando a mão e pedindo que formássemos um círculo ao redor da bola de cristal para invocar a presença dos oráculos. Pediu que fechássemos os olhos e que mentalizássemos estar vivendo em épocas passadas. Ela foi sugerindo ambientes padrões desde o Antigo Egito, passando pela Grécia Clássica, Roma dos grandes impérios, até chegar à Idade Média. Pediu que imaginássemos como eram aquelas vidas, podendo usar imagens de filmes de épocas para facilitar a imersão mental. Ela passou a proferir palavras numa língua estranha, como se fizesse uma oração. Em seguida soltou as nossas mãos, pediu que abrísssemos os olhos e que relaxássemos os corpos. Ela circulou as duas mãos sobre a bola de cristal, sibilando palavras ininteligíveis. E, de repente, dirigiu-se a nós, em português.

— Ahhhhh, muito bom, muito bom. Vejo um cenário da época medieval. Vejo castelos, cavaleiros e damas passeando por um belo jardim palaciano. Ainda não está muito claro, mas parece ser uma cidade italiana. Florença, talvez... Sim, isso mesmo, Itália. Ouço um casal de jovens discutindo, distante das demais pessoas presentes no jardim. Eles parecem aflitos. Eles estão preocupados com alguma tragédia que possa vir a acontecer... Oh, a jovem está grávida do rapaz que lhe acompanha... Ela é prometida a outro, um nobre cavaleiro francês com o dobro da idade dela. A jovem não ama o seu pretendente, mas terá de se casar com ele por compromissos entre seus pais. O casal discute como esconder a gravidez até a chegada do francês, prevista para as festividades do casamento dali a três meses. Eles sabem que, pelas convenções sociais da nobreza, ela não pode recusar o casamento. E deveria ser virgem. Esse é o problema. Ela teme pela reação do pai, que vê no casamento a solução para suas dívidas com agiotas judeus de Florença. Pelo acordo, seu pai receberia dotes em ouro. O pai é um homem violento, impiedoso e sem escrúpulos morais. O rapaz também está temeroso e apresenta um plano de fuga. Ele a ama e deseja viver ao seu lado. Ela também o ama, mas não concorda com a fuga. Ela argumenta com questões mais realistas, como “viver de quê? Onde morar?”. Ela sabe que fora das mordomias

do castelo eles seriam pessoas comuns e teriam que se submeter a serem servos em algum feudo, ou artistas de rua, ou mendigos, já que não possuíam nenhuma habilidade para serem artesãos. Ela é muito realista e “pé no chão” e sabe que o amor não é garantia de um futuro promissor para sustentar uma família. Ela pensa em interromper a gravidez, mas não conhece quem poderia auxiliá-la e pede para o seu amado encontrar alguém experiente. Esse é o motivo da discussão. O rapaz não concorda com os planos de sua amada, nem com o casamento com o francês, ou com o aborto. Ele quer ter uma família com ela. — A vidente pigarreou e continuou: — Oh, vejo surgir uma tragédia. O ambiente é iluminado por tochas e lampiões. É noite. Ela está gritando de dor sobre a sua cama, passando muito mal. Se contorce de dor, vomita muito. Suas damas de companhia não sabem como ajudar. Uma foi fazer um chá calmante. O pai entra no quarto para saber o que está acontecendo. Delirando, ela pronuncia o nome de seu amado diversas vezes. As criadas se alarmam. Ele percebe e grita, furioso, para que falem o que sabem. Uma delas, chorando muito e tremendo de medo, diz que sua filha estava grávida e tomara um chá abortivo. Ele fica ainda mais furioso e já não se preocupa com o sofrimento da filha, só pensa nos dotes em ouro que deixará de receber. Mesmo ciente do estado da menina, ele se debruça sobre o seu corpo e sacode os seus ombros, amaldiçoando e praguejando. Ele se levanta da cama e pergunta às criadas quem é o rapaz que engravidou a sua filha. Diante do silêncio, ele ameaça castigá-las. A mais medrosa revela a identidade do moço. Ele sai do quarto amaldiçoando a filha e prometendo dar uma lição no rapaz que se atreveu a estragar o seu negócio do casamento. Enquanto ele dá ordens aos guardas para capturarem o rapaz, a filha agoniza na cama entre dores e delírios.

A vidente parou de falar. Renata lhe indagou sobre o final da história. Ela disse que havia acabado o tempo. Renata, inconformada, insistiu que tinha o direito de saber o final, que ainda restavam uns minutinhos. A vidente disse que seria impossível, não pelo fim da consulta, mas porque havia perdido a conexão com os oráculos. E, já pegando sua agenda, sugeriu uma nova sessão para a semana seguinte. Pela primeira vez eu intervim, dizendo que eu pagaria o dobro do valor da consulta para que ela adiantasse logo o final da história.

Séria, ela olhou para mim. Disse que não funcionava daquele jeito. Suas clarividências não dependiam de sua vontade, mas da vontade dos seus guias. Eu desconfiava cada vez mais de que ela não passava de uma embusteira, mas sabia disfarçar muito bem. Renata aceitou os argumentos e concordou que ela agendasse uma nova consulta. Fiquei quieto na hora, mas estava disposto a

dissuadi-la da ideia. Não queria mais voltar. Permanecia desconfiado com relação a Mãe Dinorá. Ela não me convencera.

De volta ao carro, tentei sem sucesso convencer Renata a desistir da charlatã. Renata se aborreceu, pois estava muito confiante na capacidade da vidente. Decidi não insistir naquele momento. Pensaria noutra alternativa para dissuadir Renata.

Na sexta-feira daquela mesma semana, tive de ir ao Centro da cidade. Eu gostava de visitar o Centro Velho de Recife, principalmente o Centro Histórico com sua paisagem arquitetônica que sobrevive desde os tempos coloniais, como o bairro do Recife Antigo. Sentia-me em casa, como se já conhecesse cada esquina, becos e atalhos entre as ruas. Gostava também do burburinho característico do comércio mais popular do bairro de São José e da Boa Vista.

Eu costumava deixar o carro numa garagem mais distante e aproveitava para caminhar pelas ruas e vielas apinhadas de gente. Invariavelmente eu parava para engraxar os sapatos, sentado numa confortável cadeira de madeira mais elevada em relação ao nível da calçada, e, como sempre, o engraxate me estendia os jornais enquanto ele executava o serviço. As manchetes eram repetições das notícias da semana, nenhuma novidade que me atraísse para as páginas internas. Deixei-os e preferi observar a paisagem e o tráfego apressado dos transeuntes. Mas meus pensamentos insistiam em me lembrar de Renata e da consulta agendada com a tal vidente. Minha intuição dizia que eu não devia confiar e precisava desmarcar.

Ao lado da cadeira do engraxate, havia um raizeiro de olhos amendoados, tronco corpulento, estatura mediana de cabelos lisos e pretos. Já a sua tez era branca, os lábios, finos e o nariz delgado, aparentava ter mais de trinta anos de idade. Vendia artesanato indígena, flautas de bambu, ervas secas, cascas e raízes medicinais estendidas sobre uma esteira feita de palha. Notei que ele me observava. Incomodado, resolvi encará-lo.

Ele me cumprimentou com um aceno de cabeça, sem tirar os olhos de mim. Percebi que não era uma ameaça, ao contrário, era uma sensação amigável. Correspondi, também acenando a minha cabeça, sem dizer nenhuma palavra.

Naquele instante o engraxate terminou a limpeza dos sapatos. Levantei e paguei. Ao passar em frente ao raizeiro eu o ouvi dizer:

— Eu posso te ajudar a encontrar o que você procura.

Recuei os passos e parei em frente à sua esteira de ervas.

— O que disse?

Ele continuou:

— Você sente que já viveu aqui antes, mas tem bloqueios mentais porque tem medo de descobrir. — Fez uma pausa, sempre olhando firme em meus olhos. Diante de meu silêncio e espanto, ele emendou: — Você carrega culpas que não são suas e precisa se livrar delas nessa existência.

Fiquei mudo e imóvel, sem conseguir movimentar nem mesmo os músculos da face. Meus pensamentos, ao contrário, estavam agitados. Em frações de segundos vieram muitos insights que eu não conseguia decifrar. Apenas tinha em mente que fazia apenas dois dias que eu e Renata havíamos estado diante de uma suposta vidente procurando descobrir sobre nossas vidas passadas, e ali, do nada, numa estranha coincidência, um raizeiro parecia ler o que se passava em minha mente.

Depois de uns longos segundos de pausa, eu consegui abrir a boca e lhe perguntar:

— Do que você está falando? Seja mais específico.

Eu estava ao mesmo tempo curioso e temeroso quanto ao que ele poderia responder.

— Meu nome é Aritana. Pode me chamar de Ari. Sou erveiro e curandeiro. Meus guias dizem que você precisa se curar de suas culpas das vidas passadas. E não estou aqui me encontrando com você por acaso. Fui orientado pelos meus guias a te esperar nesse lugar.

Senti de imediato um frio na barriga e a vista turvou por alguns segundos. Não era exatamente curar de minhas culpas de vidas passadas que eu andava à procura. Eu nem mesmo havia pensado se tinha culpa de vidas passadas. O que eu buscava descobrir era se eu e Renata nos conhecíamos de outras existências. Mas de qualquer forma o assunto tinha pertinência e momentaneamente fazia sentido para mim. Ainda desconfiado, fiz mais uma pergunta:

— O que mais você tem a dizer?

— Você acha que encontrou a sua alma gêmea e quer ter certeza disso.

Ao ouvir aquilo senti arrepios por todo o corpo.

Cheguei a pensar que Renata pudesse ter tramado aquilo, ou, quem sabe, o seu irmão, para me deixar impressionado. Mas como eles saberiam o dia, a hora e o local que eu estaria naquela manhã de sexta-feira? Eu estava confuso, mas tinha certeza de que não havia dito a ninguém sobre minha ida ao Centro, a não ser à minha secretária, mas ela não conhecia Renata, nem diria a ela caso Renata ligasse para o escritório. Não, recobrando um pouco a razão, não tinha como quem quer que fosse, ter combinado aquilo tudo, tão bem sincronizado. Não fazia sentido.

Tomado de emoção, fiz nova pergunta. Minhas palavras saíram quase que balbuciadas.

— Desculpa a desconfiança, mas... me dê uma prova de que você não é um charlatão e, sem querer te ofender, de que você não está querendo ganhar uns trocados.

— Sua desconfiança é natural e eu entendo, mas me ofende se acha que eu estou querendo te dar um golpe em troca de alguns trocados. Não faço isso por dinheiro, nem aceitaria se você quisesse pagar. Eu deveria ir embora agora mesmo, mas ainda não concluí a minha tarefa passada pelos meus guias. Veja, não é uma obrigação, mas se eu não terminar o que tenho que passar para você, os caminhos se fecham para mim e ficarei bloqueado nas minhas comunicações com os guias. Não sei se compreende...

— ...Desculpa, eu não tinha a intenção de te ofender...

— ...Você pediu uma prova. Não estou aqui para provar nada. Tenho apenas algumas respostas para tuas perguntas. Mas não vou te responder agora. Não é mais pela ofensa, já passou. É que aqui não é o lugar apropriado. Se estiver mesmo interessado, você deve me procurar em Águas Belas, já ouviu falar?

— Sei que é uma cidade do interior, mas nem sei para que direção fica.

— Fica a uns trezentos quilômetros de Recife, no sertão do semiárido, próxima a Garanhuns. Aldeia Fulni-ô.

— É bem longe daqui.

— Bem, para ajudar você refletir melhor se vale mesmo ir até lá, vou te dizer só mais uma coisa. Tem a ver também com Olinda e Igarassu.

Entrei em estado de choque. Minha mente ficou em redemoinhos recebendo imagens num ritmo tão veloz que eu não conseguia assimilar e me fixar em nenhuma. Como se várias manifestações me tomassem ao mesmo tempo.

Ari se aproximou, segurou firme em meu braço, disse umas palavras em dialeto indígena e assoprou o meu rosto. Voltei à consciência. Assustado, entendi que ele sabia de muito mais coisa. Ele não blefava, pois aqueles sentimentos eu não havia segredado a ninguém, nem para a minha esposa.

Olhei para Ari, num misto de medo e curiosidade. Se foi ou não a sua intenção, ele conseguira me dar uma pequena prova de seu poder. Agora eu duvidava se teria coragem de seguir adiante para descobrir.

— Vá em paz, meu amigo. Fique com o meu cartão. Tem todas as informações para você me encontrar. A propósito, você poderá não entender o que eu vou te dizer agora e poderá até achar suspeito, ou engraçado, sei lá. Eu sei de você, eu soube como te encontrar, mas não sei o teu nome.

— Henrique.

— Prazer, Henrique. Ficarei aguardando a sua ligação.

Ele se agachou e começou a arrumar as suas coisas. Eu disse “até mais” e segui em direção ao estacionamento, esquecendo-me do que tinha ido fazer no Centro da cidade. Minha mente se ocupou daquele assunto o restante do dia.

À noite me encontrei com Renata e contei a ela sobre o indígena. Ela ficou animadíssima com a notícia e já procurava agendar uma data para irmos lá, juntos. Aproveitei o momento para convencê-la a não ir mais procurar a cigana. Ela não concordou, mas não foi mais tão incisiva quanto antes. Demonstrava agora mais interesse no Ari.

No dia seguinte liguei para ele, que demorou a atender. Explicou que aquele número era de um telefone comunitário da aldeia.

Falei que eu e Renata estávamos interessados e logo sugeri que nosso encontro coincidissem com uma sexta-feira, para emendar com o fim de semana, que seria bom para ela também. Ele me cortou, dizendo que eu deveria ir sozinho.

Primeiro porque era para atender uma situação particular minha, e segundo porque ele me levaria para uma vivência com as medicinas xamânicas e plantas de poder dentro da mata, onde dormiríamos por duas noites. Ele pediu que eu voltasse a ligar na semana seguinte para ele preparar algumas coisas para a vivência e só então poderia marcar uma data.

Ao repassar à Renata que ele me dissera para ir sozinho, ela protestou. Chateada, disse que voltaria sozinha a visitar a cigana para saber o restante da história.

Juro que senti um grande alívio.

Parte II

Deus é um cara gozador e adora brincadeiras.

“Partido alto”, Chico Buarque

Olá, o meu nome é Alípio.

A partir desse capítulo eu assumo o lugar de Henrique, sob o meu ponto de vista e da memória herdada dele.

A história terá continuidade a partir do ponto em que foi deixado por Henrique, sendo que agora muda a narrativa. Será contada em terceira pessoa quando eu me referir a ele, e em primeira pessoa quando se tratar de minha vivência desde que assumi o corpo físico e a identidade civil de Henrique.

Sou um “entrante”, também conhecido pelo termo em inglês walk-in.

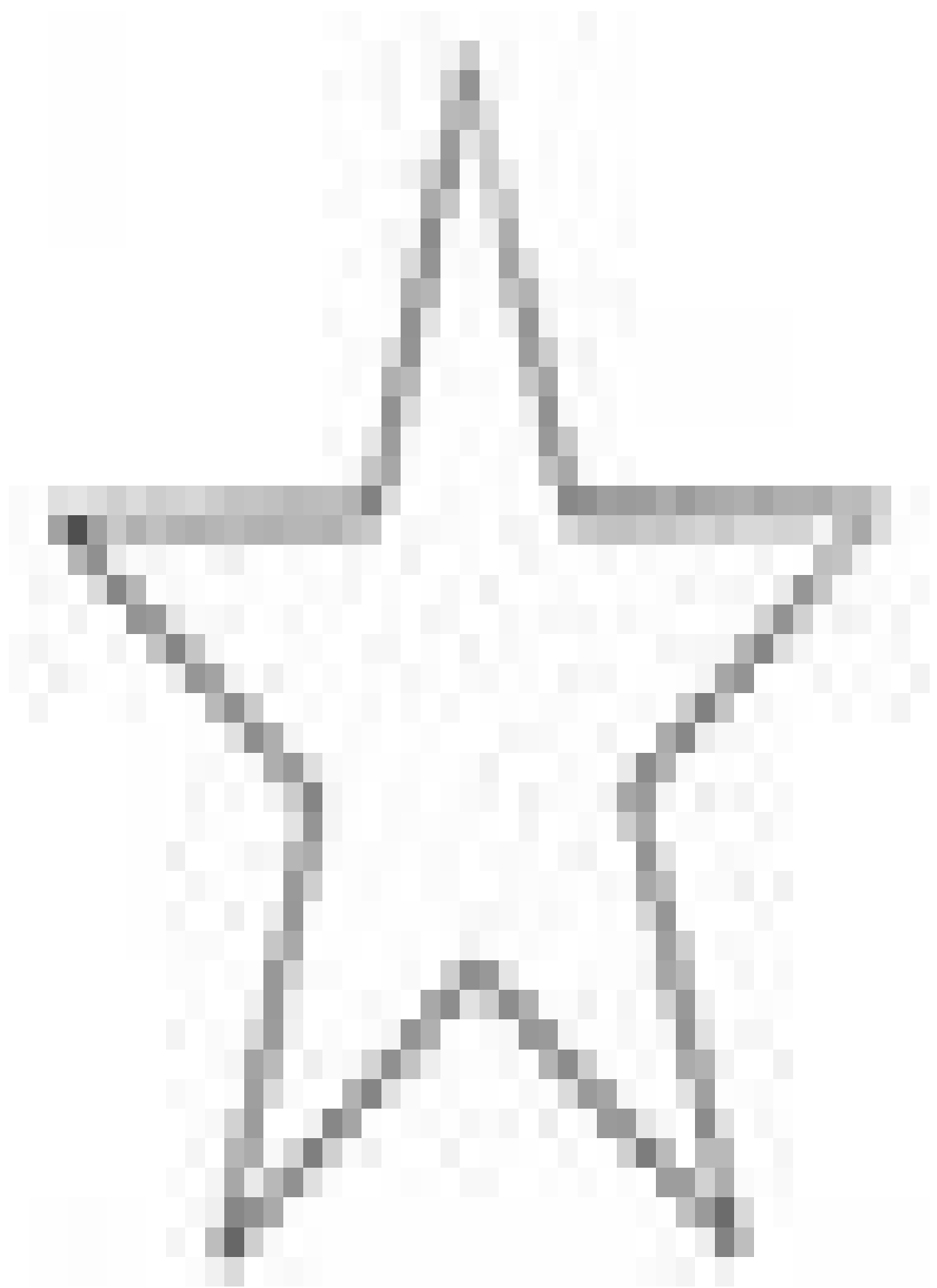
Walk-ins são almas que assumem o corpo físico de outra pessoa, por diversas razões. Isso pode durar desde alguns dias para uma missão específica e pontual no tempo, ou pode permanecer até a morte do corpo físico. No nosso caso, meu e de Henrique, recebi a missão da Mônada para assumir o seu lugar e continuar até o desencarne. Adianto que não se trata de “incorporação” como ocorre em sessões e cerimônias mediúnicas, espíritas ou de umbanda, entre outras vertentes da mediunidade ou da espiritualidade. Esse sistema de trocas de almas ocorre de comum acordo entre a que “sai” e a que “entra”, sob a permissão das respectivas Mônadas.

A Mônada é um ser puramente energético. Não possui matéria, embora seja um centro nuclear de poderosa energia. Tem poder de Cocriação, poder fractal emanado de Deus, a Consciência Una, o Alfa e o Ômega, o Incognoscível. A Mônada está situada na décima segunda dimensão da Consciência Divina. Não sabemos o que habita acima da décima terceira dimensão até a Origem Dimensional da Fonte Criadora de Tudo o Que É. Nem devemos nos preocupar com isso. Também não sabemos explicar que níveis de consciência habitam as três dimensões intermediárias entre a décima primeira e a nona. Será a partir da oitava dimensão em escala decrescente que trataremos agora a nossa compreensão dos veículos de manifestação para uma Consciência Monádica poder encarnar na Terra.

Eu e Henrique somos extensões de almas de uma mesma Mônada.

Nós, seres humanos, possuímos sete corpos de manifestação quando encarnados na terceira dimensão.

Os sete corpos se subdividem em dois conjuntos, que fazem parte da Mônada, a Centelha Divina. Pela ordem de origem, temos:



Ternário Superior:

1. Corpo Crístico (ou Atma);
2. Corpo Búdico (Budhi);
3. Corpo Mental Superior (Mental Abstrato).

Quaternário Inferior:

4. Corpo Mental Inferior (Mental Concreto);
5. Corpo Astral;
6. Corpo Etérico, Duplo Etérico ou Bioeletrônico;
7. Corpo Físico.

O conjunto Ternário Superior abriga o que compreendemos como “espírito”. O conjunto Quaternário Inferior abriga o que entendemos por “alma”, assim como abriga também o “self”, a nossa identidade em cada encarnação, e o nosso “ego”.

A eternidade do ser resume-se aos três corpos superiores, que formam o espírito, que, ao final do ciclo reencarnatório da alma (que pode durar muitos milhões de anos), recolhe-se ao recôndito da Mônada para iniciar nova etapa evolutiva, que tanto pode ser como um ser encarnado de uma dimensão superior em planetas mais avançados em todos os aspectos, ou mesmo, e até, como cocriadora de um novo Universo.

Os corpos do Quaternário Inferior têm escalas diferentes de duração, o que confunde muitos entendimentos ao dizer que a alma seja eterna. Ela é eterna por não termos como dimensionar sua duração existencial encarnatória, que pode durar milhões e milhões de anos. Já o Duplo Etérico (sexto corpo) e o Corpo Físico (sétimo corpo) são efêmeros, extinguem-se praticamente juntos ao final

dos sinais vitais. O corpo material se decompõe organicamente sob a terra pela ação de vermes, fungos e bactérias. E o Corpo Etérico, o ânima, ou o Sopro Divino, dilui-se na fluidez do éter, a quintessência. Como na Química em que “nada se perde, tudo se transforma”, assim ocorre na espiritualidade.

O Corpo Físico decompõe sua matéria em átomos de carbono que estarão disponíveis para uma nova função futura para se agruparem e formarem novas células, moléculas e estruturas, o mesmo barro químico do qual fomos feitos matéria (“do pó viemos, ao pó voltaremos”). O Corpo Etérico transmuta sua bioenergia ectoplasmática em energia ainda mais sutil, também reutilizável futuramente por outras formas de vida. É essa energia plasmada, ou ectoplasma, de que se utilizam algumas almas desencarnadas para manifestações na terceira dimensão, conhecidas por “fantasmas”.

O núcleo monádico, ou seja, a Centelha Divina, ou o Fractal de Deus, inicia um processo de divisão do núcleo, muito semelhante à divisão celular na Biologia. A diferença é que no nível monádico ainda não há a matéria física com uma estrutura atômica ou molecular. A Mônada se divide em mil unidades conscienciais de nível angelical, como a flor-de-lótus de mil pétalas. Essas mil unidades de consciência já possuem polaridades masculina e feminina em fases embrionárias, ainda não manifestadas. A vibração energética nesse nível é tão veloz e condensada que se inicia a formação dos primeiros átomos na fisicalidade, formando uma estrutura molecular tão sutil e diáfana, que são capazes de emitir luz. São seres andróginos nessa fase. Mais conhecidos por Arcanjos Superiores e Seres Ascensionados.

Cada uma dessas mil unidades, que vamos chamar de “pétalas conscienciais”, reproduz a si mesma em doze novas unidades sexuadas de bipolaridade energética, ou seja, encontram-se na fase hermafrodita, possuem polaridade energética de ambos os sexos, ainda em corpos sutis. Nesse nível teremos um total de 12.000 seres. Nessa fase encontram-se anjos, serafins e querubins.

A próxima fase é onde ocorre a separação das duas polaridades energéticas, quando os seres passam a se definirem sexualmente em Feminino e Masculino. O Yin e o Yang. Em sinais gráficos, representados pelos sinais (–) e (+). E aqui cabe uma importante observação: nas três etapas anteriores temos o conjunto denominado de Ternário Superior, a “casa” onde abriga o Espírito. Na fase seguinte temos o conjunto dos quatro corpos inferiores, o Quaternário, a “casa” da Alma.

Cada uma daquelas doze mil “pétalas” subdivide-se em doze novas extensões de alma, gerando a partir do núcleo monádico um total de 144.000 extensões de almas. Metade desse total, ou seja, 72.000 almas, possui polaridade feminina, e a outra metade possui polaridade masculina, após a fase de separação monádica, sexuadamente.

Em algumas escolas Iniciáticas ou Esotéricas, as extensões de alma recebem o nome de “almas gêmeas” ou “chamas gêmeas”. Chamamos de “chamas gêmeas” as que pertencem a uma mesma Mônada. E chamamos de “almas gêmeas” as almas separadas sexuadamente em polaridades masculina e feminina, originárias de uma mesma “célula” de alma no nível andrógino. Excepcionalmente podem existir almas gêmeas de uma mesma polaridade.

Eu sou não apenas uma extensão de alma da mesma Mônada de Henrique. Nós, eu e Henrique, somos almas-gêmeas, ou seja, somos como embriões gêmeos que se desenvolvem juntos no ventre materno. Mas as possíveis semelhanças acabam por aqui.

No caso das almas gêmeas e das chamas gêmeas, cada extensão de alma pode estar ou não encarnada, ou encarnada em espaço-tempo diferente.

Se considerarmos o entendimento desta dimensão física, venho de um tempo futuro, daqui mesmo da Terra. Então, além de sermos almas gêmeas, compartilhamos do mesmo código genético, ou seja, eu venho do mesmo tronco genético familiar de Henrique. Na verdade, sou descendente genético de sua filha, várias gerações à sua frente, ou seja, pertenço à sua árvore genealógica. Ou de mim mesmo, sob outro entendimento. Passado, Presente e Futuro coexistem ao mesmo “tempo”, simultaneamente.

Agora vou dar continuidade à narrativa de Henrique, enquanto a alma (gêmea) dele ainda perambula, em suspensão, pela quarta dimensão.

Até chegar ao ponto em que eu assumo o seu corpo.

Henrique ligou para Ari uma segunda vez para marcar finalmente a visita. Ari, de forma constrangida, explicou a Henrique que naquele mês não seria mais viável a sua visita porque só então havia sido informado que a região estava sofrendo com a seca e que, por esse motivo, muitas das plantas que seriam utilizadas como medicinas xamânicas, ou como enteógenas e expansoras da consciência, estavam em falta. Ele lamentou, pediu desculpas, disse que não havia levado em consideração a questão sazonal.

Sugeriu adiar a visita e propôs o mês de junho. Primeiro porque já estaria dentro do período de chuvas, o que naturalmente já haveria plantas mais crescidas e maduras para colher. Por outro lado, não coincidiria com o segundo semestre, em que os Fulni-ô realizam sua festa anual, conhecida por Ouricuri, que costuma durar até três meses, quando eles se mudam temporariamente para um local distante da cidade, no meio da mata, e é proibida a entrada e visita de não índios ao local das cerimônias.

Ari explicou resumidamente o critério para determinar que uma pessoa seja índia. Toda pessoa descendente de um índio, não importando se for mestiço, tendo um dos pais de outra etnia, seja branca, negra, ou amarela, que tenha participado das cerimônias anuais desde o primeiro ano de vida e que fale a língua nativa, o yaatê, é considerada índia. Por outro lado, uma pessoa descendente pura de pai e mãe índios, mas que nunca tenha participado das cerimônias, e que não fale a língua nativa, é considerada não índia. Esse era o caso de Ari.

— Há outros critérios cruzados, mas não cabe aqui descrevê-los — completou. — Portanto, não poderemos entrar no território sagrado das cerimônias. Mas vamos poder realizar a vivência com as medicinas em outras áreas da mata, desde que não seja na aldeia sagrada de Ouricuri. Ligue de volta no comecinho de junho.

Henrique ficou muito decepcionado. Renata, ao saber de que ele não iria mais fazer a viagem naquele mês, voltou à carga e exigia que Henrique a acompanhasse à sessão com a cartomante. Renata tinha sobre Henrique um

poder de convencimento difícil de ser contestado. Não restou alternativa.

A nova sessão ocorreu no mesmo horário da anterior. Henrique subiu os degraus que levava ao piso superior resmungando e contrariado. Renata não lhe dava ouvidos.

Como da outra vez, não tiveram que esperar. Não havia clientes em atendimento, o que levou Henrique a pensar que possivelmente a vidente só tinha a eles como “presas”.

Os dois se sentaram à mesa de frente para a cigana e ela repetiu o procedimento de dar as mãos, fechar os olhos, ficar em silêncio. Ouviam-se tocar aquelas músicas relaxantes com sons de harpas e flautas. Depois disso ela fez a interpretação do movimento da fumaça que circulava dentro da bola de cristal. Fez aquele ar de mistério, modificou a entonação da voz, passando a falar espaçadamente, dizendo coisas que não tinham relação com a história contada na sessão anterior.

Renata a interrompeu daquele seu jeito característico, indo direto ao ponto. Ela queria saber o final da narrativa, o que aconteceu com a jovem que fazia o aborto e sobre o destino do rapaz.

A cigana arregalou bem os olhos, fitou Renata por alguns segundos, bateu com as mãos sobre a mesa e falou, em tom ríspido:

— Você acaba de interromper a minha conexão. Vamos ter que marcar uma nova sessão. Hoje não dá mais.

— Como assim? Nada disso, você vai ter que nos dizer o final da história. Hoje!

— Não funciona assim, não, mocinha. É preciso concentração para fazer conexão com os oráculos. E você acabou de interromper a minha conexão.

Henrique teve vontade de pedir a Renata para irem embora e dizer na cara da vidente que ela não passava de uma charlatã embusteira, mas se calou. Ele sabia que Renata não o ouviria e não desistiria tão fácil de seu intento.

— Olhe aqui, minha senhora, não pense que eu vou sair daqui sem as respostas. Eu paguei adiantado, como a senhora pediu. Então, se concentra aí e convoca seus oráculos ou devolve o dinheiro. As coisas comigo também não funcionam

do seu jeito, não.

A vidente deu um longo suspiro, mirou Renata nos olhos e concordou.

Henrique criou coragem e cochichou no ouvido de Renata:

— Escute, querida, você ainda confia nela? O que for dito daqui pra frente poderá ser qualquer coisa inventada, vamos embora daqui. Essa mulher é uma charlatã, eu já te disse.

— Nada disso. Só saio daqui depois de ouvir o final da história — respondeu ela em voz alta.

A vidente reiniciou a sessão. Henrique passou a observar Renata de soslaio para sentir se ela ainda acreditava na teatralidade e palavras da cigana. Seus olhos não pareciam mais ter o brilho da fascinação de antes. Isso era, para ele, um bom sinal.

A cartomante-vidente-cigana, seja lá o que ela realmente fosse, retomou a história do casal florentino medieval. Disse que a jovem morreu naquela noite e o jovem havia sido capturado e assassinado durante a fuga, numa floresta. Aquele casal fora Renata e Henrique em vidas passadas. As almas deles carregavam um carma compartilhado pela alma do feto que não conseguira encarnar.

Para Henrique e Renata, segundo a vidente, restava uma única maneira de zerar o carma do passado: eles deveriam gerar um novo filho para que a alma do feto abortado pudesse encarnar novamente e seguir o seu caminho evolutivo. Caso não gerassem, aquele carma continuaria nas próximas encarnações.

Isso poderia durar sucessivas encarnações, porque, segundo ela, nem sempre almas gêmeas encarnam numa mesma existência. Então, eles, Henrique e Renata, deviam agradecer a Divina Providência dos Senhores do Karma por terem permitido que eles se conhecessem e se encontrassem novamente na atual existência. Era uma oportunidade de ouro que eles não deveriam desperdiçar.

Renata mudou seu semblante e parecia se agradar com as palavras da cigana. Claramente atendia aos desejos do seu planejamento para uma vida a dois, como um feliz casal, alimentado pelos seus sonhos e do seu ego.

Henrique balançava a cabeça. Ficou preocupado. Ele já deduzia o que viria pela frente nos planos de sua amada. E temia que ela acabasse enganando-o e engravidando como forma de forçar sua separação com Rita.

Passaram-se alguns dias e Renata o chamou para uma conversa mais séria num bar-restaurante às margens do Rio Capibaribe, na Ilha do Retiro. Lugar discreto, charmoso, mas de pouco movimento.

Sentaram-se num deque anexo ao salão do restaurante com vistas para o rio. O som ambiente tocava músicas românticas de MPB. Ela sugeriu algum petisco, porque não estava com muita fome. E disse que estava a fim de beber uísque. Pediram um arrumadinho de charque e duas doses de uísque doze anos, que foram reprisadas durante o encontro.

Renata foi direto ao assunto da vidente-cartomante. Para alívio de Henrique, ela chegou à conclusão de que fora glosada e de que não acreditava mais na história contada pela cigana, mas não desconsiderava de todo a possibilidade de serem almas gêmeas e de terem tido uma vida a dois em uma encarnação passada. Renata prometeu continuar a investigação. Ela iria procurar outros videntes, mais renomados e respeitados.

O clima entre os dois havia mudado. Quase não se beijaram nem trocaram carinhos. Renata tinha o semblante sério e, sem mais delongas, mencionou a separação, não dando mais chances a Henrique para postergar. Deu um ultimato. Ou Henrique tomava a firme decisão de se separar de Rita dentro de uma semana, ou ela iria embora de Recife para seguir carreira na publicidade.

Ir embora, segundo ela, seria uma forma de esquecer mais rápido sua decepção e também para ficar distante de um amor não correspondido. Ela já tinha em vista agências de comunicação de São Paulo e Milão, na Itália, onde ela havia morado no final da adolescência. E, para lhe provocar ciúmes, ela disse que o seu contato na Itália era um antigo namorado italiano que conhecera em Milão.

Henrique ficou tenso, paralisado. Dispensou o último gole da bebida, afastando o copo. Sentiu palpitar o coração. Ele já tinha quadro de hipertensão e tomava medicamentos de controle. Passou mal, com falta de ar e palpitação no peito. Mas disfarçou o quanto pôde para não piorar a situação e para se desvencilhar o quanto antes da companhia de Renata.

Ele estava incomodado e sabia de antemão de que teria muita dificuldade para executar a decisão imposta pela amada. Sim, era verdade que seu casamento já estava morno, mas ele não considerava um motivo suficiente para uma separação. Ele amava os filhos e tinha uma boa relação com a família de Rita. Além do mais, ele sabia que a maioria dos casais amigos seus passava por situações parecidas. Aliás, ele entendia o casamento como uma convenção social. Melhorava o status, o respeito entre os pares, facilitava frequentar determinados círculos da sociedade. Ele tinha plena consciência dos fatos.

Pediram a conta e seguiram juntos, em silêncio, até o estacionamento, onde se despediram com um selinho. Cada um entrou em seu respectivo automóvel e foi para a sua respectiva casa.

Ao chegar, ainda sentindo um peso no coração e com respiração forçada, Henrique foi direto para o banho. Saiu e foi à cozinha tomar água.

Rita, ao notá-lo silencioso, indagou-o, preocupada:

— O que houve, Henrique? Tá tudo bem?

— Não houve nada, tá tudo bem.

— Como não houve nada? Eu tô vendo que você não tá bem — insistiu ela.

— Quantas vezes vou ter que repetir que não é nada, Rita?! — retrucou em tom ríspido.

Henrique pegou uma revista e se trancou no banheiro. Sentado sobre o vaso sanitário, com a revista aberta aleatoriamente, Henrique desabou-se em um choro discreto, mas dolorido.

Apesar do som da televisão ligada na suíte do casal, Rita escutou. As crianças já estavam deitadas. Ela foi até a porta, bateu de leve com três toques de dedos e, de maneira suave, perguntou o que estava acontecendo.

Nunca havia presenciado o marido daquela maneira, absorto, silencioso, às lágrimas. De dentro do banheiro, recompondo o choro, Henrique avisou:

— Rita, conversamos em outro momento, tenha paciência.

— Tenho o direito de saber o que se passa, Henrique! Por favor, sou sua esposa!

— E eu já disse que não vou falar nada hoje! — repreendeu, alterado, a voz abafada por trás da porta. — Mas pode ficar tranquila que não é nada sobre morte, doença, acidente, caso de polícia, com a justiça, ou outro assunto desse nível! — Henrique saiu do banheiro, pegou seu travesseiro, um lençol e foi dormir no sofá da sala.

Rita foi para a cama talvez mais preocupada do que ele. Ela também chorou, sem conseguir dormir, pressentindo algo de muito ruim durante a noite e parte da madrugada, sem ter como adivinhar o que acontecia com o marido.

Henrique saiu mais cedo de casa na manhã seguinte. Tomou café na padaria. Nem se preocupou com o estado de Rita e tinha consciência. Sentia-se cruel, um crápula, um cafajeste. Teve ódio de si mesmo. “Adúltero! Traidor! Covarde!”, ele dizia a si mesmo, enquanto pensava em Rita, Renata, seus filhos, sua família e amigos.

“Por que fui entrar nessa aventura? Onde eu tava com a cabeça?”

Sua mente martelava. Pensava em ligar para Renata, mas não sabia o que falar. Ele se sentia só, perdido, sem ter ninguém com quem confidenciar. Precisava de consolo, conselhos, conforto emocional e psicológico.

Vagava de carro pelas ruas de Recife sem destino. Verificou que havia pouco combustível. Parou no posto, reabasteceu, ligou o som, selecionou a opção CD em que havia um combo instalado no porta-malas com dez discos de estilos variados. No combo havia CDs de 10.000 Maniacs, Neil Young, Allmann Brothers, Rita Lee, Luiz Gonzaga, Caetano Veloso, Novos Baianos, Strunz & Farah, Pat Metheny e Al Di Meola. Uma seleção bastante eclética que ia de blues ao jazz, de MPB a ritmos caribenhos, do pop rock ao blues, e mais o forró que o equipamento tocava por escolha automática e aleatória. Aumentou o volume e pegou uma estrada a esmo.

Leu nas placas “Litoral Sul, Calhetas, Porto de Galinhas”. Seguiu o fluxo do trânsito. Cada música que tocava trazia a lembrança de Renata, dos momentos felizes que passaram juntos, desde quando a conheceu e dava escapadinhas durante o expediente. Lembrava-se das fugas vespertinas para Aldeia, dos barzinhos da periferia em que se refugiavam para se protegerem de olhares conhecidos. Ele rememorava os encontros picantes nos motéis mais distantes, de

Olinda, Candeias, Apipucos, Bongi, Casa Forte, todos os esconderijos do amor secreto. E proibido.

“Imoral!”

Voltou a chorar no carro, dessa vez copiosamente para dar vazão à sua dor. E culpa. Porque ele se sentia muito culpado. Sofria. Mas ao vir a lembrança de Renata, seu coração explodia de emoção. Henrique estava apaixonado por ela. Mais do que isso, ele a amava. E tinha certeza. Não desejava perdê-la.

Quando deu por si havia passado a entrada do povoado de Nossa Senhora do Ó, distrito de Ipojuca, caminho que leva à praia Porto de Galinhas, distante cerca de sessenta quilômetros de Recife.

Fez retorno e voltou ao trabalho.

Há um ditado que diz que “desgraça pouca é bobagem”.

Ao chegar ao escritório, Henrique recebeu uma péssima notícia da secretária. O shopping havia mandado um aviso extrajudicial para avisar que se o aluguel, que acumulava três faturas sem pagamento, não fosse pago em quarenta e oito horas, a administração entraria com ação de despejo.

Henrique escondia suas dificuldades financeiras da família, de Renata, dos amigos. Não era tanto por orgulho, mas por vergonha. Vergonha de ser chamado de pessoa incompetente, de caloteiro, mau administrador, ou de pechas que poderiam prejudicar a imagem de homem bem-sucedido que havia construído

Ele acreditou que conseguiria administrar a situação pegando empréstimos bancários e fazendo ações de aumento de vendas através de promoções com queima de estoques. Já havia conseguido sair de situação semelhante, voltando a ter lucros e crescimento nos negócios, mas daquela vez era diferente. O cenário econômico no varejo era de queda no consumo, alta do dólar e o governo modernizara seu sistema de fiscalização e cobrança de impostos com softwares avançados, encurtando prazos e emitindo ações de cobranças mais ágeis.

Uma dessas novidades era a retenção de mercadoria adquirida fora do estado por falta ou atraso de pagamento das guias de recolhimento do ICMS. Já havia um e-mail da transportadora avisando da retenção de mercadoria comprada para uma ação para o Dia das Mães. Henrique aguardava ansioso pelo produto, porque havia conseguido uma ótima negociação com o fornecedor e esperava aumentar o faturamento ainda no mês de abril e assim recuperar o fôlego financeiro e quitar as dívidas mais urgentes. Era o caso dos aluguéis atrasados com o shopping.

Ele já havia renegociado prazos com a administração, mas vencera o último prazo para liquidar. Agora só restava esperar a boa vontade do departamento financeiro para postergar por mais uns quinze dias. Ele confiava de fato nas vendas promocionais que começariam a partir do fim de semana seguinte. Era sua grande esperança.

As notícias trazidas pela secretária o atordoaram. Já não bastava o sofrimento pela pressão de Renata e de uma eminente crise conjugal que se aproximava. Atônito, sem saber que resposta dar à secretária e sem saber por onde tentar resolver, ele saiu para tomar um café. O expresso era o seu calmante, ele havia se condicionado a isso.

Ele mal havia sentado para tomar o café, o telefone tocou. Era Renata. Ela queria almoçar.

— Escuta, querida... É que... Bem, hoje... Hoje não dá. Tenho coisas urgentes para resolver no escritório.

— Você está me evitando, Henrique? Eu não acredito nisso. Você sabe muito bem que essa situação toda também não é um parque de diversões pra mim. Você acha que eu gosto de te falar o que fazer? De questionar se você está me falando a verdade ou não? De ficar pensando em você com ela o tempo todo, quando poderia estar comigo? Em pensar que, na verdade, eu sou só uma diversão pra você? Sem contar que a chance de já termos histórias em vidas passadas é enorme, mas você não parece mais se importar, só quer fazer do seu jeito — ela disparou, em desabafo.

Ele só escutou, sem contestar. Por fim, disse, firme:

— Rê, você precisa acreditar em mim — implorou, os olhos marejados. Estava esgotado. — Não tem nada a ver com a conversa da outra noite. Por favor. Confia em mim.

Ela se acalmou e concordou. Derrotada, encerrou a chamada.

Henrique deu um profundo suspiro. Não acreditava que estava passando por aquilo tudo de uma só vez. Não tinha a quem apelar.

Dali mesmo decidiu ir à administração do shopping. Devia haver alguma forma de resolver amigavelmente. Ele sempre teve uma boa relação e reputação com os funcionários.

A sala da recepção central da administração estava lotada de lojistas, cada um com um motivo diferente, mas certamente o assunto “aluguel atrasado” devia ser um denominador comum.

Os lojistas são ciosos, todos procuram manter a fachada de que vão bem. Conversou com alguns, tentou descobrir por que estavam ali. Ele mesmo disse, omitindo e se preservando, que tinha só um aluguel atrasado.

Uma hora e meia depois, foi chamado. O superintendente Cardoso não foi tão receptivo.

— Tem pressão do andar de cima, você entende, né?

— Mas não há nada que você possa fazer pra me ajudar? Preciso de mais tempo! Pela nossa amizade, Cardoso! Por favor!

Ele se ajeitou na cadeira e foi sincero, sem meias-palavras:

— Henrique, gosto muito de você, te considero um amigo. Mas entre nossa amizade e meu emprego, prefiro preservar o meu emprego.

A frase saiu como um punhal em direção ao peito de Henrique. Vendo o choque do colega, Cardoso, em consideração, prometeu tentar mais uma única vez:

— Semana que vem tem uma reunião do comitê. Se eles não aprovarem nova prorrogação, eu lavo as minhas mãos. Até lá, só posso pedir para o Departamento Jurídico suspender a ação de despejo. Sei que não é o ideal — ele continuou, ciente de que Henrique iria contestar —, mas se coloca no meu lugar, parceiro. Não tenho muito o que fazer. — E, olhando para os lados, chegou o corpo pra frente e sussurrou: — Mas, cá entre nós, posso te dar uma sugestão?

— Sou todo ouvidos.

— Um agiota consegue resolver esse teu problema aí, hein? Mas tô te falando em off. — E encerrou, com uma piscadela.

— Compreendo perfeitamente — balbuciou. Como bom entendedor, Henrique agradeceu e quase beijou a sua mão.

Henrique deu um respiro de alívio que abreviou o seu sufoco acumulado desde a noite anterior. De quarenta e oito horas que tinha pressionando sobre sua cabeça, ele acabara de conseguir pelo menos cinco dias a mais, contando com o final de semana. O prazo era curto, mas teria tempo de encontrar uma solução se agisse rápido.

Ele conhecia uns agiotas que frequentavam os cafés do shopping. Algum deles poderia socorrê-lo. Ele iria procurar um ainda naquela tarde. Ele precisava ser ágil, ganhar tempo.

Tempo. Tempo! Essa invenção humana de dividir a duração das coisas e evolução da vida em dias, horas, minutos...

Os juros cobrados por agiotas é a forma consentida de ser assaltado sem direito a denúncias. Henrique conversou com três. Eles sabem que um lojista, ao procurar pelos seus serviços, é porque já esgotou seu limite de crédito na rede bancária. Eles se cercam de todo cuidado para ver garantido o retorno do negócio. No caso de Henrique, o automóvel, um Honda Civic com poucos meses de uso, foi usado como caução da operação.

Foi tudo registrado em cartório, com a retenção do documento de transferência na mão do agiota, por garantia. O prazo para devolução do empréstimo era de trinta dias. Não havia outra solução mais rápida em sua mente. E Henrique estava pressionado pelo tempo. Aceitou o negócio, mesmo sabendo que o seu automóvel fora avaliado pelo agiota cerca de vinte por cento abaixo do valor de mercado.

Ele alimentava esperanças de que tudo daria certo, como sempre havia dado. Não era a primeira vez que sua empresa passava por sufoco financeiro. Henrique era otimista, confiava na sorte.

Conseguiu acertar as pendências atrasadas com o shopping e liberar a mercadoria retida pela Secretaria da Fazenda no terminal da transportadora. Ficaram de fora os títulos atrasados dos fornecedores que ele negociava prorrogações. Só a folha de pagamento estava em dia. Henrique tinha essa consideração com seus funcionários.

Por ora, a situação emergencial estava resolvida.

Restava a sua situação doméstica. De que forma ele iria pedir o divórcio? Qual a motivação? O que alegar para Rita, os filhos, a família e amigos? Eles nem costumavam brigar. A Rita era bastante passiva. Certamente desconfiava das escapadas do marido, mas, pelo bem da família e da estabilidade financeira, ou por vergonha diante do círculo social que frequentavam juntos, ela fingia não perceber. Nem questionava o marido.

Henrique estava dividido. A razão lhe dizia que não deveria romper o casamento.

Para sua comodidade, se Renata não o pressionasse, as coisas ficariam como estavam. Era tão bom. Mas, “diachos, por que fui me relacionar com uma garota tão decidida como Renata?”, Henrique se questionava.

No final da tarde, ele recebeu uma ligação de Renata.

— Vamos jantar hoje? E não, não vou aceitar outra recusa, como a do almoço.

— Querida, eu ainda preciso de um tempo a sós para pensar em como vou falar com a Rita, com meus filhos... — Henrique tentou dissuadi-la.

Renata o cortou:

— Não tem mais o que pensar! Qual seria a dificuldade de chegar para ela e dizer “quero o divórcio”? Se ela perguntar o motivo, diga a verdade. Só isso. Te vejo mais tarde então. — Renata estava impaciente.

Como sempre acontecia, Henrique cedeu.

Foi direto ao encontro com sua amada, num dos poucos hotéis cinco estrelas na época.

Renata não queria mais encontros em motéis. Estava farta deles. Merecia melhor dignidade. Ela havia feito reserva no Mar Hotel. Mais do que isso. Reservou um tatame no restaurante japonês no último andar. Meticulosa e ciosa de todos os cuidados, ela subornou o gerente do restaurante para não os incomodar enquanto o casal estivesse dentro do tatame a portas fechadas.

Henrique mencionou que aquela noite poderia ser mais longa que de costume e chegaria bem mais tarde em casa. Renata rebateu, quase em tom de zombaria:

— Que diferença faz? Chegando mais cedo ou mais tarde, você vai pedir o divórcio mesmo, não vai? Então, não precisa se preocupar. Relaxe que está tudo se resolvendo.

Chegaram por volta das dezenove horas ao hotel. Subiram ao apartamento pelo elevador. Tomaram banho. Renata havia levado uma muda de roupas e baby doll. Henrique fora com a roupa do corpo, não tivera a chance de se preparar. Trocaram beijos e alguns amassos, mas ela logo o interrompeu.

— Agora não. Estou com fome. Vamos jantar primeiro.

Subiram até a cobertura onde ficava o restaurante.

O ambiente era iluminado indiretamente por arandelas em estilo oriental. As portas da pequena sala eram feitas de material translúcido, que impedia a visão direta de quem estava dentro ou fora, mas não impedia a passagem de luz e de perceber os vultos projetados pelas sombras. Era assim que percebiam a aproximação do garçom. Renata havia previsto. Por isso, ela solicitou um sininho de mesa para avisar quando o garçom poderia se aproximar da sala. E deveria sempre bater na porta e só entrar após permissão. A propina de fato deve ter sido bastante convincente.

O garçom trouxe as entradas: salada picante de pepino, cabeças crocantes de camarão empanadas, grãos de soja verde cozidos na água e sal, sopa missô e dois copos de saquê com as bordas cobertas de sal. Agradeceram, e Renata lembrou a ele que só trouxesse o restante do pedido quando ouvisse o tocar da sineta. O garçom abriu um malicioso sorriso. Henrique, discretamente, também, intuindo o tipo de surpresa preparada por sua amada.

Os calçados haviam ficado do lado de fora da sala. Havia uma mesa baixa no centro, à altura de um palmo do assoalho de madeira. Sentados ao chão de frente para a mesa, com os corpos lado a lado sobre confortáveis almofadas, iniciaram os carinhos, beijos e toques. Renata usava um confortável vestido floral acima do joelho.

Entre uns goles e outros de saquê, o clima foi esquentando. Henrique acariciava as partes íntimas de Renata por baixo de sua roupa. Ela retribuía, provocando-o por sobre a calça. Instantes depois, ela desabotoou o cinto e desceu a calça de Henrique até a altura das canelas e acariciava a glândula de seu falo com os lábios.

— Rê, para um pouco...

Ela grunhiu um “uhum”, e continuou.

— Querida... Não vou conseguir me controlar...

Ela respondeu “uhum” e aumentou o ritmo. Ele entendeu a sua intenção e

deixou-se explodir dentro da boca de Renata.

Henrique foi às nuvens. Gozou como na primeira vez aos 12 anos de idade, ao se masturbar à beira do rio que nadava e tomava banho na infância.

Ela levantou-se, arrumou a roupa, ajeitou o cabelo e foi ao banheiro. Enquanto ela não retornava, ele ficou pensativo e cheio de dúvidas.

Estava confuso e não chegou a nenhuma conclusão. O fato é que ele gostara e aprovara, sentia-se saciado e queria muito mais.

Ele também foi ao banheiro quando Renata retornou. Notou os olhares dos funcionários. Sabia que ele e Renata estavam dando muito na cara. Mas deu de ombros. “Foda-se! Não devo satisfações. Eles não pagam as minhas contas.”

Renata tocou a sineta para o garçom trazer o prato principal, que consistia em sushis, sashimis e guozas. Finalizaram com sobremesa de sorvete frito com calda de cerejas.

Ela fez questão de pagar a conta sozinha. Era um presente especial “fora de época”, no modo malicioso do seu jeito de falar.

De volta à suíte do hotel, Henrique alertou:

— Querida, só posso ficar com você no máximo até as onze horas da noite, impreterivelmente.

— Relaxa, meu amor. Vem aqui, vem — devolveu, esboçando um sorriso malicioso.

Deitada na cama, vestida com o baby doll de seda, o olhar de lascívia, Renata estava tranquila, nem parecia a pessoa irritada e impaciente ao telefone durante o dia. Seu olhar e voz eram manhosos e sedutores.

Obediente e cheio de tesão, Henrique cedeu. Beijaram-se, trocaram carinhos e Renata conduziu sua cabeça até o meio de suas pernas, esperando a retribuição desde o jantar. Renata grunhia e urrava de prazer, contorcia seu corpo, levantava as nádegas do colchão, sem nunca soltar as orelhas do amado. Seu corpo estava lânguido e suado.

Prestes a atingir o clímax, Renata montou em Henrique e galopou como se estivesse sobre um potro garanhão. Ela deitou-se por cima dele, sem desconectar seus corpos, beijou e chupou o pescoço do parceiro, dando algumas mordidas nos ombros. Gemia e se contorcia de prazer. Gozaram juntos. Os dois corpos jaziam molhados e salgados de suor. Deitaram-se lado a lado. Permaneceram em eloquente silêncio por alguns instantes.

Henrique estava exausto, mas lembrou-se de verificar a hora pelo aparelho celular. Passava das dez e meia. Tinha que tomar banho, vestir-se e ir embora.

Renata não protestou. Em silêncio, ainda nua e deitada na cama, virou de costas para Henrique e afastou metade das nádegas. Só então falou, com uma voz bem manhosa:

— Olha só o que você está perdendo.

Henrique, boquiaberto e sem saber o que dizer de tão surpreendido, apenas olhava e sentia o enrijecimento do pênis. Ignorando o tesão, disparou.

— Renata, o que deu em você?

— Vai dizer que você não quer? É todo seu. Mas só se for agora. Depois de hoje, nada feito.

Tentado, porém hesitante, ele respondeu:

— Isso é covardia. Nós combinamos o horário. Mas vou querer voltar a esse assunto, ah, se vou... — Mordeu o lábio inferior, dando-lhe uma palmada na bunda. — Amanhã falamos sobre isso. Mas tenho mesmo que ir, querida.

Ela não regateou mais. Aceitou, reticente. Disse que dormiria ali mesmo para tomar o café da manhã no hotel, que era famoso pela excelente qualidade, variedade e atendimento.

Uma tormenta de pensamentos contraditórios povoou a cabeça de Henrique enquanto ele dirigia de volta para casa. “Por que Renata estava agindo daquele jeito? Qual era a sua intenção? Estaria fazendo aquilo só para me agradar e me convencer a ficar com ela?”

Estacionou o carro na garagem do prédio e subiu pelo elevador cheio de dúvidas

e vazio de respostas.

Henrique gelou ao entrar.

Rita o esperava impaciente no sofá da sala. Ainda não estava preparado para conversar. Deu boa-noite e seguia em direção ao quarto.

Rita o interrompeu.

— Que boa noite o quê! Sabe, Henrique... Eu mereço mais respeito. Pensei em te ligar, mas respeitei o seu pedido de “não incomodar”. Mas merecia ao menos consideração, né? Passei o dia todo pensativa, preocupada e aflita. Chorei, tomei calmante, liguei para desabafar e me aconselhar com a Suzana e a Fátima. Esperava que ao menos você chegasse mais cedo para conversar, me tranquilizar.

Henrique permaneceu mudo, sem reação. O coração disparado. A barriga tremia. Ele sentia medo. Estava inseguro e sentia a coragem escapar pelos dedos. Na defensiva, virou o rosto para fugir do olhar fustigante de Rita. E ela notou umas manchas em seu pescoço.

— O que é isso no seu pescoço, Henrique?! — Ela deu um grito que acordou a empregada doméstica, os vizinhos e as crianças. Henrique tomou um susto.

— O quê?

— Esses... essas... manchas!

— Q-q-que manchas? — repetiu as palavras de Rita, gaguejando.

Correu para o espelho do lavabo. Ficou pasmo, a face perdeu a cor. Eram hematomas. Marcas de chupadas no pescoço.

As crianças saíram do quarto, assustadas. O filho menor choramingava. A filha adolescente o encarava com ar de indignação e reprovação. O filho do meio perguntava o que estava havendo e o mais velho olhava estático, incrédulo.

Henrique perdeu completamente o controle da situação. Não sabia o que falar.

— Ah, isso? Deve ter sido um fardo pesado que ajudei a descarregar do caminhão.

Não colou. Ele sabia disso.

— Eu não acredito nisso. Olha o que você está fazendo com o nosso casamento, com a nossa família! — Ela gritava a plenos pulmões para quem quisesse ouvir, aos soluços. — Você só sabe mentir! Era isso que você queria ensinar pros seus filhos? A ser um mentiroso filho da mãe?

Henrique não sabia onde enfiar a cabeça. Desejava se esconder, fugir. Estava envergonhado e desmoralizado diante dos filhos. Saía tudo ao contrário do que pretendia que acontecesse ao pedir a separação. Sentiu que o jogo estava perdido.

Sentou no sofá e começou a chorar feito uma criança desamparada.

— Crianças, voltem para o quarto agora.

— Vou ficar aqui, mainha. Com você — resistiu a filha. — Eu também tenho o direito de saber!

— Isso aqui é assunto de marido e mulher. Depois vocês vão ficar sabendo. Agora me obedçam e vão dormir.

Rita tinha pulso firme na criação dos filhos. Conseguiu ao menos que voltassem para os quartos e ficassem de portas fechadas.

Henrique, descontrolado e derrotado, confessou o caso extraconjugal e Rita quase desmaiou. Embora ela suspeitasse, foi um choque ouvir a confissão. Henrique, arrependido, pediu perdão. Ali, naquele momento, ele percebeu que amava a família e não teria mais coragem de levar o plano adiante. Mas omitiu que desejava pedir o divórcio.

— Rita, eu não me sentia bem com esse caso, mas estava com dificuldades de me desfazer dela. Ela ameaçava constantemente a tornar público o romance secreto e eu temia muito pelas consequências.

Rita pareceu acreditar, pelo menos por enquanto. Alguma coisa a dizia que não era bem daquele jeito. Mas resolveu contemporizar, porque, pelo menos, ele

parara de mentir.

Por fim, Rita se levantou.

— Chega por hoje. Amanhã a gente continua. Mas não ouse sair cedo pra trabalhar, nem que o shopping esteja em chamas! E trate de dormir aí mesmo onde você tá sentado.

Entrou na cozinha, bebeu um copo d'água e foi para a suíte do casal.

A casa ficou em silêncio. A mente de Henrique continuou barulhenta. Não conseguia dormir, apenas dava alguns cochilos intermitentes. Seguiu assim até o amanhecer.

Na manhã seguinte, depois que os filhos saíram para as aulas, o casal voltou a conversar. Rita nem se importava que a empregada ouvisse da cozinha, onde lavava os pratos usados no café da manhã, todo o desabafo preso na garganta.

Henrique só pedia que ela mantivesse a calma. Ele havia se rendido. Estava fragmentado psicologicamente. Sua consciência o condenava, ele se achava culpado, um mau exemplo para os filhos, o pior dos homens.

— Rita, me perdoa, por favor. É com você que eu quero ficar. Eu cometi um erro terrível, que não tem como consertar. Mas eu estou disposto a me redimir ao seu lado.

— Você vai terminar esse caso?

— Vou, eu juro. Se você me aceitar de volta.

Rita recebeu um telefonema de Fátima, uma amiga comum deles, que disse que o padre Mateus, da paróquia que frequentavam juntas, desejava ter uma conversa com Henrique, a sós. Eles haviam participado de um Encontro de Casais com Cristo anos atrás, coordenado e comandado pelo padre, que se achava tutor de todos os casais que fizeram parte daquele encontro espiritual.

— Então eu preciso que você vá conversar com o padre — disse ela, as guardas finalmente abaixadas. — Você precisa voltar pros eixos, Henrique. Lembra-se de como era bom quando éramos noivos?

Henrique estava afastado da igreja, mas, por ele, nunca teria frequentado, não fosse a pressão da esposa. Enxergava muita hipocrisia e contradições entre o que a igreja e os fiéis pregavam com o que praticavam no dia a dia, incluindo a si naquele meio. Mas aceitou ir conversar com o padre, não pelos conselhos religiosos que ele certamente daria, mas pela amizade pessoal. O padre entendia de Filosofia, um homem culto, sábio, e certamente teria boas palavras de conforto e orientação para a situação.

— O que você quiser, Rita.

No entanto, Henrique saiu do encontro desapontado. Como era de se esperar, o padre lhe lembrou dos valores cristãos na formação de uma família construída com base no amor, na harmonia e na união. Versou sobre os laços sagrados da comunhão conjugal, mas não falou nada de novo

Ele ponderou: “O padre pode ser muito sábio, mas falta-lhe a experiência de homem casado.” Então resolveu ligar para Gustavo, o marido de Fátima. Um amigo comum, que conhecesse a vida íntima do casal, mas com experiência de homem casado, seria mais aproveitável para uma conversa daquele nível.

Ele tinha razão. O amigo confessou algumas escapadas fora do casamento, disse saber de outros amigos também.

— Meu caro Henrique, escapadinhas são compreensíveis. Mas não podem se tornar públicas ou um caso, um romance. Quando surgem, devem ser sempre avulsas, casuais e feitas com muita discrição e cuidados higiênicos para não levar doença pra casa. — E, repetindo as palavras do padre, completou: — A família é o bem maior de um cidadão de bem e respeitável socialmente, meu amigo.

Naquele dia ele não foi ao trabalho. Recebeu uma ligação da secretária para saber quais pagamentos ela deveria fazer, já que não havia saldo suficiente para todos. O mais urgente da semana havia sido pago, que eram a liberação da mercadoria retida pela Fazenda e o aluguel atrasado do shopping.

Henrique disse que deixasse para segunda-feira, que ele não estava em condições de ir ao trabalho e que iria descansar pelo restante da sexta-feira.

A única questão imediata que ele precisava resolver de maneira improrrogável era a sua situação conjugal. O resto havia perdido a importância.

Ele estava resolvido a sacrificar a sua felicidade no amor em nome da família e da sociedade. Assim era a vida desde sempre. O amor era coisa de romances contados em livros e filmes de Hollywood. Ao menos ele tentava se convencer disso, para ao menos iludir a mente e o coração.

Decidido, ligou para Renata. Marcou um encontro com ela à tarde. Não queria mais vê-la à noite por dois motivos: não se deixar cair em tentação, bem como para demonstrar a si mesmo de que se reconciliava com um novo comportamento para com Rita. Queria chegar mais cedo em casa e jantar com a família, como há muito tempo não fazia.

Renata alegou que não podia sair antes das seis da tarde. Ele retrucou: o assunto era urgente e do interesse dela, portanto, ela que avaliasse o que seria mais importante. Renata assentiu. Notou pela entonação de Henrique a gravidade da conversa.

Marcaram para as quinze horas, num trecho mais isolado da praia, em Candeias. Escolheram uma palhoça que servia petiscos e bebidas num calçadão à beira-mar, onde havia um deque coberto de palha de coqueiro que tornava o ambiente agradável e refrescante pela sombra e pela brisa do mar. Henrique pediu água mineral. Não queria beber nada alcoólico. Renata o acompanhou.

Ele nem precisou mostrar a mancha do chupão em seu pescoço. O colarinho da camisa não o escondia por completo. Bastava virar o rosto para a esquerda que o hematoma ficava à mostra. Ele apontou para o pescoço:

— Tá vendo isso aqui? Isso foi um tiro pela culatra. Por causa dessa mancha, perdi o rebolado. Por conta desse gesto impensado teu, ou, talvez, mal-intencionado mesmo, tudo ocorreu de forma contrária. E deu tudo errado! O feitiço virou contra a feiticeira, Renata!

— Desculpa pela chupada, mas você está certo: foi intencional mesmo.

— Por que você fez isso?

— Porque eu sabia que você não ia ter coragem de pedir o divórcio! Tava me enrolando, todo hesitante. Eu precisava saber se, pelo menos desse jeito, o homem que eu amo deixaria de agir como um covarde! Tô vendo que não, né? Você continua um covarde acomodado, que não quer abandonar um casamento falido para ficar com quem quer de verdade! — As lágrimas escorriam, mas o

tom era de ira. — Como eu pude ser tão burra? Isso tudo não passou de uma perda de tempo! Agora você vai ser infeliz pro resto da sua vidinha miserável: perdeu a única oportunidade de ter o amor da sua vida. Porque nem nessa nem em nenhuma outra vida eu quero ver a sua cara!

Ela se levantou, prestes a ir embora.

— Rê, por favor, não fala assim... — Ele chorava, estendendo a mão para puxar Renata e convencê-la a ficar.

— Não me toca! — cortou, alterada. — Nunca mais! Eu quero ficar bem longe de você, ir embora de Recife, ir pra São Paulo, Itália, pra China! Não importa! Eu só quero ser feliz longe de você. Porque eu vou ser feliz, Henrique. E você trate de ser também. E me esqueça!

Pegou a sua bolsa, jogou uns trocados sobre a mesa para dividir a conta da água e se dirigiu ao carro. Não olhou para trás.

— Renata, volta aqui! Por favor!

Mas ela já tinha dado partida.

Henrique debruçou-se sobre a mesa de plástico e chorou convulsivamente.

Estava tudo acabado.

Henrique tentou se readaptar aos antigos hábitos, como voltar a frequentar missas ao lado da esposa. Esforçou-se o quanto pôde. Teve dificuldades para se adaptar à nova rotina. Parecia desencaixado, como um estranho naquele aquário social. Sentia-se também envergonhado diante de sua família e entre seus amigos mais íntimos.

O mundo parecia não fazer mais sentido para ele longe e com saudade de Renata. A vida ia perdendo o sabor de viver. Chorava escondido. Ainda se questionava se havia tomado a decisão certa.

A empresa ia de mal a pior. O número de títulos protestados acumulava por atraso de pagamento. Cheques sem fundo eram devolvidos e ele já não conseguia evitar que os credores reapresentassem aos bancos. Sua situação de avaliação de crédito junto aos bancos foi ficando negativa. As vendas sofriam quedas constantes. Os fornecedores cancelavam pedidos. E ele via o seu estoque diminuir. Não enxergava mais solução em curto prazo. Estava abatido e desmotivado. Tinha vergonha e faltava coragem para se abrir com amigos e familiares.

Voltou a beber compulsivamente. Rita notou e ficou preocupada, mas a cada investida em saber o que estava acontecendo, ele se mantinha fechado.

Não conseguiu pagar o agiota. Teve de lhe entregar o automóvel conforme o acordo selado.

Resolveu pedir dinheiro emprestado para um irmão seu que morava em São Paulo, também empresário e lojista. Ao saber da situação, seu irmão se scandalizou. Como ele podia ter deixado a situação chegar naquele nível?

Seu irmão viajou até Recife para examinar de perto e fez uma proposta. Ele pagaria todas as dívidas atrasadas, faria nova compra para sortimento do estoque, mas assumiria o controle acionário e administrativo do negócio. Henrique ficaria com uma participação minoritária e continuaria a trabalhar como sócio-gerente, distante da administração financeira.

Henrique não tinha alternativas. Sua situação era insolvente. Aceitou, sem comunicar a esposa e filhos.

Cometeu mais um erro.

Quando Rita soube, houve protestos e discussões acaloradas em casa. Ela não aceitava a negociação. Preferia vender de vez o negócio e manter algum dinheiro em caixa para o futuro da família. Ela voltaria ao mercado de trabalho e Henrique deveria procurar também uma nova ocupação, um emprego de gerente, qualquer coisa, desde que não se tornasse sócio de seu irmão, com quem ela não tinha muita simpatia, nem confiança e respeito.

Depois de muita briga, ele aceitou e vendeu de vez o negócio para o irmão. No entanto, na nova transação, as dívidas do passivo contábil e financeiro não foram assumidas pelo comprador. Por conta disso, algumas dívidas não foram liquidadas e o dinheiro da venda não foi suficiente.

Sob a nova direção, o negócio se recuperou e prosperou pouco tempo depois. Henrique se arrependia e se sentia fracassado.

Ele tentou trabalhar como representante, mas desistiu. Não teve paciência para esperar formar uma carteira fiel de clientes. Esse ramo leva tempo para criar lastros de amizade e confiança. Depois tentou ser professor. Conseguiu, por indicação de amigos, dar aulas em cursos de treinamento para comerciários, em associações comerciais. O rendimento era inferior às suas necessidades. Não conseguia manter o alto padrão de vida. Teve de vender o apartamento à beira-mar por não conseguir arcar com as despesas do condomínio. Compraram um apartamento mais modesto e mais distante.

Viu muitos de seus amigos se afastarem. Aquele estigma social foi sentido por toda a família. Seus filhos se queixavam, tinham dificuldades para entender a nova situação. A vida conjugal deteriorou-se de vez. Bateu o desespero. Henrique andava deprimido, cabisbaixo, sem paixão pela vida.

Começou a pensar em suicídio e planejou uma forma de dar fim a sua existência.

Era uma quinta-feira de inverno. O céu permanecia nublado fazia dois dias. Chovia intermitentemente. O tempo, as nuvens, o cinza da cidade, tudo lembrava tristeza.

Henrique deixou o carro para Rita ir ao trabalho. Eles agora tinham um único carro na família — popular, seminovo. Dirigiu-se a pé até a parada de ônibus e tomou o rumo do Centro da cidade. Perambulou sem destino pelas ruas dos bairros centrais com um plano definido em mente.

O tempo havia se estabilizado e tímidos raios de sol escapavam pelas brechas das nuvens, propiciando um ar menos úmido. Ele chegou a um parque arborizado, procurou um banco sob frondosas árvores e sentou-se, observando os frequentadores. Havia crianças que brincavam nos balanços acompanhados de suas mães e babás. Um grupo de adolescentes que andavam de skates, outros pedalavam suas bicicletas. Atletas em roupas de academia caminhavam a passos largos. Ouvia-se o canto de pássaros, a tarde parecia normal, e feliz.

Não para Henrique. Ele estava na mais profunda tristeza e solidão.

Abriu o zíper de seu casaco e tirou de dentro do bolso um pequeno frasco. Fixou o olhar no objeto que tinha em mãos. Segurou-o firme levou-o até a altura do peito. Fechou os olhos, deixou cair algumas lágrimas e afastou os braços, descansando as mãos sobre os joelhos.

Ao tentar abrir a tampa do vidro, ele sofreu um desmaio e caiu de lado sobre o banco de cimento em que estava sentado. Aos olhos dos passantes, dava a impressão de que ele estava tirando um cochilo no meio da tarde.

Enquanto seu corpo estava estirado sobre o banco, ocorria a troca de almas.

Naqueles instantes, nossas almas, a minha e a de Henrique, selavam um acordo desde as dimensões superiores, a nível monádico, para que a minha alma desse continuidade à vida existencial de Henrique a fim de concluir a sua missão na presente encarnação.

Recobrado os sentidos, eu acordei atônito, zozzo, sem saber o que estava fazendo ali. Estava desconfortável dentro daquele corpo. Levantei-me e permaneci sentado no banco. Olhei para o frasco que havia em minha mão. Só então me lembrei do que estava acontecendo. Em frações de segundos, eu recebia na mente pacotes e pacotes de informação, como arquivos eletrônicos zipados.

Eu deveria assumir a nova identidade. Não a minha, Alípio, mas a de Henrique. Para todos os efeitos legais, sociais e familiares. Dentro do bolso encontrei uma carta de despedida que ele havia escrito para a família. Nem precisei ler, eu sabia do conteúdo. Rasguei-a em pequenos pedaços e joguei numa lixeira próxima. O conteúdo do frasco, por ser venenoso, despejei dentro de um bueiro e joguei o frasco em outra lixeira mais adiante.

Não iria mais precisar deles.

Olhar para a consciência no cérebro é como olhar para o locutor dentro do rádio.

Nassim Hamein

Realizar uma troca de almas é uma operação rara e complexa. Envolve acordos, concordâncias e permissões entre os mais altos níveis hierárquicos das respectivas Mônadas. No nosso caso, ocorreu na mesma, e não foi menos difícil. Mas o mais complicado mesmo foi assumir e administrar os problemas de Henrique, que não eram poucos.

Ele possuía dívidas por conta do colapso financeiro da antiga empresa. E eu não sabia como lidar com aquilo. Do lugar e do tempo de onde eu vim, essas coisas não existiam mais. Penei bastante para me ajustar e encontrar soluções.

Além disso, as memórias também me incomodavam. Eu sabia que não eram minhas, mas ele sofria de complexo de culpas, e as emoções vinham à tona automaticamente, o que me deixava desconfortável.

Adaptar-me aos círculos sociais deixados por ele, bem como continuar seus vínculos familiares, foi igualmente complicado. Devido às dificuldades de adaptação, afastei-me do convívio de determinadas pessoas e grupos sociais e acabei me aproximando de outras com quem julgava ter mais afinidade. Até mesmo fiz novas amizades com quem eu me identificava filosófica e espiritualmente. Na verdade, fazia parte do acordo entre nossas almas que eu teria liberdade para escolher as pessoas de meu convívio pessoal e não seria obrigado a manter as relações já existentes. Caberia a mim tal decisão. A única exigência feita por Henrique foi a de amar os meus filhos. Aceitei de bom grado e sem contestação, até porque, sou descendente direto de “minha” filha. Quanto ao vínculo e relacionamento afetivo com a consorte matrimonial, eu teria liberdade para decidir continuar ou me separar e procurar uma nova companheira mais afinada comigo.

Logo nos primeiros dias que eu já vivia como Henrique, eu andei “aéreo”. Esquecia como fazer as coisas mais simples e banais. Esquecia até que o meu novo nome era Henrique, pois era assim eu deveria ser chamado, óbvio. Mas quando alguém me chamava, por vezes eu não atendia de imediato. Numa segunda chamada, a ficha caía. As pessoas me olhavam de forma estranha.

Às vezes eu também me esquecia de onde Henrique guardava alguns objetos. Descobri depois que os apagões de memória ocorriam quando Henrique fazia alguma coisa de maneira automática, sem ativar a memória física. Por exemplo, quando anotava algum nome ativava a memória física com uma imagem. Então bastava eu acionar aqueles arquivos mentais para localizar o que eu necessitava acessar. Mas quando ele fazia algo sem prestar atenção, eu tinha dificuldades para lembrar.

Isso acontecia também com os nomes de algumas pessoas. Uma pessoa se aproximava de mim, cumprimentava-me, dizia algumas coisas das quais eu não me lembrava, tampouco mencionava o próprio nome. Mas eu reconhecia aquele rosto. Sua imagem facial era a única lembrança em meus arquivos mentais. Quantas gafes desse tipo aconteceram comigo, algumas vezes engraçadas, outras, constrangedoras. Nessas ocasiões eu entendi o significado da expressão “saía justa”.

No início eu tentei continuar consumindo carne de origem animal, mesmo a contragosto. Não queria que mais uma mudança extrema causasse desconforto na adaptação. Porém, chegou uma hora que não consegui dar continuidade. Rita achava que era implicância pessoal e não ficou nada satisfeita quando comecei a rejeitar as carnes que ela fazia.

Dois anos se passaram desde que houve a troca. E eu não desejava mais viver à maneira de Henrique. Eu às vezes me sentia atuando como um ator a interpretar um personagem. Não estava me fazendo bem.

Tive que colocar em ação algumas partes do acordo. Para isso procurei ajuda, pois sozinho já não me sentia capaz por causa do esquecimento de minhas próprias memórias — não as de Henrique. À medida que vamos vivendo nessa terceira dimensão, somos afetados pela densidade da aura terrestre e pelas baixas frequências, que interferem na comunicação com o nosso Eu Superior. O resultado disso é o progressivo apagamento programado pelos Senhores do Karma, Arcontes e Demiurgos.

A primeira providência foi localizar o índio Ari. Eu pressentia de que ele poderia me auxiliar com as memórias desconfortáveis. E ainda havia a pendência com Renata. Suas lembranças eram persistentes. Ela e Henrique eram de fato almas recorrentes de vidas passadas? Eu também estava curioso para saber. Era estranho porque, de minha parte, não sentia nada ao vivenciar as imagens

mentais, mas, por outro lado, eu percebia que eram carregadas de fortes emoções. Era como ler ou assistir a cenas românticas em que você “sente” a emoção vivida pelos protagonistas, mas que você sabe que não são suas. São sentimentos efêmeros, externos, superficiais.

Eu não conseguia encontrar o cartão de visitas de Ari. Henrique costumava guardá-los num estojo de couro, que ele separava por assuntos em ordem alfabética. Ou deixava em alguma gaveta, num bolso de paletó, por debaixo de uma pilha de papéis sobre a escrivaninha. Aí ficava difícil localizar algum objeto ou informação. Procurei por todo canto, não encontrei. Deixei de lado temporariamente. Voltaria a procurar noutro momento, com mais tempo e calma.

Numa manhã de uma quarta-feira, recebi uma ligação da Bahia.

— Alô?

— Alô! Quero falar com Alípio. É você?

Ao ouvir “Alípio”, gelei e hesitei.

Fiquei intrigado. Entre a dúvida de se eu deveria prosseguir com a conversa ou desligar, fiz uma breve pausa e respondi.

— Não, aqui é Henrique. Você deve ter se enganado. Tenha um bom-dia.

— Desculpa, eu confundi os nomes. É com você mesmo que eu quero falar, Henrique.

— Com quem eu falo?

— Com Ari, Aritana, o índio. Você se lembra de mim?

— Ari! Caramba! Claro. Lembro sim. Aliás, eu perdi o seu cartão e pretendia mesmo ligar pra você faz uns dois dias. Feliz coincidência!

— De qualquer forma, você não iria me encontrar. Eu me mudei de Águas Belas. Estou morando agora na Bahia.

— Nossa, que sorte a minha de você ter ligado. Nada é por acaso, não é mesmo? Mas... Por que você me chamou de Alípio? De onde tirou esse nome?

— Esse assunto faz parte de nossa conversa, txai. Faz dois anos que eu espero por esse encontro.

— Meu amigo, aconteceram muitas coisas de lá pra cá.

— Faço ideia. Posso imaginar. Mas veja, como eu já adiantei, eu não estou mais em Águas Belas. Não sei se eu contei a você... Eu me mudo com certa frequência, não mantenho residência fixa. Estou morando agora na Chapada Diamantina, num sítio de um amigo, entre Lençóis e Seabra. Próximo a Palmeiras.

— Já ouvi falar da Chapada Diamantina. — Pensei naquela região contemplada por monumentos naturais esculpidos pela natureza e muita beleza exuberante entre cavernas, grutas, trilhas, montanhas e cachoeiras. Sem perceber, estava sorrindo. — Na verdade, sinto uma atração especial em conhecer esse lugar. Parece familiar.

— E é. Seus ancestrais moravam aqui, vindos de Portugal. Bem, a oportunidade chegou! Se você tem mesmo vontade de conhecer a Chapada, se organize aí na sua agenda e me ligue. Lembre-se de que Henrique havia planejado uma vivência xamânica comigo dois anos atrás. Cabe a você agora realizá-la. Faz parte do acordo entre vocês. Certo, Alípio? Não se esqueça de salvar o número do telefone. — Ele riu. — Resisti o quanto pude, mas fui vencido pelas circunstâncias: eu agora também tenho um aparelho de celular. Fico no aguardo.

— Peralá, Ari! O que você sabe sobre Alípio?

— Não vamos falar disso por telefone. Portanto, não demore em agendar logo a sua visita. Não sei por quanto tempo pretendo ficar por aqui. Ando pensando em ir passar uns tempos no Sul com os Guaranis. E aí vai ficar bem mais longe para você se encontrar comigo. Se organize, meu txai. Abraços.

Falar e ouvir a voz de Ari foi como se eu o conhecesse de longa data. Não era apenas pela lembrança do encontro inusitado que os dois tiveram no Centro Velho de Recife. Havia algo a mais. E ele ainda falou o meu verdadeiro nome, secreto, que eu nunca havia pronunciado a quem quer que seja desde o dia que em assumi a identidade de Henrique.

Em todo caso, não estava surpreso. Eu tinha conhecimento de que tudo aquilo era possível, mesmo que estivesse sofrendo de amnésias de minhas lembranças

de outras existências. Tanto eu quanto Henrique tínhamos o compromisso de lembrarmos quem somos, de resgatar as memórias de outras existências e resolver nossas pendências cármicas, se é que de fato existiam. Henrique já estava no caminho quando foi interrompido pelo acesso de desespero que quase deu fim à sua vida física, e que foi salvo a tempo pela operação de troca de almas.

Essa foi a razão de minha entrada como walk-in.

Eu também não podia falhar.

Tornei-me um entrante para salvar Henrique e, por consequência, a mim mesmo. Minha responsabilidade era redobrada, por sermos extensões de alma e por eu ser descendente da mesma árvore genealógica dele, no futuro. Portanto, eu tinha mais do que nunca a necessidade urgente de suspender qualquer atividade para focar na missão.

Para isso, tive que aceitar que eu era Henrique agora. E que sua existência dependia de mim.

Minha vida conjugal ia de mal a pior. O relacionamento foi se deteriorando ainda mais desde a tentativa de separação. Rita mantinha o emprego como secretária. Eu ainda não havia conseguido me firmar numa atividade de remuneração estável.

Até que consegui. Foi uma oportunidade única, de estar no lugar, no momento e com a pessoa certa.

Um amigo publicitário, que eu conhecia do tempo do romance com Renata, comentou comigo casualmente que ele precisava de uma empresa para produzir uma grande quantidade de itens diversos para serem distribuídos como brindes, mas que tivessem um caráter ecológico, para uma campanha de uma grande empresa do ramo petroquímico que iria se instalar no Porto de Suape. Por acaso um amigo meu poderia produzir uma linha diversificada de produtos com material reciclável. Ele aprovou a ideia. Fiz o contato e deu certo: foram milhares de produtos entre camisetas, bolsas, sacolas, chaveiros, porta-objetos e bonés. Tudo feito com material não danoso ao meio ambiente, como lonas de caminhão, fibras têxteis de garrafas pet, algodão cru. Pela indicação ganhei uma boa comissão, tanto da parte da confecção, quanto pelo bônus da agência de comunicação. O suficiente para organizar a situação financeira da família inteira

por uns três meses. Saí do sufoco.

Foi a deixa para poder tirar alguns dias para viajar. Rita protestou, como sempre. Mas eu estava decidido.

Liguei para Ari e marquei a viagem.

A viagem levou dezoito horas de ônibus de Recife até o ponto que eu deveria descer na BR-242, na Chapada Diamantina, em frente ao Morro do Pai Inácio. Lá eu combinei de me encontrar com Ari.

Cheguei no meio da madrugada. Desci do ônibus e atravessei a pista até um posto de gasolina desativado em que também havia um restaurante e uma pousada, com uns poucos automóveis estacionados em frente. Estava tudo fechado, sem sinal de presença humana.

O silêncio era interrompido pelo farfalhar das folhas e pelo rajar de ventos gelados e uivantes. Fazia um frio de bater o queixo. De jaqueta leve de brim, suficiente para me proteger do ar-condicionado a vinte graus do ônibus, eu não estava vestido para suportar aquela temperatura. Esfreguei as mãos e os braços, procurei um lugar para me abrigar dos ventos.

Havia pouca iluminação vinda de um poste que divisava o restaurante da pousada. Então escutei uma porta de carro se abrindo. De longe, na penumbra, não dava para identificar quem vinha. Esperei que se aproximasse mais para me certificar, por segurança. Ele acenou para mim e disse o meu nome.

Suspirei aliviado. Era Ari.

Mais do que depressa peguei uma mochila, e Ari me ajudou pegando outra e as acomodamos no banco de trás de um velho Jeep. A janela de acrílico não protegia do frio e mal barrava a entrada do vento. Com o carro em movimento, dava a sensação de que a temperatura era ainda mais baixa. Eu batia o queixo sem parar. Ari se divertia com a situação:

— Não dá pra morrer, não, txai. — E me confortava ao dizer que me serviria um chá bem quente.

Demoramos quase meia hora para chegar ao sítio, trafegando por uma estradinha de terra, cheia de buracos e depressões na pista, que ele chamava de “costelas de vaca” e que faziam com que o veículo parecesse uma batedeira.

Minha aventura na Chapada começava ali.

Ao descer do carro, notei que minha roupa e mochilas estavam todas vermelhas do pó seco da estrada. Ari disse que fazia um bom tempo que não chovia por aquelas bandas, e que esse era o normal na região. Na Chapada Diamantina convivem diversos tipos de biomas. Desde lugares onde predominam a Caatinga, noutros, o Cerrado. O local em que estávamos era uma zona de transição de biomas, com mais características típicas do Cerrado, de onde alguns quilômetros mais ao norte localiza-se uma zona extremamente seca, de Caatinga. E com outra quantidade igual de distância em direção ao sul, encontraríamos uma mata exuberante, premiada por muitas nascentes de rios que formavam magníficas cachoeiras. Ele disse que a Chapada Diamantina, com seus resquícios intactos de florestas estacionais, onde vicejam espécies endêmicas de árvores de grande porte, era um dos Paraísos da Terra. Um lugar fabuloso. E mágico!

Depois de um providencial banho quente, ele perguntou se eu preferia chá ou café com leite. Preferi o café puro, que tomei acompanhado de bolo, pão e biscoitos. Tínhamos uma agenda plena de atividades que deveriam começar ainda pela manhã. O ideal seria começar antes das seis horas, mas por conta do cansaço da viagem, Ari concordou em acordar um pouco mais tarde. No entanto, disse que deveríamos sair para o campo antes das oito horas e que só voltaríamos no final do dia. Preparamos então nossas mochilas com lanches e proventos para todo o dia que passaríamos fora.

O banho e o café me despertaram do sono. Por mim, ficaria conversando por mais algum tempo, mas percebi que Ari estava cansado e me toquei. Fingi estar com sono também e cada um se dirigiu aos seus aposentos.

Era um belo dia ensolarado de domingo.

Ao pôr os pés para fora da casa pude observar melhor o lugar, pois no escuro da madrugada não fui capaz de distinguir a vegetação e os detalhes. Construída de adobe e pintada de amarelo-âmbar desbotado pela ação do tempo, suas paredes eram largas e maciças. A casa, de modelo colonial, possuía vários cômodos, uma sala ampla e uma copa-cozinha ainda maior, onde havia um aconchegante fogão a lenha ao centro. Não havia forro no teto, de modo que o telhado ficava à vista. Havia duas amplas varandas. Na da frente, reinavam belas e floridas as buganvílias que ornamentavam a entrada social da casa. Eram de várias cores: tons de rosas, alaranjados e de cor-maravilha, cor que também empresta o nome

àquelas plantas, como são conhecidas em outras regiões da Bahia. Da varanda dos fundos se avistava um formoso pomar, um galinheiro, um viveiro de plantas e duas hortas, uma de hortaliças e outra de plantas medicinais. As galinhas circulavam por todo o lugar. No pomar, uma boa diversidade de frutíferas, entre nativas e exóticas. Havia até uma enorme jaqueira e uma frondosa amoreira, de onde se esticava uma rede à sombra de sua copa para o descanso vespertino. Pela beirada da cerca, pés de maracujá e chuchu.

Tive vontade de entrar para conhecer o viveiro por dentro, mas Ari disse que deixasse para outra hora, pois estávamos atrasados. Pegamos nossas mochilas e montamos no velho Jeep.

No caminho fomos trocando informações sobre nossas vidas, nossas origens, o que fizemos durante a juventude, o que estudamos e no que nos formamos.

O meu passado pertencia a Henrique. Era muito estranho falar de coisas que eu tinha lembranças, mas não havia vivenciado.

Ari se encantou com a troca de almas. Ele já tinha ouvido falar, mas não imaginava que um dia iria conhecer um walk-in “de verdade”. Fez muitas perguntas, quis saber mais detalhes. Eu lhe disse que explicaria em casa, onde eu poderia utilizar de alguns recursos didáticos para um melhor entendimento. Ele assentiu. Então foi a vez dele falar de si.

Começou dizendo que não sabia se era brasileiro ou peruano. O documento foi registrado no Brasil, alguns meses depois de seu nascimento. Mas ele mesmo desconfiava que tinha nascido no lado peruano da Amazônia. Seu pai era índio peruano e sua mãe branca, de origem alemã. Seus pais eram antropólogos e se conheceram num congresso de uma universidade em Lima, capital do Peru. Seu pai vivia entre as aldeias, onde experienciava os costumes indígenas, e a cidade grande, adaptado aos costumes do homem branco. Sabia conviver bem nos dois ambientes. Ele costumava estar sempre em Cusco e Iquitos, cidades que a mãe também visitava com frequência, acompanhando os pais dela por diversos lugares do mundo.

Seus pais eram diplomatas e trabalhavam em funções administrativas nos Consulados. Ela fez seus estudos na Europa e na América Latina, fixando residência em Lima, no Peru, ainda jovem, porque havia se apaixonado pelo modelo de civilização dos índios amazônicos e queria fazer trabalhos

acadêmicos sobre seus costumes. Visitava também outras tribos estabelecidas além das fronteiras peruanas da Amazônia, como Colômbia e Venezuela e algumas do lado brasileiro, no Acre e no Amazonas.

O pai, por outro lado, também realizava estudos com as mesmas tribos, embora nunca tivesse coincidido de se conhecerem nas aldeias. O destino os fez se conhecerem num congresso realizado em Lima. Não chegaram a se casar formalmente em cartório ou igreja. Ao contrário, casaram-se numa cerimônia indígena, do lado peruano.

Ari disse ter ouvido da avó materna que a mãe desejava ter o filho em uma aldeia. Ela queria um nascimento natural, assistido por mulheres índias, dentro de uma tradição indígena e ancestral. Por isso ele acha que nasceu numa aldeia do lado peruano, pois, na época, os pais viviam no Peru.

Ari, quando criança, foi passar um tempo com os avós na Alemanha, enquanto os pais estavam em campo na selva amazônica e não poderiam cuidar dele. Um dia, eles foram encontrados mortos ao lado do carro em que viajavam, vítimas de uma emboscada praticada por grileiros. Os assassinos nunca foram localizados, como, aliás, acontece com frequência em toda a Amazônia.

Ari acabou morando na Alemanha até parte de sua adolescência. Aos quinze anos, mudou-se para Paris para continuar os estudos. Mas o coração o impelia a vir morar na Amazônia, entre o Peru e o Brasil. Desejava seguir a carreira dos seus pais e se matriculou num curso de Antropologia, mas formou-se na área da Farmácia Química, ciência que lhe fascinava. De Paris, mudou-se para Lima e depois para Rio Branco, no Acre. Na Amazônia, Ari fez contatos com diversas etnias indígenas. No lado peruano, aprendeu práticas xamânicas e iniciação na pajelança. Por não ter convivido como um índio desde o nascimento, não podia exercer suas práticas xamânicas nas aldeias que visitava. Mas os pajés anciãos gostavam dele e lhes ensinaram grande parte de sua arte e tradição. Facilitou muito a aproximação com os pajés anciãos o seu carisma jovial e por demonstrar a eles suas habilidades e dons naturais de vidência. Ele era capaz de antecipar fatos e de falar com espíritos de outras dimensões.

Ari resolveu conhecer tribos de outras etnias pelo Brasil e de outros países do continente americano. Esteve um tempo no norte do México aprendendo sobre plantas enteógenas, ou plantas de poder. Em cada aldeia que visitava aprendia mais da arte da pajelança e do xamanismo e de como preparar medicinas com

plantas de poder. Abandonou os estudos acadêmicos e preferiu seguir como um nômade, vivendo da venda de suas artes e artesanatos. Além da receita com a venda dos produtos de seu labor, ele recebia uma contribuição anual dos avós alemães, que o deixava mais tranquilo nas questões financeiras.

Na Amazônia, ele aprendeu a preparar o chá da ayahuasca. No Nordeste, como preparar o vinho da Jurema com os índios Fulni-ô. Do México, ele trouxe o conhecimento sobre algumas espécies de cactos e cogumelos.

Eu ouvia a sua história com fascínio. Sabia que estava no lugar certo e com a pessoa certa.

Passamos por um entroncamento onde à esquerda havia uma entrada para uma fazenda de café, e à direita a estrada levaria até um povoado chamado Olhos D'água. Seguimos mais uns três quilômetros pela estrada, cheia de areais encobertos por mato e capim, e entramos num caminho de terra ainda mais estreito que levava a outras propriedades de pequenos agricultores rurais. Era possível ver por baixo da vegetação uma areia branca de tonalidade quase luminosa pelo efeito dos raios de sol.

Paramos em frente a uma porteira giratória. Ari me pediu para abri-la e segurá-la enquanto ele entrava com o Jeep e me deu a chave do cadeado. Depois, fechei novamente e rodamos mais uns duzentos metros, descendo por um morro que nos levava a uma casinha coberta de palha, simples, feita de enchimento de paus entrelaçados, palha e barro. Nela funcionavam a cozinha, o banheiro e a lavanderia. Vizinhas à casa, duas pequenas ocas feitas dos mesmos materiais — uma era sala de estar, a outra dormitório. No espaço que unia as três edificações existia uma espécie de átrio, decorado com um belo jardim no centro, ornamentado de flores nativas e com bancos feitos de troncos de madeira. Pela lateral dos fundos do conjunto de casas uma horta suspensa subia à altura do umbigo, e pelo terreno contíguo pés de bananeiras, macaxeiras, um pequeno cafezal abandonado, pés de feijão-andu, abacaxi, entre outras frutas e leguminosas.

Guardamos nossas mochilas numa das ocas e os mantimentos na cozinha. Ari disse que tínhamos que aproveitar o sol da manhã para fazermos uma caminhada até a parte mais alta do terreno, onde havia uma mata nativa. Lá iniciariamos a vivência xamânica. Perguntei de quem era a propriedade. Sem mais detalhes, limitou-se a responder que era de um pessoal ligado a um movimento aquariano da “Nova-Era”. Alertou que todo o espaço era sagrado, portanto, deveríamos ter respeito. O pessoal só emprestara o local a ele porque sabia de suas responsabilidades e seu respeito às regras, entre elas a proibição da entrada e do consumo de carnes e bebidas alcoólicas.

Levamos alguns proventos: peguei uma garrafa de água mineral, colocamos nas mochilas e começamos a subir o morro a pé. Como eu estava fora de forma. O

cansaço me pegou no meio da subida, intensificado pelo sol quente, inclemente àquela hora do dia. Ari ria e tirava onda da minha moleza. Divertia-se com minha dificuldade para escalar as rochas e pedras. Ele tinha um bom senso de humor.

No topo havia uma mata densa e nativa, e Ari me pediu que eu o acompanhasse pelo interior dela. Preferiu abrir caminho com um facão, em vez de ir pelas trilhas internas para evitar de nos encontrarmos com eventuais transeuntes no atalho entre dois pequenos povoados próximos.

Chegamos, por fim, a uma pequena clareira à beira de um estreito riacho que nascia numa fonte d'água alguns metros mais para cima. Ele parou, pediu para que eu fizesse silêncio e fechou os olhos. Puxou uma longa inspiração, sentiu o lugar para saber se era seguro e fez sinal para que eu deixasse a mochila na sombra.

Sentamos sobre umas rochas debaixo de um pequeno arbusto para nos proteger do sol. A seu pedido, cruzei as pernas e procurei uma posição confortável, fechei os olhos. Tentei silenciar a mente ou fazer meditação, mas os zumbidos das muriçocas da mata e as picadas tiravam a minha concentração.

Apenas mantive os olhos fechados. Alguns instantes depois eu ouvia um som calmante de flauta. Abri para ver e me deparei com Ari tocando um belo instrumento de bambu produzido por ele. Voltei a fechá-los. A magia de sua música me fez aquietar a mente e me esquecer dos insetos.

— Hoje nós vamos exercitar a concentração para poder entrar em conexão com a natureza ao redor. Esse foi um pequeno teste. Tente não se distrair com pensamentos, barulhos externos nem mesmo com picada de insetos. Quando você está em profunda concentração, nem eles se aproximam.

— Sério?

— Bem, ao menos não deveriam. — E deu uma boa gargalhada.

— Achei que você estivesse falando sério. — Eu o acompanhei na risada.

— A brincadeira foi para descontrair. Mas você deverá se esforçar mais para se manter concentrado. Vai precisar treinar isso o máximo de oportunidade que tiver. Exercícios de meditação contribuem bastante. Músicas relaxantes também,

mas não se deixe acostumar para não ficar condicionado a elas. Quando puder, acenda um incenso para purificar o ambiente.

— Vou precisar de umas dicas de meditação.

— Vou lhe passar à noite, antes de dormir. Vamos agora acender uma fogueira para uma pequena cerimônia de concentração. Esse será nosso primeiro exercício.

Juntamos gravetos secos o suficiente para duas ou mais. Depois que as chamas se firmaram, ele pegou um vasilhame de cerâmica, colocou umas brasas vivas dentro e adicionou ervas aromáticas e um betume de cheiro forte e inebriante. Então apanhou dois cachimbos e me deu um. Abriu um pequeno saco de pano, pegou de dentro um punhado de um preparo de tabaco com outros ingredientes, colocou um tanto no seu cachimbo, outro tanto no meu e acendeu e me passou o isqueiro.

— O que é isso?

— Sem perguntas agora. Acenda, dê uma puxada forte, mas não trague. Mantenha ao máximo a fumaça na boca, só depois a deixe escapar. Continue a fumar o seu cachimbo dessa forma. Permaneça em silêncio.

Obedeci.

A fogueira crepitava em chamas. De longe e de perto eu ouvia o cantar dos pássaros, o barulho das águas correntes do pequeno riacho, o farfalhar das folhas na mata, a minha respiração e as batidas do coração. Decerto que antes eu ouvia tudo aquilo, mas não com tanta nitidez e tudo ao mesmo tempo, sem esforço de atenção. Claro, devia ser o efeito da fumaça do cachimbo. Olhei ao redor. Minha vista se tornara mais aguçada também. Eu era capaz de notar as pequenas nuances do colorido da mata, ou detalhes nos troncos das árvores. O veio d'água que corria pelo riacho emitia um brilho diferente, cristalino. Eu também era capaz de perceber as cores dos sons, numa simbiose dos sentidos, fenômeno conhecido por sinestesia. O som das águas que corriam pelo pequeno riacho emitia vapores em tons azulados que se desmanchavam no ar. Mas eu mantinha a minha consciência presente, percebia tudo o que acontecia ao redor, apenas os sentidos estavam mais aguçados e misturados. Esbocei um sorriso, em silêncio. E pensei: que momento mágico!

Insisti em saber o que havia naquele preparo do tabaco.

— Você pode perguntar tudo o que quiser, mas nem sempre eu poderei ou irei responder. — E justificou: — Muitas das coisas e substâncias que eu vou usar na sua vivência são segredos só compartilhados entre xamãs e pajés.

E não disse mais nada.

Aos poucos eu ia conhecendo-o melhor. Apesar do jeito brincalhão e bom senso de humor, ele se tornava sério e compenetrado durante o trabalho.

Fumamos um pouco mais os cachimbos em silêncio. Ele sempre fazia o sinal do dedo indicador posicionado na vertical sobre a boca quando eu intencionava comentar ou perguntar alguma coisa. Permanecemos assim durante um bom tempo.

Depois disso ele pegou uma moringa vazia e foi até o riacho encher de água e me deu para beber. Mostrei a garrafa de água mineral.

— Quando estamos em meio à natureza, precisamos comungar com o que ela nos oferece. É uma ofensa aos espíritos da mata beber água engarrafada pela indústria. Só é permitido comer os mantimentos trazidos nas mochilas porque a caça é proibida aqui. Mas tudo que há de frutas silvestres nós devemos comer e nos servir da oferta que a mata nos propicia. Essa é uma maneira honrosa de reverenciar a Mãe Natureza.

Fiquei olhando para a cor da água, escura e ferrosa. Ari percebeu e garantiu que era de boa qualidade.

— Nasce numa fonte bem próxima. Essa cor é devido aos compostos químicos das rochas e de raízes de onde mina o olho d'água. Deve ser bem melhor do que essa água engarrafada aí.

Convencido pelas suas palavras, sorvi uns bons goles e senti sua leveza e frescor.

Comemos nossos sanduíches vegetarianos e em seguida seguimos mata adentro. Ari ia apontando algumas plantas e árvores, dizendo seus nomes e suas propriedades medicinais. Ele era um bom conhecedor de fitoterapia e sabia preparar diversas medicinas naturais com aquelas plantas.

Lá pelo meio da tarde, ele deu por encerrada aquela primeira vivência que serviu de batismo para o que viria nos próximos dias. Para mim foi uma iniciação bastante agradável e uma suave primícia xamânica.

De volta ao sítio, Ari disse que precisava comprar algumas coisas que estavam faltando para as vivências e propôs de acordarmos mais cedo para irmos a Seabra na manhã seguinte, uma cidade mais distante de onde estávamos, mas que possuía um comércio mais diversificado que Palmeiras ou Lençóis, ambas mais próximas, mas que corria o risco de não encontrar o material necessário.

Saímos antes das seis da manhã. O Jeep estava todo empoeirado, dava a impressão de que não era limpo há muito tempo. Entrei para trocar depressa a roupa clara e nova por uma mais velha e escura. Ari já estava ao volante com o motor ligado. Ele tinha pressa.

Já fazia um bom tempo que ele só seguia por estradas de terra. Estranhei, mas nada comentei. Não conhecia o lugar, mas tinha noção de tempo e distâncias porque havia estudado o mapa antes da viagem.

Quase duas horas depois chegamos a Seabra. Ele estacionou o carro do lado de fora de uma universidade situada num dos bairros mais altos da cidade. Pegamos as mochilas, ele chamou duas mototáxis e fomos até o centro comercial, que àquela hora do dia já fervilhava de gente. Havia um frenesi de vans oriundas dos povoados mais distantes e de cidades menores da região.

Ari andava depressa entre o tráfego de pessoas nas calçadas. Paramos numa padaria na praça central para tomar café, de pé, no balcão. Eu o acompanhava, seguindo seus passos rápidos de rua em rua, de loja em loja. Ele comprou cordas, lona plástica, fumo de corda, incensos, betume, entre outras coisas. Fomos até a casa de um raizeiro onde ele comprou algumas ervas, cascas e raízes para repor o seu estoque. Finalizou ao entrar num supermercado para comprar alguns mantimentos. Subimos em duas mototáxis de volta para onde estava estacionado o Jeep.

Ao entrar no carro, resolvi perguntar:

— Por que você não vai pelo asfalto, pela BR?

Ele riu.

— Esse Jeep é do dono do sítio. Tá com a documentação toda irregular. Ele comprou já sabendo das condições, e não valia a pena pagar uma fortuna para regularizar a situação. Pagou barato por essa belezinha — disse ele, batendo levemente no volante. — O carro é velho, mas funciona bem e é muito útil nessas estradas esburacadas. Serve só pra isso. Por esse motivo nem entro nas ruas internas das cidades: para não correr o risco de me envolver num acidente e ter de fazer boletim de ocorrência. Além de pesadas multas, o carro seria apreendido.

— Só curiosidade... Quanto tempo gastaríamos de carro se fôssemos pelo asfalto?

— Em torno de cinquenta minutos. — Ele riu.

— Nossa! — exclamei. — Por terra gastamos o dobro de tempo.

Chegamos ao sítio por volta do meio-dia. Ari mudou os planos por conta do atraso com as compras. Disse que ficaríamos por ali até o dia seguinte para ele ter tempo de preparar as medicinas.

Após o almoço, fomos ao viveiro de plantas.

Observei mudas de flores ornamentais, frutíferas e plantas medicinais. Ele ia identificando cada espécie e dizendo seus nomes e propriedades. No setor de plantas de princípios ativos havia cactáceos americanos (San Pedro/Uachuma e Peyote), cogumelos *Psilocybe* (*Teonanácatl* e *Stropharia Cubensis*), *Argyreia* Havaiana (*Trepadeira-Ellefante*), *Datura Stramonium* (*Trombeta*), entre outras.

Nos fundos o cercado era forrado internamente de lona plástica. Dei uma olhada mais atenta à distância e avistei uns pés de *Cannabis Indica*. Reconheci de longe pelo tamanho menor das plantas, já em floração, e pelo formato característico das folhas mais largas que as *Sativa*. Pedi sua permissão para me aproximar, ele consentiu e me corrigiu, dizendo que eram híbridas de *Sativas* com *Indicas*, de sementes trazidas do México. Comentou que aquelas eram para consumo próprio do amigo, não para fins comerciais.

— Se ele estivesse aqui, certamente nos brindaria com algumas iguarias culinárias preparadas com azeite e manteiga feitos com extratos da cannabis. Seu hobby é a arte da gastronomia.

Sem meias-palavras, Ari me pediu para deixá-lo só a partir dali, para que ele pudesse preparar as medicinas. Não contestei.

Para eu aproveitar o tempo, sugeri que eu pegasse o Jeep e fosse até o povoado de Campos de São João, alguns quilômetros distante para comprar pães e dois garrafões de água mineral, pois havia se esquecido. Desenhou num papel um mapa para eu não errar o caminho.

Por último deu uma piscada de olho:

— Não tenha pressa em voltar.

Para bom entendedor bastava uma piscadela.

Enquanto eu voltava ao sítio, em determinado ângulo da curva, o volante do Jeep apresentava uma folga, obrigando a quem conduzia o carro a girar o equipamento com mais firmeza para não errar a direção. Comentei o fato a Ari ao chegar. Ele disse que sempre foi daquele jeito e que com o tempo, quem dirigia o carro acabava se adaptando à falha. De fato, eu já estava me acostumando com o rápido bate e volta ao povoado. Mas para mim era muito relaxamento do dono. Não era problema meu, mas ficava um pouco preocupado sabendo que transitaria por mais alguns dias num veículo sem manutenção e cuidados. Mas dei de ombros.

Ari me chamou para subir uma pequena colina aos fundos do terreno para ver o pôr do sol e tomar rapé. Ele abriu um estojo de pano, decorado com pinturas geométricas indígenas, dobrado em três partes, como uma carteira dobrável. Havia mais de uma dezena de ampolas plásticas contendo uma variedade diferente de rapé alojadas em bolsinhos internos. Ele ia apontando cada uma e dizendo o nome das substâncias, a propriedade medicinal, a que tipo de cura se destinava, e quais os efeitos físicos, mentais e espirituais. Havia rapé de samaúma, canela-de-velho, murici, tsunu, jurema, jagube, mulungu, pau-pereira e yopo.

Eu fiquei interessado nas de jurema, yopo e jagube por possuírem o princípio ativo DMT (dimetiltriptamina). Ele percebeu meu interesse e foi logo dizendo:

— A quantidade de princípios ativos no rapé é pequena, não tem os efeitos de miração como nas obtidas pela forma líquida, como o chá. O rapé normalmente é feito de cinzas de cascas, sementes ou raízes, misturadas com pó de tabaco torrado. Mas não se engane. Os efeitos físicos de tonturas, enjoos ou dor de cabeça podem ser bastante desagradáveis para quem não está acostumado.

Não sei se foi para me contrariar, ele disse que não serviria aqueles tipos naquela ocasião. Explicou que eu deveria começar pelos mais suaves, mas nem por isso menos potentes. Pegou e separou uma ampola com cinzas de samaúma, depois pegou um tipi, instrumento de uns quarenta centímetros de comprimento, feito de ossos de caça e bambu, em forma de arco, decorado com uns desenhos de

serpentes e encrustada de pedras coloridas. Um objeto bonito e elegante, sem dúvida.

Ele fez um rezo em língua indígena e assoprou uma vez para cada direção dos pontos cardinais sobre as mãos fechadas em concha e unidas junto aos lábios. Depois colocou um punhado de pó na mão esquerda e com a direita segurando o tipi, depositou uma boa quantidade do rapé numa das pontas pela cavidade oca do osso.

— Agora pense num intento que gostaria de resolver, coloque a ponta do tipi na narina esquerda e feche os olhos. Inspire longamente, prenda o ar e deixe a boca aberta enquanto eu sopro o instrumento pela outra extremidade. Só depois solte o ar.

O sopro foi compassado, começando de forma suave para finalizar com um mais forte e brusco. O efeito foi como tomar um soco por dentro das narinas. Minha cabeça tombou para trás. Faltou ar. Eu tentava respirar, levantando os braços para cima na vã tentativa de alcançar alguma coisa para me segurar, mas o pó seco me sufocava enquanto descia pela garganta.

— Calma, meu amigo. Respire, solte o ar pela boca.

Pelo canto do olho desceram gotas espessas de lágrimas. Enquanto eu tentava controlar a respiração, ele colocava o resto do pó no tipi.

— Agora coloque a ponta do tipi na narina direita.

— Espere mais um pouquinho. — Estendi a palma da mão.

Ele me fitava sério, mas paciente.

Recebi o segundo sopro. Foi pior do que o primeiro, não por ter sido mais forte, mas por causa do desvio de septo daquela narina. Senti o baque do pó seco passando em alta velocidade pela cavidade mais estreita. Imediatamente tive ânsia de vômito, mas consegui controlar.

Eu tossia e cuspi uma saliva escura, misturada com uma baba espessa igualmente escura pela cor do rapé. De imediato, comecei a sentir uma tontura diferente, mas agradável, e uma corrente de frio escorria pela espinha dorsal até os pés. Fechei os olhos, inspirando pelo nariz e soltando o ar pela boca.

Ari disse que me deixaria um tempo sozinho para eu meditar sobre o intento que eu havia colocado para tomar o rapé e que eu permanecesse em silêncio. Ele afastou-se e sentou a uns dez metros adiante sobre uma rocha. Pegou um kuripe, instrumento todo feito de bambu, mais curto e em forma de Y. Apanhou uma boa quantidade de rapé e soprou em si mesmo. Não teve as mesmas reações que eu tive.

Nossa! Como eu me sentia um fraco, que vexame. Ele, nem cara feia fez.

Depois de alguns minutos ele voltou a se sentar ao meu lado.

— Sabe, txai... Eu devia tomar o rapé antes de te servir, mas tive um insight para inverter a ordem. Não sei explicar o porquê — comentou, com um sorriso.
— O rapé é também um pajé e possui espírito, por isso deve ser sempre tratado com respeito e nunca ter seu uso banalizado. Caso contrário, os efeitos podem ser o contrário dos desejados.

Passou o resto do tempo em que ficamos ali explicando sobre a origem do rapé e qual a sua finalidade.

Depois explicou que havia quase terminado os preparos das medicinas que levaria para a próxima vivência. Ele concluiria na manhã seguinte.

— Conforme o andamento da experiência, nós poderemos ficar de dois a três dias na mata. Eu queria fazer no Vale do Pati, uma vasta região percorrida por trilhas, rios, cachoeiras, vales e montanhas, localizada no coração do Parque Nacional da Chapada Diamantina. Tem trilhas que são necessários até quatro dias para percorrer, entre caminhadas e acampamentos noturnos, imagina... Mas por conta do grande fluxo de guias e turistas no Pati, a gente vai para o Vale do Cercado, uma área de proteção ambiental, situado entre os morros do Pai Inácio e o Morro do Camelo, duas gigantescas estruturas rochosas, cartões-postais da Chapada Diamantina. Separe roupas mais velhas e confortáveis, roupa de banho, agasalhos e cobertores para se proteger do frio. Vamos dormir duas noites no Cercado. .

— Está certo, Ari. Mal posso esperar.

O sol já se escondia por trás das montanhas e iniciava o lusco-fusco crepuscular. Voltamos para o interior da casa e fomos tomar banho antes do jantar. A ceia foi bem modesta, feita com cuscuz de milho, macaxeira cozida e pães com

manteiga, acompanhados de café de coador. O ambiente da copa-cozinha era o lugar mais aconchegante da casa pela quentura do fogão à lenha, que dispensava a necessidade de lareira. E ali permanecemos sentados em poltronas encostadas à parede que divisava a sala de estar.

Conversávamos amenidades, quando Ari falou, de supetão:

— Conte sobre o lugar de onde você veio e explique com mais detalhes a operação de troca de almas. Estou fascinado por esse fenômeno.

Para iniciar a conversa, pedi a ele lápis e papel para desenhar alguns esquemas para facilitar-lhe a compreensão.

Comecei dobrando a folha ao meio no sentido vertical. Sobre o vinco, risquei de cima para baixo um fino traço como um eixo de orientação. E fui riscando novos traços horizontais e pequenos traços verticais de ligação, inserindo círculos e funções, montando um esquema hierárquico onde, no topo, existe uma unidade central, e nos níveis subsequentes para baixo do organograma descendem as hierarquias menores até os subníveis inferiores.

No topo, desenhei uma estrela. A partir dela fui explicando a ele a sequência: a estrela representando a Mônada, situada na décima segunda dimensão da Consciência Divina; as dimensões em escala crescente dos veículos de manifestação para uma Consciência Monádica poder encarnar na Terra (O Conjunto Quaternário Inferior, com o Corpo Físico, Corpo Etérico ou ânima, Corpo Astral, Corpo Mental Inferior ou Mental Concreto, e o Ternário Superior, com o Corpo Mental Superior ou Mental Intuitivo, Corpo Búdico ou Budhi e Corpo Crístico ou Atma); A divisão do núcleo Monádico, a Centelha Divina, semelhante à divisão celular na Biologia, em mil unidades, em seguida cada uma se divide em doze unidades e, posteriormente, novamente cada uma se divide em doze, gerando 144.000 almas a partir de um núcleo monádico.

Ari parecia maravilhado. Continuei:

— Os seres desse nível encarnam já com uma definição sexual de polaridade definida e exclusiva, metade masculina, e a outra metade feminina. Essa é a fase dos seres que vieram para encarnar na fisicalidade do planeta. Nem todos encarnam de uma só vez. Uma parte está no período entrevidas, desencarnados na quarta dimensão, aguardando a reciclagem de alma para poder completar seu ciclo reencarnatório e seguir o caminho da evolução espiritual.

“Em casos muito raros pode ocorrer uma subdivisão de uma extensão de alma, ou seja, uma das 144 mil almas pode se duplicar para uma missão específica no seu caminho evolucionar. Esse foi o caso entre Henrique e eu. Para isso ocorrer, a Mônada, desde o seu núcleo fractal divino (a Centelha), precisa consentir e autorizar.

“Eu e Henrique somos almas duplicadas, cada uma encarnada num tempo-espaço diferente, como explica a Física Quântica moderna, que possui teorias bem avançadas sobre a coexistência dos tempos entre Passado, Presente e Futuro.

“Eu compartilho o Corpo Físico, o Etérico e o Mental Inferior de Henrique. Ele e eu mantemos nossos Corpos Astrais independentes. No caso de Henrique, tendo ele a sua alma e seu ego-identidade existindo no plano astral, fica sem acesso aos Corpos Físico e Etérico assumidos por mim, mas continua tendo acesso ao Corpo Mental Inferior, que é compartilhado comigo. Já quanto aos corpos do Ternário Superior, já compartilhávamos o mesmo conjunto, pois somos almas duplicadas a partir do conjunto Quaternário Inferior.”

Ari me encarava, boquiaberto.

— Que fascinante! Mas por que vocês fizeram a troca de alma? Isso é o que mais me fascina.

— Posso te contar. Mas, antes, eu preciso saber: como você sabia o meu outro nome? Até agora você não me contou.

— Eu soube dessa troca numa visão que tive durante uma cerimônia com ayahuasca. Durante a força, eu vi o exato momento em que vocês faziam a troca. A imagem veio assim, do nada. Eu não entendi o que estava acontecendo, mas eu sabia que não era uma miração mental. Meus guias me disseram de que eu teria que procurar você mais uma vez para concluir o trabalho não realizado com Henrique dois anos atrás. O motivo continuava o mesmo. Eu devo ajudar vocês a se lembrarem de suas vidas passadas para se livrarem do acordo com os Senhores do Karma. Vocês carregam um complexo de culpa que não lhes pertence. Epa! Estou falando de você no plural. Esse negócio às vezes me confunde.

— Sem problemas, é compreensível. Continue.

— É basicamente isso. Ainda não sei como isso vai acontecer. Só sei que devo realizar com você a vivência para despertar suas memórias. Vou utilizar várias combinações de princípios ativos e testar as dosagens certas, de forma segura. Mas será na base de tentativa e erro. Por isso vamos precisar passar talvez uns três dias na mata. Creio que vamos conseguir. Os meus guias estarão nos acompanhando. E pelo que eu sei, você, Alípio, vem sofrendo com perdas de memórias também. Se não bastassem os efeitos da Barreira de Frequência, você continua a consumir altas doses de álcool. Bebidas alcoólicas são bastante prejudiciais à memória. Você precisa evitar. Posso te passar uma dica de uma dieta xamânica, se quiser.

— Claro que quero!

— Você deve evitar alguns tipos de alimentos, como carne vermelha, trigo e derivados, arroz branco e bebidas envasadas em recipientes de alumínio.

— Ótimo, pelo menos carne não como mais! — comentei, sorrindo.

— Isso! — Ele sorriu de volta. — E deve aumentar o consumo de outros. Substitua o trigo e o arroz por milho, mandioca e seus derivados. A mandioca provoca um efeito contrário ao do trigo. O trigo bloqueia a comunicação da glândula pineal, enquanto a mandioca abre e facilita. Use também bastante cúrcuma, que possui efeitos benéficos para a pineal. E introduza o consumo de abacate, uva, tomate, banana e limão, principalmente o limão-caipira, que tem outros nomes como limão-rosa, limão-capeta, limão-tangerina, limão-galego.

— Grato, Ari! Agora, então, é minha vez. Como falei antes, eu e Henrique somos um caso raro de almas duplicadas, entenda isso como almas gêmeas. Somos compatíveis em muitas coisas, por isso a razão de eu ocupar o seu corpo físico, sem rejeições, embora nossas identidades, o self, o ego, sejam e permaneçam individualizados. Henrique tentou se matar e, ao tentar dar cabo de sua vida física, iria cometer uma falha muito grave, pois estava prestes a desperdiçar a oportunidade de resgatar suas memórias de vidas passadas e se livrar de suas pendências cármicas. Somos, eu e Henrique, almas velhas, já vivemos bastante nesse planeta em processos reencarnatórios. Caso Henrique tivesse êxito na tentativa de suicídio, eu seria prejudicado em minha encarnação, já vivendo na nova fase de transição da Terra, na quinta dimensão. Como no chamado “emaranhamento quântico”, em que dois elétrons muito distantes se comunicam, e onde um “sente” o que ocorre com o outro, eu sentia tristeza e

perda de energia vital. Mas eu não sabia o motivo. Eu era, lá no meu mundo, uma pessoa feliz, bem-resolvida com a vida. Numa consulta de cura prânica que fiz, o terapeuta descobriu a origem do problema e levou meu caso ao Conselho de Curadores Holísticos. Por um processo de tratamento a que eu não tive acesso de como funciona, eu fui submetido a uma sessão, uma espécie de coma induzido, e meu corpo original foi colocado em suspensão até o meu retorno àquele espaço-tempo. Quando terminar o meu ciclo na atual existência que seria a de Henrique, eu “reencarnarei” automaticamente no meu corpo original, como um avatar, lá no meu mundo novo, para dar continuidade àquela existência. Essas informações eu recebi enquanto estava submetido ao “coma induzido”. Foi quando eu recebi o implante das memórias físicas de Henrique.

— Uau! Fantástico! Algumas informações são diferentes das que eu conheço, mas, enfim, a explicação foi convincente. Vou acolher. Mas ainda tenho algumas dúvidas.

— Para mim também é bastante complexo de entender, e mais difícil ainda de explicar, acredite. Foi isso o que entendi do que me foi passado. Eu não tenho por que duvidar.

— Certo, acredito. Mas se você puder, gostaria que me explicasse mais umas coisinhas. Por exemplo, você falou que é alma gêmea de Henrique. Pelo meu conhecimento almas gêmeas têm polaridades diferentes. Uma deve ter polaridade feminina e a outra, masculina. Vocês dois são do mesmo sexo. Você saberia explicar?

— Ah, sim, perfeitamente. Você sabe que nenhum ser encarnado é puramente de uma só polaridade. Certo?

— Certo. Prossiga.

— Então, cada um de nós, um ser vivente animado pelo sopro divino, possui uma pequena parcela da outra polaridade. Esse é um princípio fundamental no reino da criação. Caso um ser nasça cem por cento de uma só polaridade provavelmente não sobreviveria. Bem, não tenho certeza disso, é só uma intuição.

— Faz sentido, penso da mesma forma.

— Portanto, uma alma duplicada de si mesma, torna-se uma alma gêmea que

tanto pode originar duas pessoas de mesmo sexo, como de sexos diferentes, como ocorre na biologia intrauterina das gestantes. Há uma maior probabilidade de que no caso de gêmeos univitelinos, dois seres nasçam com a mesma polaridade sexual. Por essa mesma analogia com a Biologia, no caso de gêmeos bivitelinos a probabilidade de nascerem de sexos diferentes é maior.

— Hummm, perfeito. Entendi agora. Muito interessante. Você pode me contar sobre como é a vida na quinta dimensão da Terra? E qual é a sua ocupação, o que você faz, como é a sua família... enfim, conte-me alguns detalhes.

— Amigo, pra falar tudo que ocorre por lá, precisaríamos de muitos dias e noites.

— Eu arrumaria o tempo que fosse necessário para ouvir. Isso é fascinante!

— Ok... Acho que posso te falar o básico...

— Maravilha!

— Então “senta que lá vem história” — disse, sorrindo.

Ele riu.

— Eu não morava no Brasil nesse tempo, mas já ouvi falar de Castelo Rá-Tim-Bum.

— E eu tenho vivas as memórias de quando Henrique assistia junto aos seus filhos. Era um bom seriado. Pena ter acabado.

— Mas vamos lá, conte a história que já estou sentado. — Riu mais uma vez.

— Não sei definir a época certa em que ocorreu a efetiva entrada da Terra na nova dimensão. O período de transição durou algumas dezenas de anos, aliás, estamos agora no meio desse processo. Faço uma observação antes que me pergunte. O planeta saltou da terceira para a quinta dimensão, sem estacionar na quarta. A quarta dimensão continua a existir para a reciclagem das almas desencarnadas dos que permanecem vivendo na terceira dimensão. Muita gente acredita que a velha dimensão tridimensional, assim como a quarta, deixará de existir. Há muita divergência nas informações que circulam sobre esse processo de transição. Continuarão a viver sobre a superfície da Terra na terceira

dimensão as almas que não evoluíram para o caminho da ascensão espiritual. Se para os viventes da nova dimensão houve um salto evolutivo, para os sobreviventes e futuros encarnados na antiga dimensão houve um retrocesso, praticamente tendo que recomeçar uma nova civilização a partir do zero, vivendo quase como os seres pré-históricos da atual civilização. Assim como ocorreu com as civilizações da Lemúria e da Atlântida que antecederam a atual. Isso quer dizer que, após a mudança, ou “shift” dimensional, o conhecimento e tecnologias atuais se perderão, pois de nada terão utilidades para o recomeço. O petróleo não terá mais valor, nem será extraído das profundezas da Terra porque não terá mais utilidade. Haverá uma grande catástrofe que destruirá não apenas grande parte da população, como também das cidades e infraestruturas industriais. Haverá também guerras climáticas e biológicas que trarão catástrofes e ondas de pandemias que dizimarão milhões e milhões de vidas. Mas deixemos isso de lado. Vamos falar da vida na quinta dimensão.

“Algumas centenas de milhões de sobreviventes das catástrofes, que já se preparavam físico e espiritualmente para a mudança, conseguiram entrar para a nova dimensão com seus próprios corpos físicos. Foram as sementes da nova civilização quintodimensional.

“Houve três grupos de desencarnados. O primeiro grupo, o menor deles, ascensionou para a nova dimensão do planeta. O segundo, o de maior número, voltou a reencarnar na Terra na terceira dimensão, mas em condições pré-históricas, tendo que começar tudo novamente, como uma oportunidade para o aprendizado da Lei do Amor. E o terceiro grupo foi deportado da Terra para outros planetas mais afinados com suas vibrações espirituais, onde há o regime de escravidão, muita dor e sofrimento, algo próximo à concepção que fazem do que seria o Inferno.

“Eu sou um descendente de um sobrevivente do primeiro grupo, que conseguiu atravessar o portal dimensional. Na quinta dimensão não funciona mais a Barreira de Frequência criada pelos Demiurgos e Arcontes. Ela foi completamente eliminada. Devo dizer que as novas almas que reencarnam na nova dimensão são, naturalmente, compatíveis com a frequência vibracional, baseada no Amor Incondicional e no espírito de Colaboracionismo. Algo semelhante ao socialismo utópico. Não há um sistema de governo centralizado como os atuais, embora existam os Conselhos e Assembleias Comunitárias formadas quase que exclusivamente de anciãos e anciãs, além dos Conselhos Regionais e do Foro Planetário, algo parecido com a atual ONU. Não existe a

propriedade privada, ou dinheiro. Praticamente tudo é de uso comunitário. Só são propriedades individuais os bens pessoais, como roupas, utensílios domésticos, ferramentas e instrumentos de uso profissional. Artísticos também. Moradias, veículos de locomoção (terrestres e aéreos), entre outros tipos de bens móveis e imóveis são todos de uso compartilhado. E não sentimos necessidades de possuí-los individualmente. Somos muito felizes naquela forma de vida comunitária. Nada nos falta.

“Antes que você pergunte, sim, existem veículos aéreos de uso pessoal e coletivo. Utilizam outro tipo de energia para flutuarem no espaço. Energia limpa, obviamente. Eu já pilotei diversas vezes alguns veículos volitores.

“Minha atividade profissional é como agrônomo-agricultor. Desenvolvo espécies de cultivares modificadas geneticamente para melhor se adaptar ao nosso sistema digestivo e para que seus nutrientes satisfaçam melhor nossas necessidades de energias sutis para o corpo. Mas não se compara com a tecnologia atual das grandes indústrias da alimentação e agronegócios. As intenções são diametralmente opostas. Enquanto nós, na nova dimensão, desenvolvemos novos alimentos para facilitar a conexão espiritual com a Mãe Natureza, hoje em dia o objetivo é o lucro farto e a domesticação humana para tornar as pessoas mais dóceis e controláveis pelos donos do poder. Acho que você me entende.

“Eu vivo numa colônia agrícola, uma espécie de ecovila. Nossa produção é distribuída para comunidades próximas que se dedicam a outros tipos de atividades. Toda semana viajamos a um entreposto comunitário de trocas, para onde levamos nossas produções e de lá trazemos produtos de que precisamos. Não há excesso de produção. Tudo obedece a um planejamento bem acurado, atualizado a cada nova estação.

“Tenho uma família, esposa e três filhos. No nosso mundo, as crianças são criadas e educadas pelos pais até o final da primeira infância. Depois desse período, ela escolhe por si mesma a atividade de aprendizado a que melhor se adapta. É um processo natural de descoberta vocacional. Nesse estágio, a educação é coletiva. Todos os adultos se sentem responsáveis por todas as crianças, ensinando-as as boas práticas de convivência social, artísticas, científicas e profissionais. Funciona perfeitamente. Ao final da segunda infância, após a puberdade, o jovem tem a liberdade de sair de casa, de se unir em matrimônio, de se mudar para outra comunidade, de escolher sua atividade

profissional. Os pais não interferem na decisão. Eles também aprenderam e se tornaram adultos e cidadãos da mesma maneira. É um sistema livre. Pais e filhos mantêm seus laços afetivos, uns visitam os outros, como ocorre no sistema atual. Avós continuam a cuidar e ensinar seus netos. A família, como uma entidade genético-celular, mantém os seus laços de consanguinidade. A diferença é que filhos e netos deixam de ser “propriedades” dos seus ancestrais. A sociedade e os cidadãos são livres em toda a sua plenitude.

“Finalmente a humanidade terrena voltou a se reconectar com seus irmãos estelares. Recebemos a visita de seres de outros sistemas planetários, assim como alguns de nós realizam viagens intergalácticas. Mas essa é uma realidade para poucos. Para a maioria da população, no máximo conseguem dar uns passeios pela estratosfera terrestre, fazendo visitas a estações de nossos irmãos espaciais.

“Não existem igrejas nem religiões. Não temos necessidades delas, pois nos libertamos desse sistema prisional de nossas almas. Somos reconectados diretamente com A Fonte de Tudo o Que É, com o Criador Celestial, com o Deus Mãe-Pai Universal. Somos integrados Um com o Todo. Temos a clara compreensão do que significa a expressão ‘Somos Todos Um’.”

— Legal, mas vocês não praticam nenhum tipo de religiosidade? De espiritualidade? Não existem sacerdotes, sacerdotisas?

— Sim, claro. Existem. Mas não da forma que existe agora. Realizamos cerimônias para celebrar o sol, a chuva, as colheitas, de agradecimento ao Criador, à Mãe Terra, à Natureza. Mais ou menos como as celebrações xamânicas dos antepassados, mas sem o uso de sacrifícios. Ofertamos nossas colheitas como sinal de agradecimento. Claro que apenas como um gesto simbólico, pois posteriormente são utilizadas para a nossa alimentação. Não temos o hábito do desperdício e o evitamos ao máximo. Usamos também bebidas com substâncias enteógenas para a expansão da consciência, como vocês fazem com a ayahuasca, cactos e cogumelos. No entanto, utilizamos plantas novas e diferentes das atuais (o reino vegetal também evoluiu com a ascensão planetária). As celebrações têm um caráter mais festivo mesmo, com muitas danças e comidas. Elas geralmente coincidem com o início das estações, como faziam os povos antigos. Em comemorações especiais, de ordem planetária, várias aldeias e cidades se reúnem num local centralizado para uma grande e bela festa, que pode durar alguns dias. Nosso povo é muito alegre e

festivo. A exemplo de como é na atualidade, lá também existem pessoas com níveis diferentes de conexão espiritual, embora as pessoas com menor nível de percepções sejam mais conectadas que as pessoas aqui do presente. Nossos sacerdotes e sacerdotisas têm funções mais amplas, mais holísticas. São as mesmas que praticam a medicina de cura e tratamento de eventuais doenças e distúrbios mentais. Em resumo, eles são ao mesmo tempo médicos, terapeutas, sacerdotes, psicólogos e xamãs. Gozam de muito respeito na sociedade, mas não são idolatrados. Eles e elas também realizam trabalhos comunitários na época da colheita, por exemplo. Todos trabalham em prol do bem comum. Além dos centros de cura, geralmente com tratamentos à base de manipulação de energias prânicas abundantes no ambiente invisível, e do uso de plantas fitoterápicas, possuímos centros hospitalares para casos cirúrgicos. E são muito bem aparelhados com os mais modernos equipamentos. Há o emprego da robótica, inclusive, para realização de cirurgias mais delicadas.

— E como é a jornada de trabalho? Qual a carga horária, quantos dias por semana? Tem algum tipo de controle social?

— Não dividimos o tempo em semanas, meses ou horas. Mas há sim uma divisão, baseada no calendário dos movimentos das estrelas, do sol e da lua. Não existe o dia de domingo, por exemplo. Todo dia é dia normal. Mas a rotina de trabalho varia conforme as atividades. Dependendo das atividades, a pessoa pode trabalhar de sol a sol, ou na parte da tarde, ou da manhã, até durante a noite e madrugada, a depender das necessidades. Há núcleos de trabalho, organizados por grupos afins, nas assembleias. Tudo é decidido coletivamente. Todo mundo é consciente de seus deveres e não existe corpo-mole ou má vontade. Todos trabalham com amor e dedicação, sem se sentir explorado pelo outro. Todos têm a consciência de que trabalhando para si o estão fazendo para a comunidade e vice e versa. Parece utópico, mas é que vivemos em outro nível de consciência.

— Nossa! Que incrível. Até parece um sonho, uma ficção.

— Os sonhos existem e se tornaram reais, meu amigo. Os sonhadores romancistas e ideólogos não sonham à toa. Seus sonhos são verdadeiras intuições. São inspirados por consciências elevadas de outras dimensões.

— Viva os sonhadores!

— Viva!

— E qual é a sua idade, quantos anos vive uma pessoa?

— Como eu disse, lá não contamos o tempo como se conta aqui. Usamos outro tipo de calendário. Nós usamos os fenômenos astronômicos para estabelecer a contagem do tempo. Lembra um pouco o sistema dos povos maias. Para a agricultura, usamos o calendário lunar. Para algumas festividades, usamos o solar. E para eventos mais duradouros utilizamos o movimento das constelações estelares. Parece complexo, mas é mais natural, nos acostumamos bem e funciona satisfatoriamente. Nossas idades não são contadas pelo sistema gravitacional da Terra ao redor do sol. Mas em termos equivalentes ao sistema que você conhece, uma pessoa pode viver algumas centenas de anos. Vivemos bem mais do que vocês hoje em dia. Considerando uma idade de anos mais alongada, uma criança de lá pode ter o equivalente à idade de um jovem no final da adolescência aqui. A idade que eu tenho aqui é equivalente a de um adulto jovem de lá. Já a idade que eu tenho lá, aqui eu seria considerado um idoso com mais de cem anos de idade, mas que equivaleria a uma pessoa na faixa dos quarenta e cinco anos de idade dessa dimensão. Ou seja, lá de onde vim, sou considerado um homem de meia-idade.

— Uau! Incrível isso, txai. Quer dizer que você e Henrique têm uma idade correspondente entre os dois sistemas. Sensacional!

— É mais ou menos isso, amigo. Mais uma compatibilidade entre nós.

— Nossa, tenho tantas perguntas a fazer que nem sei qual perguntar primeiro. Mas já está ficando tarde, temos que levantar cedo amanhã. Antes de encerrar por hoje, só mais uma pergunta.

— Manda!

— Vocês consomem carne? Ou melhor, vocês usam alimentos de origem animal nas suas dietas?

— Consideramos os animais nossos irmãos menores, os verdadeiros “donos” ou moradores originais da Terra. Nós, pertencentes ao reino humano, chegamos por último na criação dos sete reinos, e nossas almas têm muitas origens nesse vasto Universo. Aliás, Multiverso, mas deixemos isso de lado... Não, não criamos nem abatemos animais para consumo. A redução do rebanho de víveres domésticos ocorreu de forma radical. Bois, cabras, porcos e galinhas vivem livres na natureza, junto a outras espécies. Alguns voltaram à sua condição

selvagem. Mas ainda utilizamos o mel de abelha, por exemplo, como um importante alimento para a defesa de nosso organismo.

— Que beleza! Ah, surgiu mais uma pergunta agora. Vocês enterram os mortos? Existem cemitérios? Como se dá essa questão?

— Meu txai — às vezes eu também o tratava por essa expressão indígena —, essa resposta é demorada... Vamos deixar para outro momento? Estou ficando com sono e vai ser difícil de me acordar se não dormir um mínimo suficiente de tempo para me manter desperto. — Esbocei um sorriso e arqueei as sobrancelhas. — Pode ser?

— Perfeitamente, meu txai. Eu quero mesmo que você acorde na hora, temos muito o que fazer. É que essa conversa é empolgante, daria para emendar com a madrugada, mas você tem razão. Precisamos mesmo dormir. Mas só me responda essa última que me deixa intrigado. Você já contou sobre isso pra mais alguém?

— Nem pensar. Não posso e nem devo.

— Ainda bem. Sua família seria a primeira a te internar num hospício.

Nós dois explodimos em boas gargalhadas.

Depois de rirmos um bocado, Ari me pediu para conferir a lista e juntar as coisas ao lado da porta para não nos esquecermos de nada antes de partirmos na madrugada.

— Prepare-se, meu txai. Você vai mergulhar fundo em suas memórias mais escondidas. Vai ser uma deep trip.

Exponha-se ao seu medo mais profundo. Depois disso, o medo não tem mais poder. O medo da liberdade encolhe e desaparece. Você é livre.

Jim Morrison

Sáímos com os primeiros clarões no horizonte, ainda a tempo de presenciar o lusco-fusco matutino e algumas esparsas estrelas no céu com brilho esmaecido pela chegada iminente do sol. Acomodamos as coisas mais volumosas no bagageiro acoplado ao teto do Jeep e arrumamos as mochilas com roupas e mantimentos no banco de trás. Fazia um frio seco característico da Chapada. No capim rasteiro e nas pontas dos galhos dos arbustos à beira da estrada brilhavam gotas de orvalho. Ouvia-se canto de pássaros vindos de todos os sentidos cardinais. Havia poucas nuvens. O dia prometia. A manhã estava em festa.

Eu estava tão absorto e pensativo sobre a vivência que não prestei atenção nos atalhos de terra que ele pegou. Quando dei por mim, o carro descia uma ladeira íngreme e estreita com trechos em erosão no leito da estrada, repleta de pedras e pedregulhos. Ari manobrava com muito cuidado o volante com folga. Ele era habilidoso e conhecia bem o caminho. Num trecho mais plano após a descida vagarosa, ele parou o carro, abriu uma porteira e seguiu por uma trilha que terminava numa casa avarandada no meio do nada. O sol já raiava firme por trás da mata. Ele deu dois toques suaves na buzina. Escutamos um barulho de chaves e uma senhora de meia-idade surgiu na porta da frente, ainda de pijamas de moletom estampado.

— Oooh là là. Que surpresa agradável! — disse ela, com forte sotaque francês, estampando um sorriso amigável no rosto. Depois descobri que ela era suíça.

— Bom diaaa, Martine. Comment ça va? — respondeu Ari, em tom de brincadeira.

— Eu vou très bien — respondeu ela da mesma forma, rindo. E emendou: — E tu? O que faz aqui a essa horra?

Em pensamento, agradei por ela falar em português, senão eu iria ficar boiando no meio da conversa. Pense numa situação chata.

— Eu vou passar uns dois ou três dias aqui na mata, numa vivência com o amigo aqui do lado. A propósito, esse é Henrique, lá de Recife.

— Muito p’razer — disse ela, com os “erres” bem carregados.

— O prazer é todo meu — respondi polidamente.

— Martine, como eu sei que você é madrugadeira, me atrevi a chegar por aqui nesse horário tão cedo.

— É sempre um p’razer receber bons amigos. Vamos ent’rar. Vou fazer um café.

— Ok. Não vamos fazer desfeitas. Vamos lá, Henrique. Não vamos demorar.

Descemos do carro e adentramos pela porta da cozinha. Já havia chaleira com água fervente sobre o fogão a lenha. Martine passou o café num bule azul esmaltado com estampas de pequenos girassóis. Uma peça bonita, provavelmente trazida da Suíça. Tirou uns pães que ela aquecia no forno, arrumou-os numa cesta de vime e colocou sobre a mesa algumas frutas. Tomamos um frugal e delicioso café.

Os dois conversavam sobre a situação do Vale do Cercado, que ultimamente estava sendo invadido por turistas mal-educados que faziam piqueniques à beira dos rios e cachoeiras e deixavam um rastro de poluição danosa ao meio ambiente. Ari lamentava que também ali, naquele paraíso protegido por leis ambientais, as invasões também ocorressem. Geralmente, segundo ela, ocorriam nos finais de semana. A maioria dos frequentadores era de moradores das cidades próximas que iam de motocicletas, por causa das condições das estradas internas não serem apropriadas para carros urbanos. Somente automóveis com tração nas quatro rodas ou de suspensão mais alta conseguiam chegar ao interior do Cercado.

Depois do café fomos sentar na varanda da frente. A casa era toda feita em tijolos aparentes, com algumas colunas de largos troncos de madeira. Era toda envernizada. Uma casa muito agradável, de estilo europeu. Ela abriu uma bolsinha de pano e tirou de dentro um pedaço de fumo de corda, papel-seda, isqueiro, canivete e começou a picar o tabaco para depois arrumá-lo no papel. Enrolou vagorosamente enquanto conversava, passou a língua, fechou, fez um roliço numa das pontas e acendeu. Olhou para mim e ofereceu. Eu agradeci recusando, alegando que eu não fumava cigarros. Ela me fitou por uns segundos, fez uma pequena pausa e perguntou:

— P’referre outro tipo de cigarro?

Na dúvida se ela se referia ao que eu imaginava, perguntei:

— Marijuana?

Ela balançou a cabeça, dizendo com o seu sotaque:

— Mas é claro, mon ami.

Ela e Ari riram.

Eu olhei para Ari como que perguntasse a ele, “posso?”. Ele devolveu o olhar afirmativamente:

— Agora pode, sim, txai, é até bom pra você relaxar, pois o dia vai ser bem puxado.

Daquela mesma bolsinha de pano ela retirou um baseado que já estava pronto. Ari me acompanhou.

Antes de nos despedirmos, deixamos o Jeep estacionado no terreno dela porque para onde iríamos não havia como entrar de carro. Seguiríamos a partir dali a pé com as mochilas nas costas. Agradecemos a Martine pela hospitalidade, pegamos nossas tralhas e seguimos nosso caminho.

No caminho Ari me falou sobre Martine. Ela morava sozinha no meio da mata como uma eremita. Perguntei do que ela vivia. Ele respondeu que ela possuía imóveis de aluguel no país de origem e ela também recebia pensão do governo suíço. Havia mais moradores espalhados e distantes uns dos outros. Talvez uma dezena deles, com suas casas construídas e restritas aos espaços de seus terrenos, adquiridos antes do Cercado se tornar área de preservação protegida por lei. Pelo que entendi, não era mais permitida a construção de novas habitações.

Eu fiquei admirado com a coragem de viver só num local praticamente ermo, de difícil acesso, distante das cidades ou povoados e sem vizinhos por perto, a não ser os animais silvestres e a natureza. Algumas mulheres são mais corajosas que muitos homens. Eu mesmo, pensei, não teria coragem de morar ali sozinho, por mais lindo e agradável que fosse.

Caminhamos bastante, passamos por riachos, atravessamos rios nos pontos mais rasos caminhando pelas pedras, cujos desvios criavam pequenas quedas no curso

d'água e que ora ou outra formavam piscinas naturais onde era possível nadar e mergulhar. O lugar era de uma beleza selvagem. Subimos e descemos morros e encostas por trilhas que exigiam um bom preparo físico. Eu sempre estava a vários passos atrás de Ari, o que fazia com que ele parasse para me esperar para eu não me perder.

Depois de um bom tempo, ele encontrou um lugar estratégico para acamparmos. Ficava afastado das trilhas internas do Cercado e havia um riacho por perto para nossas necessidades de água.

Não levamos barracas. Em vez disso, Ari pegou o facão e cortou alguns galhos de médio porte para fazer mastros e colunas para armar uma estrutura em V invertido. Pegou em seguida alguns galhos mais finos para fazer o enchimento das laterais e da cobertura. Eu o ajudei a amarrar as pontas e emendas com cordas de sisal. A ideia era a de construir uma pequena choupana, de tamanho suficiente para nós dois ao abrigo do tempo e de animais noturnos. Usamos as lonas de estampa camuflada para forrar as laterais, o teto e o fundo, deixando uma abertura na frente que seria coberta à noite com uma lona para servir de porta de entrada. Usamos outra lona, plástica, no chão, para nos proteger da umidade do solo e evitar molhar os nossos pertences. Ficou de bom tamanho, aconchegante e confortável. Esticamos nossos sacos de dormir e cobertores e arrumamos o restante das coisas no fundo da choupana. Coube tudo.

Pela posição do sol eu calculei que devia ser em torno de onze horas da manhã, talvez um pouco mais tarde. Ari disse que estava dentro do previsto, mas que não tínhamos tempo a perder. Pegou sua mochila com seus preparos medicinais. Iríamos finalmente dar início à minha grandiosa jornada xamânica.

Eu senti um friozinho na barriga que subia até a nuca e descia pela espinha até os pés. Estava ansioso, mas igualmente disposto em me imergir naquela tão aguardada experiência.

Primeiro dia, uma quarta-feira.

Ari usava um belo cocar de penas sobre a cabeça e um colar de miçangas coloridas com gravuras indígenas que lembravam pele de cobra e que descia do pescoço até a altura do abdômen. Ele me chamou para sentar sobre umas pedras da altura de um banco, próximo às margens do riacho. Os raios de sol perpassavam por sobre as brechas das folhagens das árvores mais altas, projetando no chão a luz entre as sombras. Ouvia-se o cantar de pássaros e cigarras e o calmo e tranquilo borbulhar das águas do refrescante riacho.

Ele me explicou que o meu caso, por ser o mais inusitado de todos que ele já havia cuidado, seria baseado nas experiências de campo bem-sucedidas, mas que, se fosse necessário, ele iria fazer novos testes, podendo ministrar doses mais altas das substâncias psicoativas e, inclusive, uma combinação delas. Mas que ele faria tudo dentro das margens de segurança lastreada pelos seus conhecimentos acadêmicos como químico-farmacêutico.

— Diga em voz alta de que aceita e concorda com esses termos. A cerimônia para a vivência já começou. E caso você tenha alguma dúvida, ainda dá para desistir. — Tomei ar para refletir e, antes que pudesse falar algo, ele me interrompeu: — Mas, antes de responder, sente-se no chão, procure uma posição confortável, cruze as pernas e mantenha a espinha ereta. Faça exercícios de respiração de olhos fechados e peça uma resposta dentro do seu ser. Não tenha pressa. Quando terminar, me chame que estarei por perto.

Afastou-se e me deixou só.

Fiz o que ele pediu. Não me lembro de quanto tempo passou. Foram vários minutos. Eu continuava ciente e disposto. Sobretudo, eu confiava no seu trabalho, na sua seriedade, na sua competência, nos seus poderes de pajé e na sua formação de nível superior em Química Farmacêutica. Abri os olhos e o avistei de longe.

Fiz sinal com a mão. Ele veio até a minha presença.

— Está confortável, txai?

— Tudo tranquilo. Bem relaxado.

— Beleza. Fique sentado aí mesmo. Quando se cansar dessa posição, pode esticar as pernas ou se sentar sobre essa rocha atrás de você. O importante é que esteja sempre relaxado e confortável. Vai durar um bocadinho de tempo. Depois dessa primeira sessão, você pode ir se molhar e refrescar no riacho. Um lembrete importante: mantenha o silêncio. Só fale quando for por razões de força maior, para solicitar alguma ajuda. Mas se tiver condições de resolver sozinho, faça-o. Eu vou estar o tempo todo por perto, te observando. Vamos começar.

Senti novamente um frio na barriga que percorreu todo o corpo. No íntimo, eu estava preparado.

Ele foi buscar brasas numa fogueira que ele havia acendido enquanto eu meditava, a alguns passos de onde estávamos. Colocou as brasas num recipiente de cerâmica, juntou umas ervas aromáticas, lascas de palo santo e umas resinas vegetais que exalavam um cheiro forte de incenso, o sepá, muito semelhante aos usados em cerimônias religiosas.

Ele circulava com o recipiente ao meu redor para purificação tanto de meu corpo, quanto do ambiente em volta. A fumaça tinha um efeito calmante e inebriante que me induzia à introspecção. Ele fez uns cantos em língua nativa e em seguida pegou de dentro da mochila um vasilhame plástico e despejou num copo de madeira um líquido escuro e espesso. Fez uns rezos, pronunciou umas palavras de comando, deu uns assopros e pediu para eu beber de um só gole. Tive ânsia de vômito. O gosto não era nada agradável — aliás, era repugnante. Sacudi a cabeça e fiz uma careta estremecida de olhos fechados. Pela memória gustativa gravada na mente de Henrique, eu reconheci o gosto da ayahuasca. Em seguida, ele repetiu o mesmo procedimento e serviu um copo a si mesmo.

— Foque seus pensamentos na busca pelas memórias passadas, pelas memórias de Henrique — orientou Ari. — A mente pode tentar fugir e pensar em outras coisas, isso é normal, mas não lute com a mente, pois é uma tentativa de distração do ego para sabotar a experiência. Então, ao contrário, em vez de brigar com a mente tagarela, volte e foque no assunto principal até cansar a mente do ego. — Ele se afastou novamente, sentando-se próximo à fogueira, a alguns metros mais adiante.

Eu não havia comido nada desde o café da manhã na casa de Martine. Sentia o estômago roncar, achava que fosse de fome. Em seguida, começaram uns tremores na barriga e depois pelo corpo todo. Minha visão se tornava turva e tive tonturas. Fiquei um pouco apavorado. Pensei em pedir ajuda, mas lembrei de sua recomendação de me virar sozinho. Então a ficha caiu. Eu estava consciente de tudo, apesar do mal-estar. O desconforto foi piorando, tinha ânsias de vômito e cuspiu uma baba espessa e pegajosa. Dava a impressão de que da minha boca saíam teias de aranha.

Levantei-me e sentei sobre as rochas. A nova posição, que me permitia esticar as pernas, melhorou em parte. Mas logo em seguida senti mais tonturas e dor de cabeça. Dobrei o meu corpo para frente, mas tinha dificuldades para pôr o vômito pra fora. O corpo todo tremia, eu sentia fraqueza nas pernas e nos braços. Olhei para as minhas mãos. Estavam trêmulas também. Eu sentia frio, embora a temperatura externa estivesse em torno de vinte e seis graus.

Olhei para a mata e comecei a notar luzes piscantes emitidas pelas folhas, como enfeites de árvore de Natal. Lá fixei os meus olhos. Eu não estava imaginando, eu tinha total consciência do que ocorria. Como era possível?

Meus ouvidos se tornaram mais aguçados. Eu era capaz de ouvir o barulho, como um estrondo, das folhas que caíam suavemente das árvores. O enjoo ficava cada vez mais forte. Em desespero, coloquei dois dedos na goela. A garganta fez barulhos escandalosos e eu vomitei. Fiquei um bocado de tempo com o corpo dobrado para frente porque atenuava as dores e facilitava a saída dos jatos.

Até que começou a aliviar e aos poucos uma paz inenarrável tomou conta de mim. Era uma paz celestial, como se algum dia, na fase de entrevistas, eu tivesse experimentado aquela sensação. Estava tudo bem comigo.

Ari estava sentado em posição de lótus, de frente para a fogueira. Olhei para o chão, procurei um lugar mais limpo e deitei sobre a areia úmida. E tive mirações belíssimas, coloridas, com diversas formas geométricas transparentes como bolhas de sabão, multicoloridos. Depois surgiram mandalas de todas as cores, gigantescas, que cresciam em direção aos meus olhos. Eu era capaz de ouvir o canto dos pássaros mais distantes, como num sistema estéreo quadrifônico. Estava extasiado, como se eu experimentasse viver um pedacinho do céu.

Ouvi passos em minha direção e abri os olhos. Ari se aproximou com o tipi e

uma ampola de rapé.

— Agora, levante-se e sente. De maneira confortável. Isso. — Ele me encarava com cuidado. — Como está se sentindo?

— Agora está tudo bem.

— Você é muito escandaloso, txai. — Ele riu. — Você deve ter acordado os moradores e todos os seres da mata! — Em seguida, fez uma advertência. — Você tem que segurar a ânsia de vômito o máximo possível, mesmo que sinta desconforto, porque isso é sinal do trabalho da medicina. Essa é uma das maneiras dela trabalhar no corpo físico. Não provoque o vômito com os dedos. Eu estou observando tudo — completou.

Ele sentou-se no chão à minha frente, fez uns rezos em língua nativa e assoprou as mãos fechadas em concha sobre a ponta dos lábios. Abriu a ampola, colocou um punhado do pó na palma esquerda e com o seu kuripe assoprou uma vez em cada uma das suas narinas. Fez outro rezo, repetiu os sopros, colocou nova quantidade de rapé na mão esquerda e pegou metade com a ponta do tipi.

Eu já conhecia o procedimento. Coloquei a ponta do tipi na narina esquerda e ele deu o primeiro sopro. Minha cabeça caiu pra trás, como da primeira vez. Mas agora tinha um efeito novo, tive uma imediata ânsia de vômito.

— Segura o vômito! Ainda tenho que dar o segundo sopro.

Consegui com muito esforço segurar o enjoo e tomei o segundo. Só tive tempo para me levantar e correr em direção às rochas para dobrar o meu corpo e vomitar.

Eu sentia dor de cabeça. Ele disse que era normal para algumas pessoas, mas que logo ia passar pelo efeito medicinal do rapé, que era feito de cinzas de tsunu misturadas com pó de tabaco.

— Nas tradições das tribos amazônicas, o rapé é um auxiliar da ayahuasca, ele faz um trabalho complementar. Mas me diga, txai: está preparado para mais uma dose de ayahuasca?

— É mesmo necessário? É obrigatório tomar?

— Você não é obrigado a fazer nada contra a sua vontade. Tem é que perguntar a si mesmo se você deve.

— O que você acha?

— A primeira dose, além da limpeza física nos intestinos, produziu só mirações psicodélicas. Não percebi nenhum sinal de que você penetrou em sua mente em buscas das respostas que procura. Então, indico, sim, uma segunda dose, um pouco maior do que a primeira. O ideal é tomar três doses, mas como é sua primeira vez e a bebida que eu sirvo é muito mais concentrada do que o normal, melhor só dois copos. Mas você quem decide.

Pedi a ele a segunda dose.

— Lembre-se: as mirações são legais, são a parte lúdica e recreativa da bebida, mas elas também possuem significados e necessitam ser interpretadas. As mirações são o que fazem, erroneamente, muita gente buscar por bebidas que contenham o DMT como pura diversão. Isso não é aconselhável, aliás, é totalmente desaconselhável. As medicações que utilizam substâncias psicodélicas devem ser respeitadas e buscadas pelo seu lado de trabalho nos níveis da psique humana e espirituais. Elas possuem espírito também. O lado do trabalho físico a gente percebe pelo efeito no sistema gástrico-intestinal. O lado do trabalho a nível cerebral, nós percebemos pelos efeitos psicodélicos das mirações. Mas os trabalhos nos níveis da psique e do plano espiritual são invisíveis, são mais intuitivos e de maior duração no tempo, chegando a se prolongarem por dias ou semanas. Quando vierem as mirações, não precisa bloqueá-las, ao contrário: elas devem ser recebidas com gratidão, pois elas tornam a experiência mais lúdica e agradável; no entanto, não deixe que elas te distraiam do foco principal, que é atingir um nível mais profundo da mente e da alma.

Ele usou mais uma vez o sepá para defumar e purificar o ambiente, fez novo rezo, assoprou as mãos nos quatro sentidos cardinais, depois me serviu uma dose ligeiramente maior do que a primeira. Mais uma vez ele pediu que eu tomasse de uma só vez e bebesse todo o conteúdo do copo. Ari também tomou uma segunda dose.

Tive uma reprise da primeira dose: as mesmas sensações, talvez mais fortes e mais prolongadas. Eu não conseguia controlar os enjoos e ânsias de vômito, eu continuava a fazer escândalos num esforço de acalmar o desconforto intestinal.

Comecei a me arrepender de ter entrado naquela roubada. Olha só a besteira que você está fazendo, Alípio. Isso é coisa de gente maluca, de gente drogada. Como você pode acreditar num índio que, aliás, é branco também? Ele é mais europeu do que amazônico, eu discutia comigo mesmo.

Ari se aproximou com um maracá na mão e começou a entoar canções indígenas, tocando freneticamente o instrumento, dançando ao meu redor, batendo firme com os pés no chão. Ele cantava em voz alta e parecia estar possuído por algum espírito ancestral. Eu não entendia as palavras da língua nativa, mas eu comecei a relaxar, a sensação do incômodo foi diminuindo, os enjooos foram cessando e eu tive vontade de me deitar. Eu não sabia se devia, mas segui minha intuição. Procurei o mesmo lugar de antes e me pus de lado, em posição fetal.

Acho que adormeci. Eu tive visões maravilhosas. Eu entrava num castelo de cristal e me deixava aprisionar por dentro. Mas não sentia medo, sabia que poderia sair assim que eu desejasse. Eu me vi flutuando sobre um lugar paradisíaco todo construído de formas geométricas. Eram tantas formas diferentes, umas contidas nas outras, eu as via entrelaçadas por dentro e por fora ao mesmo tempo. Era uma realidade que eu não sabia explicar. Seria a representação da quarta dimensão física? Só sei que eram fascinantes.

Tudo era lindo e eu sentia uma paz profunda, jamais experimentada. Eu não desejava sair dali. Então ouvi um som mágico de flauta e olhava para todas as direções daquele palácio de cristais multicolorido e não detectava ninguém além de mim. De onde viria o som?

Abri os olhos. Ari tocava seu instrumento de bambu sentado à minha frente.

O sol já dava sinais de que se despediria em breve no poente. O céu apresentava tons alaranjados sobre as ralas nuvens dispersas na abóbada celeste. Ari parou de tocar.

— E aí, txai, tá tudo bem?

— Nossa! Viajei, meu txai. Estive num lugar indescritivelmente belo e mágico. Eu não queria mais sair de lá.

— Eu percebi pelo semblante feliz durante o sono.

— Eu dormi mesmo ou foi só um cochilo?

— Você dormiu pra caralho, txai. Bastante tempo. Me conte como foi.

Contei para ele todas as visões. Ele não me interrompeu, mas assim que terminei, ele perguntou:

— Não ouviu alguma voz ou se encontrou com alguém?

— Não... ou não me lembro.

— Então tudo bem. — E levantou-se.

— O... o que você acha?

— Amanhã vou fazer uma experiência com substâncias diferentes.

— Quais?

— Ainda estou matutando, txai. Ainda estou matutando.

Ele começou a guardar as coisas na mochila e eu percebi que era o momento de voltar para a cabana.

Depois de guardar e arrumar suas coisas, ele tirou a roupa, deu alguns passos em direção ao riacho e deitou-se na água. Eu o imitei e fui tomar meu banho noutra parte mais funda. A água, fria demais para aquele horário, abraçou o meu corpo.

De volta à choupana, distante poucos metros de onde havíamos estado, Ari pediu para eu juntar lenha para uma fogueira. Enquanto isso ele pegava os alimentos para a refeição. Eu estava sem apetite, era um dos efeitos da medicina.

A noite se instalava de mansinho. As cigarras entoavam seus cantos em todas as direções. Sapos e grilos se juntavam ao coro da mata. E fez-se a escuridão da noite, iluminada pelas chamas que nos aquecia do frio.

Ari armou a trempe sobre a fogueira e pendurou um caldeirão de alumínio, onde ele preparou uma sopa de macarrão instantâneo. Eu estranhei. Logo ele, tão naturalista, fazendo uso de um alimento ultraprocessado e tão carregado de químicas industriais. Ele, adivinhando os meus pensamentos, justificou:

— No meio da mata temos de ser pragmáticos. — E emendou, em tom jocoso:
— De vez em quando não faz mal.

Eu cedi e me servi de uma generosa porção. O cheiro do tempero despejado no caldo fervente reabriu o meu apetite.

Permanecemos ao redor da fogueira e conversamos sobre a experiência realizada à tarde. Ele foi direto ao ponto.

— Alípio, eu vou servir uma medicina nova amanhã. Mas você precisa se esforçar mais e se soltar. Eu notei que você bloqueia o trabalho da medicina. Você tem uma mente muito analítica, eu já havia percebido, mas o seu ego também está te boicotando. A mente é tanto usada pelo Ego quanto pela Consciência. Mas o Ego, quando não domesticado, costuma assumir os comandos. Você, com todo o conhecimento que você traz de onde você veio, já deveria ter assumido o controle de sua mente. O Ego é um artifício criado pelos Demiurgos para dominar a raça humana. Mas já que não temos como nos livrar dele, até porque ele tem suas serventias, entenda o Ego como um cavalo possante, forte e bonito, mas que você o monte e ele te obedeça, como um bom cavalo domado. Assuma as rédeas e o conduza pelo bom caminho.

— Duas observações: primeiro, eu prefiro que você me chame de Henrique, para que, sem querer, você não pronuncie o outro nome na presença de outras pessoas.

— Me desculpe, txai. Não faço por mal. Eu fico na dúvida de como devo te chamar. É que eu vejo Alípio diante de mim.

— Eu sei, e aqui entre a gente não há problema. Até confesso que gosto de ouvir o meu verdadeiro nome. Mas falo isso pra você não se acostumar...

— Beleza. Conclua o seu raciocínio, Henrique. — Pronunciou o nome com um sorriso nos lábios.

— Então. A segunda observação é que você falou “Demiurgo”. É interessante ouvir isso de um índio.

— Bem, sou metade índio e metade homem branco. Assim como foi o meu pai, eu também sei conviver bem entre as duas culturas e extraio o melhor aprendizado de cada uma delas.

— E você sabe mais sobre a nossa cultura que a maioria dos homens brancos.

— Confesso que fui bastante influenciado pelos meus avós. Eles eram muito cultos. Não posso falar o mesmo de meus pais porque convivi pouco com eles, mas acredito que eles também possuíam um bom nível de conhecimento, além de suas atividades profissionais.

— Bacana isso. Ah, se nós tivéssemos uma convivência mais próxima e duradoura... Eu tenho dificuldade de conversar sobre certos temas por não encontrar interlocutores capacitados. No meio social em que vivo as pessoas só falam trivialidades do cotidiano de suas vidas. Eu me sinto deslocado naqueles ambientes.

— Eu sei como é, txai. Mas, voltando ao ponto inicial, eu quero que você, a partir de amanhã, se deixe entregar às medicinas. Seja menos analítico. Não reaja. Aceite o trabalho que os espíritos das plantas e da floresta oferecem e deixe que eles se aproximem e cheguem até você. Dê-lhes ouvidos. Eles são professores, mas só se aproximam quando você deixa a porta aberta. Lembre-se de Aldous Huxley sobre o que ele escreveu em *As portas da percepção*. Lembre-se de Timothy Leary e de Terence Mackenna. Já ouviu falar deles?

— Sim, de todos eles. Aliás, já li livros de Huxley e Mackenna. Você se esqueceu de citar Albert Hoffman.

— Claro, claro. Graças a ele os enteógenos se tornaram fontes de estudos e pesquisas científicas para usos e aplicações em tratamentos clínicos para o tratamento de dores, ansiedade e distúrbios psicológicos.

— E para o uso recreativo também, ora bolas! — brinquei.

— Já que você tocou nesse assunto... Que tal suavizar a noite para ter um sono mais relaxante? Ninguém é de ferro. É hora do recreio. — Ele puxou de uma bolsinha de crochê adornada com motivos indígenas, uma lata, isqueiro e papel de seda. Enrolou um baseado bem rechonchudo para compartilharmos ao pé da fogueira, antes de dormir.

Segundo dia, uma quinta-feira.

Não levamos relógios para o acampamento. Os aparelhos celulares foram desligados por determinação de Ari, para não nos distrairmos. Não havia como saber as horas. Calculei que fomos dormir bem cedo na noite anterior. Depois que o sol se põe tudo fica escuro na mata e não havia nenhuma casa dos poucos moradores do Cercado próxima do lugar onde montamos a choupana. A única luz era a da fogueira que acendemos durante o crepúsculo do dia anterior. Tão logo terminamos de conversar e fumar o baseado, nós fomos dormir.

Antes do alvorecer já estávamos de pé. Escovamos os dentes à beira do riacho e voltamos para preparar o café da manhã. Eu havia comprado um queijo cabaça, que dispensa ser guardado em geladeira. Coloquei-o sobre uma mesa improvisada com uma tábua apoiada sobre duas pedras, instalada do lado de fora da cabana.

— O desjejum vai ser feito com alimentos leves e devemos comer pouco. Guarde o queijo, pois alimentos lácteos e gordurosos são os menos indicados. As medicações atuam bastante no sistema digestivo, e quanto mais leve for a alimentação, menos desconfortos sentiremos durante o processo metabólico das substâncias psicoativas — contou, já colocando frutas à nossa disposição. — Pão tá liberado, mas sem manteiga, podemos substituir por mel. E beba bastante água, o quanto conseguir beber.

Depois do desjejum, eu fui até o sanitário improvisado com um buraco cavado no chão atrás e distante do acampamento. Cobri com terra e folhas secas, conforme instruções dadas por Ari. Não se devia forçar a evacuação, mas ele recomendou que quando sentisse uma mínima vontade eu deveria fazê-la antes, para evitar acontecer durante o uso das medicações, que, segundo ele, poderia provocar desarranjos intestinais como efeitos colaterais. Eu fiquei tenso por antecipação. Por sugestão de Ari troquei a calça de sarja por uma bermuda de moletom para facilitar a remoção em caso de incontinência. Estava apreensivo naquela manhã. Mas estava decidido, pronto para o que desse e viesse.

Seguimos para o mesmo local do dia anterior. Ari explicou que iniciaria a cerimônia com um mix de psicoativos para serem fumadas no cachimbo. Depois de alguns minutos ele aplicaria rapé de yopo. Esperaria algumas horas pela duração dos efeitos e depois ele serviria um chá com outras substâncias.

— Não vai ser ayahuasca, mas não posso revelar do que é feita a bebida por questões éticas aprendidas com os índios mexicanos, que só revelam os segredos de suas medicinas para aprendizes, o que não é seu caso — explicou, como um pedido antecipado de desculpas. — Mas, por favor, confie no meu trabalho e responsabilidade. Eu também vou tomar para ficarmos na mesma frequência.

Voltei a sentir o frio na barriga. Com o que eu estava me metendo? Devia estar perdendo o juízo, pensava.

Eu procurava transparecer calma, mas minha expressão não enganava. Ari percebeu minha apreensão.

— Fique tranquilo, meu txai. Vai dar tudo certo. Confie em mim e confie mais no poder das medicinas. Elas são professoras, e seus espíritos estarão presentes para te ajudar. Mantenha firme o controle de sua mente. Lembre-se do que eu falei ontem sobre o domínio do ego. Vai ficar tudo bem, relaxe! O cachimbo que vamos pitar antes tem essa função, a de trazer paz e tranquilidade mental. É um toque preliminar, um toque suave e carinhoso.

— Vai ser igual aquele que pitamos na segunda-feira?

— Um pouco diferente. Contém as mesmas substâncias relaxantes que aguçam os sentidos, mas têm outras para provocar a introspecção necessária para as medicinas seguintes. Tem uma sequência bem coordenada. E quando for vomitar, vomite no mesmo lugar de ontem. Depois cobrimos com as cinzas da fogueira. Está pronto? Podemos começar?

— Eu vim aqui pra isso. Vamos simbora! — Juntei as palmas das mãos sobre o peito, encostei os lábios nas pontas dos dedos e fechei os olhos, pedindo proteção e agradecendo ao Criador pela oportunidade.

Ele pediu que eu sentasse confortavelmente sobre o chão forrado com toalhas e me estendeu uma almofada para mais conforto. Ele sentou-se de frente e colocou sua mochila e objetos, distribuindo uma quantidade de cada lado. Juntou suas mãos em forma de prece, baixou a cabeça, incitando-me a fazer o mesmo.

Iniciou um rezo bem longo em língua nativa. De vez em quando ele levantava a cabeça em direção ao céu e pronunciava umas palavras em voz mais alta. Depois que terminou, caminhou em direção à fogueira que já crepitava em chamas. Colocou brasas vivas no vasilhame de sepá e veio fazer a defumação e purificação, como das vezes anteriores. Então repetiu a dança xamânica, dessa vez usando um tambor, cujas batidas provocavam uma sensação de indução voltada ao meu interior. Ajudava para aquele clima de imersão mental o cheiro do sepá, repousado sobre a areia. Passei a me sentir mais calmo. Aos poucos eu ia perdendo a apreensão.

Ele colocou o sepá num local seguro e sentou-se. Tive vontade de falar alguma coisa, mas me lembrei de suas recomendações para permanecer em silêncio. Ele preparou os dois cachimbos e acendeu primeiro o dele, deu umas baforadas, pronunciou umas palavras ininteligíveis e me passou o outro com o isqueiro. Depois afastou-se observando-me de longe.

Eu comecei a perder a noção do que estava à minha volta. Sentia-me leve, como se fosse levitar. Era uma sensação estranha e agradável ao mesmo tempo.

Fechei os olhos e mantive a posição que estava sentado, com as pernas cruzadas e a espinha ereta. Surgiram umas mandalas coloridas, um pouco diferentes das formas com a ayahuasca. Eram mais suaves, de movimentos mais lentos. Eu abri os olhos e elas desapareciam. Fechei novamente e voilá: novas imagens, ainda mais coloridas e mais rápidas. O ambiente foi tomado por insetos alados multicoloridos. Borboletas e libélulas faziam voos dançantes diante de mim, abelhas e marimbondos se aproximavam o bastante para eu enxergar o detalhe de suas cabeças, como desenhos hexagonais. Mas suas expressões eram assustadoras. Abri os olhos na hora, já que as imagens deixaram de ser agradáveis e passaram a ser quase ameaçadoras.

Então reparei na mata. As cores estavam mais saturadas e havia contornos de luzes ao redor das folhagens. Eu estava consciente de tudo o que acontecia. Os sentidos estavam todos aflorados. Eu ouvia em detalhes a sinfonia do sopro do vento sobre as árvores. O som das águas do riacho parecia instrumentos de percussão em sintonia com a natureza. Experimentei novamente os efeitos de sinestesia, sentindo o cheiro das cores, visualizando cores e formas emitidas pelos sons. Até o crepitar das chamas da fogueira se tornava mais audível, como mais um instrumento afinado da sinfonia da mata.

Ari mantinha-se distante, mas dentro do meu campo de visão. Passaram-se vários minutos, não sei medir a quantidade de tempo. Fechei os olhos. As imagens estavam menos vivas, começavam a esmaecer. Meu corpo e minha mente estavam completamente relaxados.

Ari se aproximou.

— Como é que você está, txai? Tá tudo bem?

— Tudo beleza, Ari. Tudo tranquilo.

— Ótimo. Vamos à segunda medicina.

Depois do costumeiro rezo antes de ministrar a medicina, ele pegou um vasilhame de plástico da mochila, despejou uns dois dedos do líquido num copo de madeira e pediu que eu a bebesse de uma só vez, como fiz com a ayahuasca. O gosto era ainda mais amargo, muitas vezes mais intragável. Isso deve ser o próprio gosto de veneno, pensei. Aquilo impregnou por toda a boca, gengiva, espaço entre os dentes e garganta.

— Agente firme e não vomite — aconselhou ele, antes de se afastar. — Segure o máximo que conseguir. E se entregue ao poder da medicina. Não lute contra o que ela vai querer te mostrar. Não precisa ter medo. Estarei por perto.

De tão envolvido que estava com as minhas reações, não lembro se ele tomou ou não da mesma bebida. Em poucos minutos minha vista foi ficando turva, sentia náuseas, dor de cabeça e um forte desconforto intestinal. Foi horrível. Fui perdendo a consciência.

A realidade ao meu redor estava distorcida a ponto de eu não saber mais separar o que eram visões do que era real. Tudo se fundiu num só ambiente dimensional. Não consegui permanecer sentado e caí de lado sobre a areia. Entrei em catarse. Meu corpo todo trepidava. Eu queria me levantar, mas não encontrava forças nos braços para me mover. Comecei a gritar, a gemer e a me debater no chão. Tive medo. Imagens desagradáveis de monstros e insetos peçonhentos invadiam a minha mente e o meu campo de visão. Já não importava que eu estivesse de olhos fechados.

Vomitei, o corpo já não obedecia aos meus comandos. Eu ouvia vozes, que não sabia de onde procediam. Era um vozerio de balbúrdia, como o de várias pessoas

conversando numa festa ao mesmo tempo. Eu não distinguia as palavras nem o idioma.

Apaguei.

Naquela experiência, eu me vi fugindo por túneis escuros e labirintos repletos de monstros, um deles de boca escancarada que ria de mim, feito hienas, e os numerosos dentes batiam freneticamente, uma arcada sobre a outra ameaçando me morder. Sua risada era aterrorizante. Também me vi caindo num poço sem fundo, em alta velocidade, sem ter onde me agarrar. Serpentes e animais peçonhentos giravam ao meu redor. Uma enorme serpente parou diante de mim, encarando-me. Apesar de sua imagem assustadora, ela parecia estar querendo falar comigo.

Eu me via fugindo de mim mesmo, das memórias, situações que me amedrontavam ou que eu não desejava lembrar e enfrentar. Ao mesmo tempo, eu me via correndo atrás de mim, em autoperseguição. Como aquilo era possível? Uma cena muito louca, surreal.

Naquele momento eu abri os olhos, recuperei as forças nos braços e consegui me erguer do chão, ainda em pânico. O chão e minha camisa estavam sujos de vômitos, e presumi que também havia defecado. As pernas ainda estavam trêmulas, de forma que eu não conseguia me manter de pé. Ari percebeu o meu esforço e veio em meu auxílio. Segurou por baixo de meus braços e me conduziu até a beira do riacho para me limpar e lavar a roupa, a qual pôs para secar sobre as rochas.

— Você quase conseguiu, txai.

— Consegui o quê? — Ainda zozzo, via tudo ao meu redor se retorcendo num redemoinho.

— Você quase se libertou de seus medos. Aliás, dos medos de Henrique. Ele fugia de você ao pressentir que você se aproximava para acessar suas memórias escondidas.

— Você viu o mesmo que eu vi?

— Não da mesma forma que você. Eu vi Alípio mergulhando no subconsciente de Henrique. Ele te despistava criando imagens aterrorizantes para te assustar.

— O quê? Você quer dizer que aqueles monstros que me perseguiram eram criações de Henrique? Não posso acreditar. Eu conheço Henrique por dentro. Ele não faria isso.

— Tem certeza? Você conhece a superfície de seu self. Não conhece o seu subconsciente. Na verdade, não era bem Henrique que criava os monstros, mas o ego dele que ainda vive enquanto o corpo físico não perecer. Só não está mais encarnado. Mas ronda por aí no plano astral junto à sua alma.

— Por acaso você também é psicólogo?

— Não, meu txai. Eu vejo diretamente.

— Eu não vi você tomar da medicina.

— Eu tomei outro tipo de medicina.

— Por quê?

— Para poder observar a sua reação e o seu comportamento. Esse é o meu trabalho.

— O que você me serviu?

— Não posso revelar, txai. Posso dizer apenas que é uma medicina conhecida dos índios que habitam o Deserto de Sonora, no México.

— Por acaso foi a datura? Trombeta-dos-anjos? Sei lá o nome correto.

— Vejo que você andou lendo Castañeda.

— Li alguns livros dele. Então foi a erva-do-diabo que você me serviu? Você é louco, Ari. Aquele negócio é muito perigoso, pode fazer uma viagem sem volta.

— Relaxa, meu txai. Foi outra medicina, mas tão poderosa quanto a datura. Eu te dei uma dose segura, tenho prática. Fique tranquilo quanto a isso. Não sou louco nem irresponsável. Se você não tiver confiança em mim, não poderemos continuar e deveremos interromper os trabalhos agora mesmo.

— Desculpa, não quis ofender. Vamos prosseguir.

— Ok. Porque seria lamentável desistir no meio do caminho. Você está quase chegando lá. Só precisa “chamar” o Henrique para participar. E isso só você poderá fazer. Convença-o de que será para a sua libertação. E a tua também. De vocês dois. — Com uma risada, completou: — Puxa, que coisa confusa!

— Você... você tem ideia de que horas são? — perguntei, olhando para o céu. Ainda estava zozinho e logo fechei os olhos.

— Talvez duas horas — devolveu, também olhando para além do topo das árvores. — Temos todo o resto da tarde para continuar.

— Vamos parar para comer alguma coisa?

Ele soltou uma gargalhada.

— Você me surpreende com certas perguntas, txai! — E riu ainda mais. — Olha só, eu te preparei um banquete. Pra você vomitar e cagar tudinho depois e eu limpar suas fraldas! — De tanto rir, colocou a mão na barriga e quase lhe faltava o ar. — Já te expliquei. Com estômago vazio é melhor. Você pode é beber água. Beba o quanto puder!

O sarcasmo me deixou incomodado, ele não precisava responder daquele jeito. Fiquei imaginando que se tivesse plateia, todos ririam da minha cara. Mas no íntimo eu reconheci que eu fizera uma pergunta tola e ingênua, e me calei. Eu nem estava com fome. Era mais uma questão de condicionamento dos horários das refeições.

Ele voltou do seu lugar trazendo um copo d’água com sementes que ele havia colocado de molho desde a noite anterior. Despejou o conteúdo sobre os dedos entreabertos para deixar escapar somente o líquido. Em seguida, esfregou as sementes para retirar uma pelugem marrom, que, segundo ele, era tóxica e causava muito distúrbios intestinais. Selecionou seis delas e as colocou na palma de minha mão.

— Mastigue bastante as sementes. Depois, deixe repousar a papa sob a língua por alguns instantes e então engula tudo de uma vez.

— O que são essas sementes?

— Argyreia nervosa.

Enfim, obedeci. Se elas tinham algum gosto característico, não consegui distinguir. O gosto amargo da medicina da manhã perdurava, com menor intensidade, era verdade.

Depois que eu havia mastigado e engolido a papa das sementes, ele se aproximou com um tipi diferente dos anteriores. Era longo e numa das pontas havia uma bifurcação em forma de Y, como um pequeno kuripe implantado.

— É hora do rapé, txai. Esse é bem especial, vai dar sustentação às medicinas que você tomou.

— Você pode falar qual o tipo de rapé?

— Posso. É yopo. Esse veio da Venezuela. É forte. É bom. Contém DMT.

— A mistura entre LSA e DMT não são recomendadas...

— Não tem problema nesse caso, porque o DMT do yopo, por não passar pelo estômago, como na ayahuasca, e por ser inalado diretamente pelas vias superiores, não causa problemas com o LSA ingerido da argyreia.

Os efeitos da medicina da manhã não haviam cessado por completo. Eu ainda me sentia sem sintonia com a realidade presente. De vez em quando eu captava flashes de luzes ao piscar os olhos, e minha audição estava bastante aguçada. Ari pediu para eu me sentar, com as recomendações de sempre. Primeiro soprou em mim. Diferente das vezes anteriores, ele deu um único sopro atingindo as duas narinas simultaneamente, devido ao formato em Y do tipi. Depois ele aplicou em si mesmo usando um kuripe de sopro duplo.

Até que resisti bem, mas por apenas uns dois minutos. Logo veio a pressão na parte de trás da cabeça, de onde partia um calor que descia para o corpo. A vista foi ficando turva, e começaram as ânsias de vômito. Não consegui segurar. O gosto amargo e o cheiro desagradável me davam ainda mais náuseas. A cabeça doía.

As visões retornaram. Os monstros em forma de bocas abertas vinham em enxames. Batiam os dentes e riam. Eu ainda estava consciente e conseguia me lembrar das recomendações de Ari para não ter medo e enfrentar, sem confrontos, e ignorar. Aos poucos fui perdendo a consciência e mergulhando a fundo no subconsciente de Henrique. Novas formas monstruosas se

apresentavam ainda mais horripilantes. Havia umas formas cheias de tentáculos, como um polvo, em cujas extremidades havia olhos, e de cada olho surgiam mais olhos, como num processo autorreplicante e fractal. A cabeça lembrava demônios medievais.

Desviei dos tentáculos e segui em frente por um túnel escuro que não possuía chão. À medida que eu ia perdendo o medo e flutuava pelo túnel, os monstros iam desaparecendo. Surgiam luzes coloridas em sentido contrário. Matizes de diversas tonalidades, como raios coloridos. Passavam em alta velocidade por mim. O túnel foi se tornando mais claro. Meu corpo foi aterrissando vagarosamente.

Fez-se silêncio! Havia um ambiente de paz.

A cada passo que eu dava os meus pés afundavam. Eu não podia ficar parado. Era uma situação incômoda e cansativa. Avistei um corredor menos iluminado, o piso parecia ser mais firme. Fui até lá e o alívio me consumiu. Estava certo.

Olhei para os dois lados do corredor. Tanto do lado esquerdo quanto do direito, havia muitas portas para pequenas salas ou compartimentos. De frente para onde eu estava havia acesso a outro corredor, com menos iluminação. Fiquei sem saber por onde começar. Eu só me lembrava de que devia ir até as memórias de Henrique. Meditei um pouco e decidi começar pelo lado esquerdo, por intuição.

Parei de frente à primeira porta. Hesitei, não sabia se devia bater ou abrir de uma vez. Levei em consideração os bons modos de uma pessoa civilizada e fechei meu punho para dar três toques na porta. Uma voz atrás de mim me surpreendeu.

Era Henrique.

Ele estava diferente. Um homem elegante e opulento, muito diferente do perfil dele. Trajava terno de linho acetinado branco, usava chapéu panamá, suspensório, calçava sapatos lustrosos de couro envernizado e do bolso de algibeira da calça pendia uma grossa corrente de prata, provavelmente de um relógio de bolso. Estava sofisticado, sem dúvida, mas visivelmente fora de época. Notei que usava anel e corrente de ouro. Sorridente e com gestos requintados, ele me convidou para entrar na sala.

Antes que eu desse o primeiro passo para passar pela porta entreaberta, ouvi outra voz chamando pelo meu nome, vinda da direção contrária. Olhei para o

outro lado do corredor. Era Henrique. Fiquei confuso, havia dois deles. O segundo trajava terno azul-marinho, camisa branca e gravata de cor bordô, com estampa minimalista. Tinha mais a ver com o Henrique que eu conhecia. Já ia me dirigindo para a sua direção quando senti um puxão no braço.

— Não vá! É um impostor!

Virei para encarar os seus olhos. Nossa! Não havia diferença alguma. Era como se eu estivesse me olhando no espelho. A diferença era que ele usava costeletas tipo “suíças”, um visual fora de moda, e eu, barbas. Olhei para o segundo Henrique. A mesma fisionomia, exceto que ele não usava barba ou bigodes. Era um típico executivo moderno.

Eu me soltei das mãos do primeiro e me dirigi com passos apressados ao segundo, do outro lado do corredor. Eu o encarei. Era cópia idêntica de mim e do outro que se postava logo atrás. Ficamos os três nos encarando simultaneamente. Eu perguntei aos dois ao mesmo tempo para que dissessem os seus nomes.

— Henrique — declararam em uníssono.

Mas o primeiro o disse alguns milésimos de segundos atrasado, como um delay de transmissão eletrônica de voz.

Voltei-me para ele e repeti em tom firme, como a uma intimação:

— Qual. É. O. Seu. Nome?

E ele, rindo de forma debochada, respondeu:

— O que isso importa agora? Somos a mesma pessoa, ora. Somos todos Henriques. Aliás, só vejo aqui um intruso. Não é mesmo, Alípio?

Aquilo não estava nos planos e eu não sabia como resolver. Se encontrar as memórias de Henrique já era uma missão difícil, a atual situação deixava quase impossível. Quem era aquele sujeito? De onde ele surgiu?

Eu já nem me lembrava de que estava sob o efeito de substâncias psicodélicas. Para mim tudo parecia real, normal.

— Esse aí é uma de nossas vidas passadas — explicou o segundo Henrique, aos

sussurros. — Ele nasceu no final do século XVIII e viveu até meados do século XIX, como Fernando, e morreu com um tiro pelas costas ao sair de um cabaré na cidade do Rio de Janeiro. Ele era um bon vivant, vivia entre Porto, Lisboa, Salvador e Rio de Janeiro. Era mulherengo e jogador. Oficialmente era mascate. Mas ganhava dinheiro com o contrabando de ouro e pedras preciosas, entre outras práticas de contravenção. Além disso, também era agiota. — E, chegando mais próximo, completou: — Ele não sabe, mas quem atirou nele pelas costas foi um capanga de um fazendeiro de café que não tinha como lhe pagar um empréstimo e que não gostou de ser cobrado em público, sentindo-se desmoralizado entre seus pares.

Ouvimos uma risada atrás de nós. Fernando colocou sua mão num dos bolsos internos do paletó, de onde sacou pedras de diamantes. Em seguida retirou o anel e a corrente de ouro, juntou todas as peças e as colocou em minhas mãos.

— Permita-me, ó pá, que eu assuma o corpo de Henrique por uns poucos dias, enquanto tu fazes companhia para esse Henrique até o meu retorno. Só desejo ver o mundo no futuro e me divertir um pouco com umas belas raparigas. Oh! Como sinto muitíssima falta do contato feminino! E, se possível, cobrar os meus devedores, pois não?

Olhei firme para ele, ainda que surpreso.

Ele estendeu a palma da mão à minha frente, dobrada e com os dedos abertos para cima, como que pedindo “espere um momento”. Depois, recolhendo o braço, fechou o punho e estendeu o dedo indicador para cima junto à sua têmpora como demonstrando ter tido uma ideia e nos convidou para irmos até a sua sala. Eu e Henrique o acompanhamos.

A sala estava repleta de tesouros como nos contos de fadas. Havia muitas joias, diamantes, pedras preciosas e outros tipos de objetos valiosos. Ele abriu os braços em nossa direção e bradou, satisfeito consigo mesmo:

— Repartam entre si! Eu tenho mais comigo. Sou um homem rico. O que me dizem, ó gajos?

Eu e Henrique nos entreolhamos, sem nada dizer. Fernando, esboçando um sorriso, crente de que nos convencia, mantinha seu semblante risonho e confiante, à espera de nossas respostas.

— Fernando, olhe ao seu redor. Onde pensa que está? Você já se deu conta de que todo esse tesouro não tem valor algum do outro lado? Que tudo isso é ilusão, uma miragem criada pela sua mente? — eu disse a ele.

— Mas os senhores estão vendo o mesmo que eu. Logo, não é ilusão — respondeu, triunfante.

— Nós compartilhamos o mesmo cenário ilusório. Nada disso é real... Material. Você precisa se desapegar disso, Fernando, para você se libertar e libertar a todos nós. Somos uma só entidade espiritual. Estamos aqui para te ajudar — repliquei.

— Ora, deixa de tolices. Os senhores mesmos podem conferir. Peguem qualquer joia destas e vejam se não são reais. Sintam o peso e a textura, apreciem a sua beleza. — Ele agachou e pegou um colar de ouro com um pingente de diamante e entregou em minhas mãos. — Veja isto! Morda o ouro para verificar a sua solidez.

— Sim, eu posso sentir o seu peso, sua textura e admirar a sua beleza, mas não é real.

Ele explodiu em uma gargalhada estrondosa.

— Tolo! Não sabes diferenciar as situações? Se consegues pegar e sentir esse objeto, como dizes que não é real?

Henrique tomou o colar de minha mão, esticou o seu braço em direção a Fernando e assoprou sobre o objeto. Desapareceu! Deu mais uns passos em direção ao baú e pronunciou umas palavras em latim:

— Hocus pocus, tontus talontus, vade celerita jubes.

E todo o baú desapareceu junto com as joias.

Eu e Fernando olhávamos, estupefatos. De onde viria aquele conhecimento de truque medieval?

Fernando se desesperou e começou a chorar. Parecia uma criança mimada reclamando dos brinquedos recolhidos para fazer o dever escolar. Eu me aproximei dele.

— Fernando, nada disso é real. Estamos em uma dimensão diferente da dos encarnados. Tudo o que você diz possuir é produto de sua imaginação, do seu apego aos bens materiais, inclusive a tua indumentária. Você deve se convencer para poder se libertar de suas dores e paixões, pois só assim ganhará a eternidade.

Aos poucos, suas roupas foram desaparecendo e o seu corpo se transformando em uma fumaça luminosa com fios e raios que se estendiam desde o seu chakra cardíaco, até se tornar um novelo de luz branca. Ouvimos sua voz em sinal de gratidão e a bola de luz desapareceu em alta velocidade.

— Henrique, aquela não era propriamente uma alma. Eram miasmas dos apegos de nossas almas. Elas resistem enquanto não nos curarmos das lembranças que nos aprisionam à fisicalidade da terceira dimensão. As memórias de Fernando eram também suas, que se mantiveram preservadas na sua reencarnação. Agora me acompanhe até o próximo corredor. Temos muita cura pra realizar.

Henrique ainda se sentia dominado pelo medo de enfrentar suas sombras. Entre vacilante e determinado, seguiu os meus passos. Eu pedi a ele para nos apressarmos porque o portal poderia se fechar a qualquer momento. Tínhamos que acessar as memórias mais profundas que nos aprisionavam aos contratos assinados com os Arcontes, os Senhores do Karma.

Chegamos ao corredor seguinte. O ambiente era mal iluminado, havia poças d'água e muito sinal de umidade. Um cheiro de mofo invadiu nossas narinas. Fazia frio. As primeiras portas estavam abertas, revelando seu interior, apesar da pouca iluminação. Não tínhamos lanternas para fazer um melhor exame, mas pareciam salas vazias. Seguimos até o final, onde havia uma porta trancada com corrente e cadeado. Não havia ferramentas por perto. Como poderíamos abrir?

Henrique mais uma vez intercedeu com seus truques mágicos:

— Abra-te, Sésamo!

O cadeado se abriu e a corrente caiu no chão. Empurramos a porta. Era pesada, de madeira maciça, úmida e envelhecida pelo tempo. Fez-se um rangido nas velhas dobradiças. De dentro daquele ambiente úmido e mal iluminado vinha um cheiro acre misturado com mofo, sinal de abandono. No entanto, escutamos passos vagarosos, seguido de uma tosse.

— Quem está aí? O que vocês fazem aqui? O que querem? Me deixem em paz!

— ralhou uma voz seca.

— Com quem estamos falando?

— Ora pois, com quem mais? Bento Teixeira!

— Olá, Bento. Viemos em paz. Queremos falar com você. Onde ligamos a luz?

Ele nos encarou, confuso, por alguns instantes. Alguns minutos depois ele surgiu por trás de uma tocha acesa, que a colocou num suporte de parede.

Nós nos assustamos com o que vimos. Quando a chama refletiu em seu rosto, vimos a aparência de completo abandono. Usava longas barbas e longos cabelos grisalhos desgrehados. Trajava uma túnica marrom, pintadas com umas insígnias de cruzes e fogo. Ao se aproximar, sentimos um forte mau cheiro que exalava de seu corpo. Seu hálito era nauseante.

Tinha os mesmos traços de nossas faces. Eu me condoí pelo seu aspecto e tive vontade de chorar. Henrique parecia estático e estava boquiaberto.

Bento era mais uma de nossas vidas passadas.

— Bento, sabe quem somos?

— Não posso crer! — disse, focando em nossas fisionomias. A boca entreaberta, com ar de surpresa. — Oh raios! Sou mui parecido convosco. De onde vindes vós? Quem sois?

— Na verdade — interrompi —, precisamos saber de onde você vem. Conte-nos sua história, do seu tempo.

Ele suspirou e seu olhar encarava, fixo, o piso.

— Eu nasci em Porto, Portugal, no ano de 1561, numa família de Cripto-Judeus, ou Cristãos-Novos, como preferis falar. Desde a passagem do final do século XV, que se deu em 1492 na Espanha, para o início do século XVI, 1506 em Portugal, quando houve uma revolta popular contra os judeus, com milhares de mortos em fogueiras ateadas por vários cantos de Lisboa, os reinos católicos da Península Ibérica obrigaram os judeus a se converterem ao cristianismo católico romano, sob pena de serem expulsos ou levados a tribunais da Inquisição Católica, cujas sentenças variavam de prisões temporárias a condenação de queimar na fogueira, vivos.

“Meus pais não viam mais condições de vivermos em Portugal pelas

perseguições inquisitoriais que chegavam aos nossos calcanhares. Eles temiam que mais cedo ou mais tarde algum dos nossos acabasse por nos delatar sob torturas desumanas nos arcabouços das prisões católicas. Eles resolveram se mudar para o Brasil-Colônia, que se tornava uma espécie de refúgio e porto seguro para os cristãos-novos, que eu prefiro chamar de cripto-judeus (católicos por fora, judeus por dentro). Eu estava com sete anos de idade.

“Primeiro chegamos à região hoje conhecida como Espírito Santo. Após a morte de meus pais, fui morar com meus tutores, padres católicos, em Ilhéus, na Bahia, cidade moderna e desenvolvida na época. Estudei com padres e me tornei professor nas escolas que funcionavam dentro das igrejas. Eu cheguei a pensar em seguir a carreira eclesiástica, mas no fundo de minha alma não me sentia bem com aquela ideia. Eu aprendi tradições judaicas em casa com a minha mãe e com alguns parentes que por lá apareciam para nos visitar. Não preciso dizer que era tudo às escondidas. Mesmo morando distante de Portugal, nós nunca nos sentíamos seguros para praticar a nossa fé, nem mesmo em nossas casas. Vizinhos denunciavam. Tudo tinha de ser feito muito secretamente.

“Em Ilhéus, conheci Filipa Raposo, com quem me casei. Ela era de família tradicional cristã, ou cristã-velha, para diferenciar nossas origens. Filipa era uma bela moça, eu era apaixonado por ela. Bem, passei também uns tempos em Salvador, mas me mudei com Filipa definitivamente para Pernambuco, vivendo entre Olinda e Igarassu.

“A inquisição recrudescceu e resolveu instalar uma espécie de sucursal na colônia, nos finais do século XVI, para receber denúncias de práticas judaizantes em terras brasileiras. Eram conhecidas por “Visitações”. Muita gente se alvorouçou com a oportunidade de bajular os poderosos em troca de favores reais concedidos pelo reino de Portugal. Por isso, os munícipes se apressavam em fazer as denúncias, muitas vezes infundadas. Outros aproveitavam a ocasião para se vingarem de seus desafetos, inclusive motivados por questões pessoais, nada a ver com religião e fé.

“Filipa tampouco aprovava minhas práticas religiosas dentro de casa. Ora pois, eu sabia que ela era cristã, mas eu confiava que, sendo minha esposa, ela pudesse aceitar que eu seguisse a minha fé em segredo no lar, assim como eu aceitava suas preces, seus rosários e seu altar doméstico. Mas ela me traiu duplamente! Filipa acabou por me denunciar ao padre com quem se envolveu em um caso de adultério.

“Ao descobrir, tive um acesso incontrolável de raiva. Minha ira desejava a sua morte, e foi o que eu fiz. Eu a esfaqueei, possesso de fúria e decepção. Desferi muitas facadas. Depois me debrucei sobre o seu cadáver, ainda quente e ensanguentado, e pedi perdão. Me arrependi e, transtornado, desejava me matar.

“Outras pessoas me denunciaram, além de Filipa. Minha situação ficou complicada, eu não tinha para onde fugir. Fui preso e levado a Portugal. Fui acusado por práticas judaizantes. Eu aceitaria qualquer tipo de julgamento ou sentença pelo assassinato de minha esposa. Jamais pela prática da minha fé.

“Foram tempos difíceis. Todos desconfiavam de todos. Nos interrogatórios, sob torturas insuportáveis que nos levavam a perder a consciência e que eram reiniciadas após reanimados, éramos obrigados, ou coagidos, aqui cabem ambas as interpretações, a denunciar parentes e familiares. Só desta maneira eles suavizavam as torturas para quem colaborasse. Eu me utilizei de uma tática que os enganava, no intuito de ganhar tempo e de proteger os entes mais queridos.

“Na prisão, por meio de um processo de comunicação mui rudimentar, lenta e extenuante, que consistia em batidas no chão e nas paredes, eu ficava sabendo quem de meus parentes e contatos haviam sido denunciados, e eram eles que eu delatava. Os inquisidores levaram tempo, mas descobriram os meus truques. Submetido a novas torturas, acabei revelando nomes de pessoas queridas que foram presas, torturadas, julgadas e condenadas. Algumas à fogueira.

“Nunca consegui me perdoar por aquilo. Escapei da fogueira, mas preferia ter sido queimado vivo depois que fui solto, pois na minha sentença, apesar de estar livre da prisão, eu me tornei um pária. Vivia nas ruas e era obrigado a trajar esta túnica, para ser identificado e humilhado pelo populacho, pelas ruas de Lisboa. Crianças me atiravam pedras, fezes e urinas. Adultos fugiam de mim como se eu fosse um portador de uma doença mortal e contagiosa.

“Já doente e desanimado com a vida, resolvi voltar para a prisão por livre vontade. Lá, pelo menos, eu não era açoitado e recebia uma alimentação regular. Foi onde morri, por volta dos quarenta anos de idade.”

— Nossa! Que revoltante! — disse Henrique, batendo o punho na própria perna.

— Que história triste, Bento. Sinto muito — lamentei, com sinceridade. Reparei que seus olhos estavam marejados pela lembrança. — Mas saiba que estamos aqui para libertá-lo dessa dor. Você não precisa mais se prender. Isso tudo acabou

há mais de quatrocentos anos. Olhe para nós. Somos sua reencarnação no futuro. Viemos até aqui para isso, para te libertar de seus medos, de seus remorsos e de sua dor. Desapegue-se dessas lembranças que te atormentam.

— Como assim? Se vós sois a minha própria alma, como posso eu estar aqui em carne e osso? Estão a enganar-me.

— Na verdade, você é apenas uma forma-pensamento aprisionada que continuou a existir desde aquele tempo. Mas a tua alma, que é a mesma nossa, voltou a encarnar depois de sua existência. Olhe para nós. Mas para sermos completamente livres, precisamos apagar as formas-pensamento materializadas em memórias residuais no subconsciente da alma.

Enquanto eu falava, Henrique se preparava para realizar mais uma de suas mágicas. Ele se aproximou de Bento, olhando diretamente nos seus olhos para prender a sua atenção, e pronunciou:

— Abracadabra!

Só então me dei conta de que ele proclamava palavras conhecidas dos almanaques desde tempos mais remotos apenas para criar um efeito mental, que na verdade funcionava como um placebo.

Ele tocou na túnica de Bento, afastou alguns centímetros à vista de seus olhos e a túnica desapareceu.

Bento, assustado, ficou envergonhado por estar nu e tentava inutilmente cobrir-se com as mãos.

— Facit vestibus! — E, na mesma hora, uma roupa do tempo em que Bento viveu surgiu para vestir-lhe o corpo.

Bento deu uma boa gargalhada.

— Eu treinava palavras mágicas, quando fui introduzido ao estudo da Cabala por um tio que morava em Amsterdã e que visitou o Brasil em duas ocasiões, na juventude. Mas confesso que nunca obtive êxito. — Aproximou-se de Henrique e o abraçou, dando fortes tapas em suas costas. — Estou verdadeiramente feliz que foste capaz de aprender a fazer mágicas, ó pá! Isso significa que também consigo, já que és minha reencarnação futura?

Henrique acenou com a cabeça.

Então, pegando em sua barba, Bento pronunciou umas palavras em hebraico que aprendera nos estudos da Cabala com o tio e sua barba diminuiu de tamanho. Fez o mesmo com os cabelos. Ele adquiriu uma aparência jovial. Ele sorria de verdade pela primeira vez em mais de quatrocentos anos.

— Bento, você está pronto. Desfaça-se das lembranças, das dores e dos remorsos, porque agora, finalmente, você está livre.

Fez-se uma luz no lugar onde ele estava e a sala toda se iluminou. As formas-pensamento de Bento desapareceram.

Eu e Henrique continuamos a visitar outras salas. Estavam vazias. O hall central que ligava os demais corredores laterais seguia mais adiante de volta no tempo, mas depois de visitarmos alguns, concluímos que não deveria existir mais formas-pensamentos aprisionadas de vidas passadas ainda mais antigas. Decidimos retornar ao início, pois o meu tempo poderia estar acabando e o portal poderia se fechar a qualquer momento.

Era a vez de visitar as salas de Henrique. Havia algumas com as portas fechadas, e logo concluí que era porque a existência como Henrique era bem recente, e ele ainda não havia desencarnado de fato.

Henrique não estava à vontade em abri-las, transparecia tenso e com medo, embora já estivesse consciente de que deveria fazê-lo para o seu próprio bem e libertação de suas amarras no plano mental. Apesar de eu ter acesso às suas memórias, algumas estavam armazenadas por senhas que somente ele poderia acessar.

— Qual sala gostaria de abrir primeiro: as da frente ou as do final do corredor?

— Ele titubeou. — Henrique, seja honesto. Quais seus receios? Por que tanto medo?

Ele olhou bem nos meus olhos.

— São lembranças dolorosas.

— Que diferença faz agora? Sou eu que vou ter que lidar com elas, não se esqueça.

— Talvez você não vá gostar de saber. Talvez você sinta vergonha de si mesmo.

— Vamos lá, Henrique. O tempo está acabando, temos que nos apressar. Poderemos não ter outra oportunidade e não podemos desperdiçar essa. O meu interesse também é o seu interesse. Não temos escolha. Precisamos fazer isso agora. Se você ainda não escolheu por onde começar, deixe que eu escolha.

— Não precisa. Começemos por esta aqui. — E se dirigiu à primeira sala à esquerda.

Eu o acompanhei.

A sala parecia um escritório. Estava toda bagunçada, com muitos papéis empilhados sobre a mesa. A maioria de pagamentos e recebíveis.

Ele começou mostrando uma planilha de crédito que ele tinha de seus devedores. A lista era por ordem de valores, do mais alto para o mais baixo. Havia somas importantes, assim como outras de quantias irrisórias, que, aliás, estavam riscados, como se ele já tivesse desistido da cobrança. Havia valor em moeda americana, referente a um empréstimo que ele fizera a um parente que nunca lhe devolvera.

— E as dívidas com terceiros?

Ele pegou outra pasta com diversas planilhas. A lista era grande. Incluía alguns fornecedores, impostos não recolhidos, aluguéis atrasados, operações de empréstimo bancário e um saldo de um empréstimo feito com um agiota.

— Mas, veja! Sem dívidas trabalhistas! — ressaltou como se aquilo fosse um trunfo e se considerasse um bom patrão.

Do saldo da diferença entre os recebíveis e as dívidas, a balança pendia para seus deveres e obrigações. Não havia como solucionar. Era um caso de insolvência financeira. Juntando todos os créditos recebíveis e os bens patrimoniais, o resultado seria negativo.

Eu já sabia daquilo tudo. Afinal, eu, tendo também assumido a identidade civil de Henrique, era visitado com frequência por cobradores e oficiais de justiça. A situação era torturante, tirava o meu sono e minha tranquilidade. Mas as lembranças tinham que ser eliminadas, não tinham mais finalidade prática. Eram

insolúveis.

— Henrique, você tem que fazer sua mágica para elas desaparecerem.

Ele olhou para mim, frustrado.

— Você pensa que eu já não tentei? Não funciona comigo, tem que ser uma pessoa diferente.

— Então me diga as palavras que eu as repito.

— Não vai adiantar, você é parte diretamente interessada.

Teimoso, tentei e falhei.

Henrique tinha razão.

— Os truques só funcionam para quem está predisposto a acreditar em autossugestões. São truques placebos.

— Deve haver outro jeito, não posso perder essa viagem!

Bateu, finalmente, o desespero. Sentei no chão e comecei a meditar. Fechei os olhos e pedi para que uma solução surgisse.

— Alípio... Tem mais alguém aqui!

Era Ari. Ele acompanhava de fora tudo que acontecia entre nós.

— Acredito que posso te ajudar, txai. O resto fica por sua conta.

Henrique ia começar a ditar as palavras mágicas, mas Ari dispensou. Ele tinha seu próprio método. Fez uma dança com o maracá e entoou cantos de magia. A papelada junto com a mesa, arquivos e outros objetos da sala se desfizeram como fumaça. A sala ficou vazia.

Sorri para ele, agradecido.

— Ainda restam duas salas para esvaziar, Ari. Você nos acompanha?

— Não posso, meu txai. Mas vocês vão encontrar outra solução. Vocês já a

possuem, basta apenas lembrar e usar — disse, antes de desaparecer.

— E se nós não lembrarmos? Por que o índio não ficou pra nos ajudar? Puta merda! Não vamos conseguir! Chama ele de volta! — resmungava Henrique, cheio de negatividade e com a voz trêmula de nervosismo.

— Deixe de pensar negativo, cacete! Seja mais confiante no nosso poder!

Foi a primeira vez que eu ralhei com Henrique. Ainda furioso, eu o peguei pelo braço e paramos diante da segunda sala.

Ao abri-la, lá estavam parentes e familiares. Ele separou suas memórias em três grupos. O primeiro eram o dos desafetos. O segundo era formado por aqueles a quem ele sentia dever de gratidão. E o terceiro continha pessoas com quem ele tinha pouca afetividade, eram neutros.

Os dois últimos grupos foram fáceis de resolver.

— Nada pode ficar arquivado. — Lembrei-o.

— Nem mesmo o Grupo da Gratidão?

— Nem mesmo esse grupo, todas as salas de memórias devem ser esvaziadas, porque elas representam apegos do Ego. E nenhuma forma de apego deve ser preservada, porque eles geram dependência e posse.

Ele concordou de bom grado.

Restava por fim o Grupo dos Desafetos.

Havia motivos de todo tipo. Desde picuinhas pessoais a sentimentos de traição, de ingratidão, inclusive de ter havido complô e trapaças. Com dois irmãos específicos, ele tinha mágoas de não desejar mais vê-los durante sua existência. Aquele sentimento era recíproco. O clima se tornara pesado.

— Você precisa pedir perdão a todos, e o mais importante, perdoá-los incondicionalmente.

— E se algum deles não me perdoar?

— Faça a sua parte, perdoados. Isso basta para a Mônada. Mas não se esqueça de perdoar a si mesmo. Saber perdoar-se é um dos atos mais libertadores da alma. O outro é o arrependimento sincero. — E então eu me virei para ele, minhas sobrancelhas se unindo no meio da testa: — Você os perdoa de verdade, Henrique?

— Sim! Claro que sim. Eu já os havia perdoado.

— Mas você já se perdoou?

— Eu não me sinto merecedor.

Então eu entendi.

— Você se sente um deles. O seu remorso faz você se sentir desafeto de si mesmo, porque tua consciência te acusa. No íntimo você sabe que também revidou em igual ou maior intensidade, e por isso não consegue se perdoar. Faça o seguinte: coloque-se também entre eles, imagine-se ali no meio. E volte a dar o seu perdão coletivamente.

E com o perdão sincero, a sala esvaziou-se e tornou-se mais iluminada.

O ambiente ao meu redor estava menos opaco, deixando transparecer levemente a floresta. Eram os efeitos psicoativos das medicinas começando a perder força. Teríamos que correr.

Puxei Henrique pelo braço novamente e quase o arrastei pelo corredor. Faltava a última sala.

Henrique se emocionou ao parar em frente à porta. Estava trancada com chave. Ele pegou a chave no bolso com a mão trêmula e teve dificuldade de encaixá-la na fechadura. Por fim, conseguiu abrir e a empurrou vagarosamente. Seus filhos e Rita estavam de um lado. De outro se postava Renata. E havia um terceiro grupo só de mulheres, belas e jovens, que eu não conhecia. Logo me lembrei de Fernando, saudoso do convívio feminino e da luxúria. Seu caráter deve ter se mantido ao longo das reencarnações.

Henrique estava parado diante das imagens holográficas de seus filhos. Ele sentia muitas saudades. Ficou emocionado. Ajoelhou-se aos pés da imagem de Rita e chorou, pedindo perdão. Ele era consumido pelo remorso e se sentia o

único responsável por tudo de ruim que acontecera, principalmente pelas dívidas deixadas em nome de Rita e de seus filhos. Era o mesmo tipo de dor que Bento sentiu ao ter delatado seus familiares às masmorras da Inquisição.

Fui até ele, colocando a mão sobre o seu ombro direito e lhe oferecendo conforto.

Eu me preocupava com o tempo. Se eu deixasse, Henrique ficaria ali lamentando seu infortúnio. Troquei a mão de ombro e, sem dizer palavra, eu o induzi a caminhar para o grupo seguinte. Com a cabeça voltada para trás, ele continuou a olhar ternamente para os filhos, enquanto eu o conduzia pelos braços.

Diante do grupo de mulheres, ele não se demorou. Mas sorriu maliciosamente para algumas, recordando as aventuras sexuais. Elas retribuía com olhares lascivos. Eu fiquei abismado com a quantidade de casos fora do casamento. Como ele conseguiu esconder de mim todas aquelas memórias? Como pude ser enganado?

— Henrique, vamos nos apressar. O tempo está para acabar. Renata está à nossa espera.

— Tá certo. Mas me deixe ficar um pouco a sós com ela. Prometo ser rápido.

— Ok. Mas se ligue no tempo.

Ele estacou diante da holografia de Renata.

Ela era realmente bela, elegante. Tinha um ar de pessoa satisfeita e realizada profissionalmente. Tinha estilo e classe.

Henrique ajoelhou-se e pediu perdão, em prantos.

— Eu não sei como pude fazer o que fiz com você, Renata. Me perdoa. Eu te amo como nunca ameí ninguém nessa vida. Quando tive a chance, desperdicei e cometi erros que vão te marcar para sempre. Eu não queria ter feito o que eu fiz com aquelas mulheres, o que fiz com Rita, o que te fiz passar... Mas te conhecer, ter tido você em meus braços... — Ele respirou fundo antes de continuar, tentando controlar os soluços. — Só te peço que você me dê esta chance, esta última chance de receber o seu perdão.

Eu sentia cada vez menos os efeitos psicoativos das medicações. Eu já avistava o céu, as folhagens, os troncos. A qualquer momento eu poderia me despertar da imersão ao subconsciente e perder a “viagem”. Tive que interceder.

— Henrique, pelo amor de Deus, conclua sua despedida. O tempo vai acabar a qualquer instante. Vamos lá, Henrique.

Ele olhava Renata com devoção.

— Meu Deus! Como te amei. Eu te amo! Mas não posso mais viver achando que o que fiz foi certo. Me perdoe, por favor. — E, virando-se para os três grupos presentes na sala, disse em voz embargada, mas alta: — Atenção! Todos vocês. Me perdoem! Vocês não sabem o quão arrependido estou de todo o mal que causei.

Ao pronunciar a palavra “arrependido”, todas as imagens holográficas desapareceram.

Henrique se aproximou de mim e falou em voz baixa, quase inaudível, de tão emocionado.

— Alípio, acabo de receber uma revelação de quem Renata foi em vidas passadas. Ela viveu como Filipa. Era a esposa de...

Despertei ainda zozado, com o nome de Bento ecoando na mente.

Ari estava diante de mim, pronto para me levantar e me conduzir até a beira do riacho para me limpar dos vômitos e urina. Mas, mesmo naquela situação constrangedora, a revelação me consumia.

— Nos conhecemos em vidas passadas mesmo, Ari. Acredita nisso? Renata foi Filipa.

— É, meu txai, a literatura espírita é repleta de casos de reencontros de almas, nem sempre com final feliz. São repetições cármicas, como um looping sem fim. Nem sempre tem solução conciliatória. Muitas almas revivem seus romances como na letra daquela música que diz “entre tapas e beijos”... — Ari deu uma sonora e longa risada. — Acho que é o seu caso, mano velho. — E deu outra gargalhada debochada.

Eu sentia meu coração bater forte. Sempre acreditei que Renata e eu tínhamos um propósito maior e, no fundo, até mesmo me agarrara à possibilidade de que nossa missão fosse termos um filho, mesmo que a informação tivesse vindo de uma vidente charlatã.

Mas nada daquilo se provara verdade. Não parecia haver propósito, só uma memória cármica dolorosa.

E o fim da minha história com Renata nunca pareceu tão real quanto naquele momento.

Refeito da limpeza, eu e Ari sentamos diante da fogueira para nos aquecer do frio provocado pelo banho. O pôr do sol nos brindava com um bucólico crepúsculo, pincelando no céu cores alaranjadas sobre as nuvens naquela boca da noite de uma extensa quinta-feira.

Ari havia preparado um caldo de legumes acompanhado de pães.

— Se alimente bem. Vamos estender a vivência durante a noite, que é quando a próxima medicina funciona melhor.

— Ah, não, por favor! Não aguento mais vomitar! Meu estômago precisa de um descanso.

— Não vai mais ter incômodos gastrointestinais — garantiu ele. — Agora é a “hora do recreio”. — Ele fez as aspas com os dedos, com um sorriso discreto. — Será uma noite suave, mas nem por isso menos introspectiva.

Para Ari, Henrique não havia destrancado todas as portas. Faltava uma, e, segundo ele, eu tinha condições de resolver sozinho. Eu olhava para ele, curioso, e ele percebeu, sem que eu precisasse perguntar o porquê.

— Há uma sala no subsolo do corredor que, provavelmente, Henrique não se lembra, ou talvez tenha receio de abrir por desconhecer o que há lá dentro. Ela é a chave final para resolver as pendências cármicas constantes no Contrato firmado com os Arcontes. — E, olhando firme em meus olhos, perguntou: — Você ainda não conseguiu se lembrar de mim?

— Do que você está falando, Ari? Pelo que eu sei, você fez contato com Henrique cerca de dois anos atrás, numa rua do Centro de Recife. Tem algo mais que eu não saiba?

— É..., essa pergunta eu deveria ter feito a Henrique. Ele provavelmente descobriria sob o efeito das medicinas. Mas com a medicina que vamos tomar agora, você vai poder descobrir. Eu irei junto com você nessa viagem.

— Uau! Devo ficar empolgado?

— Vamos deixar que você mesmo descubra.

— Falando assim, na verdade fiquei preocupado.

Ele soltou mais uma de suas boas gargalhadas.

— Lá vem você com suas preocupações tolas! Relax, babe, take it easy!

Pegou um frasco na bolsa de pano cuja tampa conectava com um conta-gotas. Pressionou a bombinha da tampa e puxou pela haste oca de vidro uma boa quantidade de um líquido oleoso transparente cor de âmbar. Pediu que eu esticasse a língua para fora e despejou três gotas. Fez o mesmo na sua língua.

Meu paladar estava tão afetado pelas medicinas tomadas durante o dia que não consegui identificar o sabor, mas não era desagradável.

— Esse dá para tomar sem fazer careta! — brinquei. — De que planta é feito? Qual o princípio ativo?

— É um experimento novo criado por mim. Ainda não dei nome, mas, por razões de segurança, não posso revelar. Mas eu experimentei e o negócio é o bicho! Você vai gostar e aprovar.

Em seguida ele acendeu um baseado, deu umas tragadas e passou para mim.

— As duas combinam muito bem. Uma potencializa os efeitos da outra, numa perfeita simbiose psicodélica. Esse malandrinho aqui — disse, balançando o baseado — também é resultado de uma mistura especial.

Eu esperava algo parecido com uma experiência canábica, embora soubesse de antemão que seria mais potente, mas não imaginava que eu perderia a noção de “estar presente”, e consciente do ambiente ao redor. Em poucos minutos eu estava noutra dimensão, mas com uma vivência lúcida, como em sonhos que parecem reais. Eu estava fora do corpo, pois eu não tinha mais percepção do ambiente da mata.

Aos poucos fui reconhecendo o lugar. Era o tranquilo palácio onde eu havia estado dentro de um dos cristais da vivência do dia anterior.

Escutei passos vindos de um longo corredor colorido com paredes de mandalas de luzes estroboscópicas. Era Ari. Ele vestia roupas coloridas, calça de estilo saruel, estampada, bata indiana de voil de algodão, bordada, em tons verde-claros, sapatilhas de veludo verde-musgo e usava um turbante branco sobre a cabeça.

Nunca o tinha visto assim, com indumentária tão diferente da habitual. Antes de se aproximar, ele deu um largo sorriso.

— Salve, salve, meu amigo. Vejo que ficou surpreso pela minha presença.

— Você parece um gênio dos contos de fadas!

Ele sorriu, divertido. Mas logo ficou sério.

— Focalize na energia de Henrique e busque em suas memórias mais profundas alguma imagem que se pareça comigo. Não tenha pressa. Temos tempo.

Fechei os olhos e busquei fixar a imagem de Henrique vestido com o terno azul-marinho que ele trajava na jornada da tarde. Sua imagem era tão nítida como se eu estivesse diante dele em pessoa.

Dei um salto mental e mergulhei em sua testa, penetrando em sua mente. Percorri vários arquivos, de corredor em corredor, até avistar um baú de madeira escura, envelhecido pelo tempo e adornado com incrustações de ouro. Havia uma fechadura, mas o tampo não estava trancado. Aproximei e o abri com todo o cuidado, pois eu não sabia o que poderia conter.

De dentro saíam fotografias holográficas que se projetavam no ar, e eu podia, com o toque do dedo indicador, movê-las para cima, para baixo ou para os lados, como touch screen, formando pilhas de imagens sobrepostas como cartas de baralho.

Fiquei admirado. Eram memórias de tempos passados.

Fui passando o dedo mais depressa quando me deparei com uma fotografia de uma moça de feições indianas, muito bonita, que trajava vestidos coloridos de musselines de seda, cobertas de joias sobre o colo, dedos, orelhas e piercings no nariz. Usava ainda um véu transparente que lhe cobria os olhos, dando-lhe mais sensualidade e ar de mistério. A imagem ganhou movimento. Ela dançava

movimentando os quadris, com o ventre descoberto, gesticulando braços e dedos das mãos, enquanto fazia um jogo com a cabeça de um lado para o outro. Uma dança hipnótica. Sua beleza e sensualidade me fascinavam. Dei zoom na imagem para observar melhor o seu rosto. Então a reconheci.

Antes que eu pronunciasse o seu nome, o cenário se apagou e eu estava de volta à frente de Ari. Ela era ele.

Ari esboçava um largo sorriso. Já eu fiquei sem ação. Por uns instantes eu não encontrava palavras para me expressar.

— O gato comeu a sua língua, meu amigo?

— Nossa! Que mágica foi essa? Por que você se vestiu de mulher? Qual o sentido dessa brincadeira?

— Calma, txai. Respire um pouquinho. Você não precisa voltar mais lá. Mas feche os olhos e relembre a dançarina. Não se deixe envolver pelos seus encantos, tente se lembrar de onde a conhece. Melhor dizendo: use a memória de Henrique para facilitar a recordação.

De olhos fechados, vi a jovem dançarina surgir à minha frente como se estivesse pessoalmente diante de mim. Então ouvi uma voz feminina, dentro de minha mente: “Vou tentar me lembrar de você. Tente se lembrar de mim também... Vamos tentar nos encontrar do lado de lá. Promete?”

Caramba, a frase e a voz pareciam me fazer recordar de algum acontecimento muito remoto, que eu ainda não conseguia identificar o tempo, a ocasião e o lugar. Mas havia um registro na memória.

— Qual o teu nome? De onde você me conhece?

A imagem desapareceu numa fração de segundo. Eu abri os olhos, lamentando a perda da conexão.

Ari não esperou que eu falasse qualquer palavra.

— A memória está na ponta da língua, né, txai? Se esforce mais um pouquinho que você consegue. Esse é um bom exercício para reativar suas memórias. Faça diferente agora. Esqueça Henrique. Tente lembrar por você mesmo. Afinal, você

é uma extensão da mesma alma de Henrique. Vamos lá, tente mais uma vez.

Se não era para pensar mais como Henrique, fechei meus olhos e busquei dentro de minhas lembranças mais profundas. Ari tinha razão, eu era uma alma gêmea de Henrique, logo, seria possível que eu compartilhasse de suas memórias passadas, pois elas eram as mesmas antes de nos tornarmos duplos da mesma alma. Por que eu não havia pensado naquilo antes? Há tantas coisas tão óbvias na vida que por isso mesmo escapam de nossa atenção.

Então, como num passe de mágica, junto com a imagem da dançarina e a voz feminina, meu rosto expressou um sorriso de satisfação nos lábios, e, ao abrir os olhos, eu disse a Ari:

— Só vou te pedir um demorado abraço, amigo. Só isso. Como eu demorei tanto para te reconhecer? Nós finalmente nos reencontramos. Não sei mais o que dizer! — Lágrimas caíam dos meus olhos. Eu estava muito emocionado e feliz.
— Gratidão, gratidão, gratidão!

Ari me convidou para entrar no interior do palácio.

Todo construído de cristais, os tetos eram muito altos. Os salões, largos e extensos. Das paredes brotavam mandalas multicoloridas que se moviam continuamente de dentro para fora. Era uma realidade onírica.

Ele me conduziu a um aposento menor, mais aconchegante, onde havia um belo tapete e almofadas ao centro da sala. Sons de instrumentos musicais ressoavam do teto e das paredes, eu procurava, mas não conseguia enxergar nenhuma caixa de som. O som era hipnótico, induzia à uma introspecção mental.

Ele acendeu incensos aromáticos, diminuiu as luzes e nos sentamos, frente a frente. Pegou um bule de chá que estava numa mesinha ao lado, despejou um tanto em duas xícaras de porcelana e me estendeu uma delas. Brindamos com aquela bebida confortante e aromática.

Ele pediu para que eu me despisse de tudo, inclusive os sapatos. Ele fez o mesmo. O chá continha alguma coisa que alterava a percepção da realidade, que já era fantástica.

Olhei para Ari, mas já não era mais ele. Em seu lugar estava a dançarina, sorrindo e cantando para mim. Fiquei encantado. Ou enfeitiçado, eu já não sabia distinguir. Ela estava nua. Lindamente nua. Debruçou-se sobre o meu corpo, me colocou deitado ao longo do tapete, beijou-me o rosto, a boca e o peito, por fim sentando-se sobre o meu falo, já ereto.

Ela segurava as minhas mãos com os braços esticados, sempre sentada com a espinha ereta. Fazia movimentos suaves para cima e para baixo, ora girando e contorcendo o seu corpo como numa dança. Depois voltava a se movimentar verticalmente, cavalcando sobre o meu pênis. Sua vagina estava quente, úmida e acolhedora. Comecei a sentir que iria gozar. Ela sentiu e parou de repente. Esperou alguns segundos e deu continuidade à dança, ainda sentada sobre mim. Quando novamente eu sentia os espasmos, ela parava. Olhava para mim e sorria amavelmente. E, quando os espasmos cessavam, ela reiniciava os movimentos

lascivos.

Eu estava a ponto de ter um orgasmo. Ela sentiu e parou bruscamente, comprimindo a glândula de meu pênis com seus músculos intravaginais. O meu gozo foi contido. Ela não permitiu que eu ejaculasse.

Então senti um fluxo de energia que partiu do chacra básico, subiu suavemente do primeiro para o segundo chacra ascendente, aumentando rapidamente de velocidade ao passar de chacra em chacra até atingir uma velocidade incalculável depois de passar pelo chacra cardíaco até o chacra coronário. Em seguida, toda aquela energia desceu pelo mesmo caminho e mesmo ritmo até atingir o meu falo e, na sequência, entrar pela sua vagina e subir pelos chacras da fascinante dançarina. Eu vi o seu corpo se iluminar. Ela abriu um sorriso ainda mais encantador e desapareceu de minha vista com um flash de luz.

Despertei.

Ao abrir os olhos, eu estava de volta diante da fogueira no escuro da mata. Ari estava sorridente, sentado diante de mim. Nossos corpos estavam nus. Eu continuava excitado. Ainda sob o efeito psicodélico das medicações, eu estava em êxtase. Ari acendeu outro baseado, deu umas pitadas e passou para mim. Eu recusei. Ele não insistiu.

Ainda inebriado, eu tentava entender o que havia se passado. Ele percebeu as minhas inquietações:

— Você está em dúvida sobre o que aconteceu. — Acenei com a cabeça positivamente. — Não há dúvidas. Nós fizemos sexo. E foi muito bom. Nota-se pelo seu semblante de plena satisfação e pela sua excitação.

— Não sei o que dizer, isso é constrangedor!

— Por quê?

— Eu não sou homossexual. Você é?

— Também não. Mas você conhece a resposta para o que ocorreu entre nós. Procure que vai encontrar.

— Eu prefiro que você conte o que sabe. Não estou disposto a um esforço

intelectual nesse momento.

— Você tem as respostas, mas não sabe procurar. E elas são tão óbvias.

— Fale de uma vez! — Eu estava ficando irritado. — Me poupe desse esforço a essas horas da noite. Não estou em condições para isso agora.

— Pois bem. Você mesmo fez uma explanação dos planos dimensionais dos nossos corpos de manifestação, desde a separação a nível monádico. De cima para baixo, do início para o fim, somos seres andróginos, no plano angelical. Numa etapa posterior, você disse que passamos por uma fase em que somos hermafroditas, ainda vivendo em planos superiores. E, finalmente, nos tornamos separados sexualmente em machos e fêmeas, homens e mulheres, não é isso? Então, seguindo a sua explicação, quando nos separamos sexualmente, cada parte carrega uma pequena porcentagem da outra polaridade, como na simbologia universal do Yin e do Yang, em que a parte clara que representa o feminino contém um círculo escuro de polaridade masculina. O mesmo ocorrendo de forma inversa com a parte escura. Portanto, eu e você, homens, heterossexuais e todos os homens da terra contém uma porcentagem pequena dentro de seu ser monádico de polaridade feminina, uns mais, outros menos, mas todos possuem. O mesmo ocorre com todas as mulheres. Cada mulher contém a sua porção masculina em seu ser.

“Portanto, a dançarina por quem você quase se apaixonou foi uma de minhas reencarnações passadas. A minha alma é mais feminina do que masculina na origem monádica da separação. A voz feminina que você ouviu é a minha voz no período entrevidas antes de nossa atual encarnação. Na verdade, minha e de Henrique.

“Bem, você já sabe, não preciso repetir. Henrique sofreu mais o impacto da Barreira de Frequência do que eu e teve suas memórias bloqueadas a partir de seu crescimento e transformação em homem adulto. Eu tive, talvez, a sorte e felicidade de nascer meio-índio. Meus estudos e práticas da arte e do ofício xamânico me possibilitaram resgatar minhas lembranças.

“Eu e Henrique nos conhecemos de períodos entrevidas. Essa é a primeira vez que encarnamos num mesmo espaço-tempo existencial. Foi uma feliz coincidência. Você teve uma experiência sexual não comigo, mas com a minha porção feminina, minha verdadeira essência de alma. Espero que isso não seja

complicado para você entender. E não se preocupe. Eu não estou apaixonado por você.”

E riu, muito divertido, a boca aberta e a mão na barriga.

— Isso agora parece tão óbvio! — retruquei, ainda um pouco vexado. — Nunca pensei em vê-lo daquele jeito...

— Txai, quero te dizer mais uma coisa. Sou bem-resolvido emocional e sexualmente. Nem sei te explicar o que houve entre nós nessa noite. Creio que foi um desejo de minha alma, aliás, da alma da dançarina que sentia grande admiração pela alma de Henrique. Eu só permiti a ela a realização de seu desejo. E você atuou como Henrique mesmo. Eu senti a energia dele. Sua também. Enfim, eu ainda fico confuso em diferenciar as suas almas.

— Acho que por hoje chega. Estou cansado, preciso dormir.

— De acordo. Eu também preciso descansar. A jornada de hoje foi bastante puxada.

Terceiro dia, uma sexta-feira.

Acordamos bem mais tarde naquela manhã. Estávamos exaustos e ninguém é de ferro.

Depois de tomarmos o café, perguntei a Ari o que mais haveria de experiências e a que horas ele pretendia ir embora. Ele respondeu com outra pergunta:

— Está ansioso para ir embora, txai?

— Não, não, afinal eu viajei pra Bahia para isso.

— Resta uma última sessão. Para descobrir o que havia de memórias trancadas no subsolo do corredor de Henrique. Mas não vou administrar mais nenhuma substância que provoque vômitos ou desconfortos gastrointestinais. Vamos repetir a mesma usada na noite anterior, que provou ser bastante eficiente e causar menos danos físicos. Foi a segunda vez que essa medicina foi testada — admitiu. — A primeira vez, experimentei em mim mesmo. A segunda, com nós dois. Estou bem satisfeito com os resultados. Hoje vamos usá-la durante o dia.

Eu concordei, com um aceno de cabeça.

— Vamos escolher um novo set para obter um novo setting. — Vendo minha expressão de ponto de interrogação, ele explicou: — É que no jargão dos cientistas que estudam as substâncias psicodélicas, os termos set e setting significam o local e o contexto onde se realizam experiências e a consequente observação e análise do resultado mental e psíquico das experiências.

Ele apontou para um vale alguns metros abaixo de nossa locação. De longe dava para ver que havia um descampado de relva baixa e poucas árvores de porte. Também dava para avistar um fino veio d'água pelos reflexos dos raios de sol.

Juntamos nossas coisas, colocamos nas mochilas e descemos pela encosta do morro. Passamos próximo a uma propriedade privada, onde se ouvia música

encoberta por um pequeno burburinho de vozes, mas não avistamos ninguém, pois estavam no interior da casa. Sentia-se também o cheiro de temperos e de carne assada. Ao contornar a cerca do quintal, ouvimos latidos ferozes de três cachorros que correram em nossa direção. Tomamos um bom susto, mas fomos protegidos pela cerca. A descida ia se tornando, assim, mais emocionante.

Chegando ao vale, ele escolheu uma das poucas árvores do local para servir de apoio. Colocamos nossas coisas encostadas ao pé do tronco. A árvore era típica do bioma, de pequeno porte, mas tinha uma bela copa que nos proporcionaria um pouco de sombra e abrigo contra os raios solares.

O dia estava radiante com um límpido céu com um tom de azul intenso e nuvens ralas e esparsas. De onde estávamos podia-se contemplar uma das mais belas e deslumbrantes paisagens naturais da terra. De um lado avistávamos imponente o Morro do Pai Inácio. De outro, o monumental Morro do Camelo. Cada um daqueles colossais blocos monolíticos exibia suas descomunais paredes rochosas com cerca de trezentos metros de altura. E, olhando de frente, via-se o conjunto de morros conhecidos como Três Irmãos, que ficavam para os lados do Vale do Pati. Um privilégio sem preço, de tirar o fôlego. Dali admirávamos os três mais famosos cartões-postais da Chapada Diamantina. Ari não poderia ter escolhido um set melhor.

Sentamos ao sopé do pequeno arbusto cercado por um gramado ressecado entremeado de pedregulhos daquele solo árido e arenoso. Peguei meu cantil e tomei uns bons goles d'água. O tempo estava quente, a garganta estava seca, e eu estava pigarreando para falar. Tirei o chapéu porque já não tinha utilidade, protegido que eu estava ao abrigo da sombra. Recostei minha coluna ao tronco da árvore e estiquei as pernas. Fora uma longa caminhada. Eu já ficava imaginando o momento de ter que subir de volta os morros pelas suas encostas escorregadias.

Ari não havia levado o seu cocar de penas. Usava na testa uma bandana indígena feita de miçangas, que formavam o desenho da pele de uma jiboia. Os índios, em geral, têm muito respeito pelas serpentes, e uma deferência especial pela jiboia, principalmente entre os povos nativos da Amazônia.

Como de costume, Ari havia saído para fazer um reconhecimento do terreno ao redor. Ele fazia aquilo para sentir as energias do ambiente, para então saber que tipo de rezo ele deveria entoar para afastar as más energias e atrair os bons

espíritos. Eu fiquei e resolvi caminhar um pouquinho para apreciar mais a paisagem.

Escutei um barulho no capim seco e o vi se mover. Ventava, mas não era tão forte a ponto de fazê-lo se mover. Suspeitando do que poderia ser, peguei um pedaço de pau e me aproximei, tomando cuidado de não chegar muito perto. Uma cobra saiu de dentro do mato e rastejou pelo terreno arenoso em movimento de zigue-zague. Eu dei uns passos apressados em sua direção e dei um primeiro golpe. Ela se esquivou. Dei outra, que pegou em suas costas e ela se virou para me atacar. Dei um terceiro golpe em sua cabeça. E mais duas ou três para ter certeza de que ela não ofereceria mais perigo. Estava morta.

Levantei a cobra pela ponta do pau e, todo orgulhoso, fui levar para mostrar o meu trunfo a Ari.

Nem precisei chamá-lo. Ele já voltava de sua ronda. Ao me ver com a cobra, ele se apressou e perguntou o que havia acontecido. Eu, risonho e aguardando cumprimentos pela façanha do ato heroico, contei como a matei.

— Ela estava te ameaçando? Chegou muito perto?

— Não! Assim que eu a vi no capim, logo corri para me livrar dela.

— Seu estúpido! — gritou comigo. — Você matou um animal sem motivação.

— Como sem motivação? É uma cobra. É um animal perigoso. Pode ser venenosa.

— E por isso precisava matar? Só por ser uma cobra? Vocês brancos são seres estúpidos. Matam animais por diversão.

— Não foi o meu caso. Eu a matei por prevenção. Para nossa proteção.

— Isso é conversa de homem branco. Vamos ter que honrar a vida desse animal. Sua morte não pode se resumir a um ato banal. Temos que consolar o seu espírito. — Ele pegou o seu canivete e agachou para apanhar a cobra do chão.

— O que você vai fazer?

— Vou limpá-la para a nossa refeição.

— O quê?!

— Ela vai ser o nosso almoço de hoje.

— Espere aí. Você reclama que eu matei a cobra, mas você vai querer comer. Isso é contraditório.

— Em primeiro lugar, não vou comer sozinho. Nós dois vamos. Segundo lugar, não há contradição alguma. Comer a cobra é prestar-lhe uma deferência e dar um sentido à sua morte, não a tornar uma banalidade. É prestar homenagem à sua alma-grupo. Diferentemente dos humanos, as cobras, entre outros animais, são almas-grupo. Geralmente uma alma-grupo de cobras pode ter até vinte animais encarnados. E o que acontece com um dos membros do grupo, os demais ficam sabendo. Logo, quando alguém mata uma cobra displicentemente — ele me encarou, o olhar zangado —, outras poderão vir para vingar a sua morte. Se nós homenagearmos sua morte, comendo a sua carne, podemos ficar tranquilos de que não seremos vingados.

— Em primeiro lugar, eu também digo a você que não vou comer. Coma sozinho. Em segundo lugar, eu compreendo a sua explicação. Mas, para mim, isso soa como a justificativa que algumas tribos brasileiras praticavam o canibalismo à época do descobrimento e durante boa parte do período da colonização. Alegavam que era um ato respeitoso para com os prisioneiros e inimigos, mas não deixava de ser uma atitude repugnante de canibalismo.

Ele não respondeu. Afastou-se e voltou depois de longos minutos. Trazia a cobra já sem as vísceras e a pele. Preparou uma pequena fogueira, armou umas varas em forma de grelha a alguns centímetros acima do fogo, apoiadas sobre duas forquilhas fincadas de cada lado da fogueira. Depois, assentou algumas folhas verdes sobre o moquém, para servirem de forro da grelha improvisada, e colocou os pedaços da cobra em cima para moquear. Não havia tempero, não havíamos previsto cozinhar naquele dia. Nossas refeições seriam lanches preparados com pão e frutas secas. Eu me afastei para não sentir repulsa. Ter sido repreendido por ter matado a cobra já estava fazendo bastante mal à minha consciência, ver sua carne assando me deixava ainda pior. E eu estava decidido a não participar do banquete repugnante.

— Henrique? Ou devo te chamar de Alípio? Não uso esse nome para confrontá-lo. Permita-me chamá-lo pelo seu nome verdadeiro quando estivermos a sós,

porque me soa falso te chamar de Henrique. Espero que me compreenda.

— Tá. — Eu estava chateado demais para me incomodar com aquilo.

— Então, Alípio. Eu não vou te obrigar a comer. Mas eu quero que você compreenda por que devemos comê-la. Quando estamos na natureza, devemos respeitar o seu habitat e todas as coisas que fazem parte do lugar. Isso vale para rios, nascentes, plantas e animais. É a nossa relação de respeito para com Pachamama, a nossa Mãe-Gaia. Esse respeito implica que não desmatemos sem necessidade, não depredemos o meio ambiente, não cacemos sem estar com fome. Mas Pachamama se alegra quando saciamos nossa sede em suas fontes d'água e quando saciamos a nossa fome quando caçamos. Ela nos oferece com generosidade. Porém, ela se entristece quando o fazemos sem necessidade de nos alimentarmos, ou quando fazemos por esporte, ganância ou pura diversão. Aqui, nesse caso específico, de caçar e coletar frutas e sementes para alimentar os nossos corpos, se encaixa na lei mal-interpretada de Aleister Crowley, que descreve no seu Livro da Lei. Aquele famoso refrão de “fazes o que tu queres, pois é tudo da lei”, famosa na música de Raul Seixas, é mal-interpretado, mas cabe bem nesse exemplo. Caçar e matar para nos alimentar “é da lei”. É uma das leis. Portanto, “é da lei” que comamos a carne da cobra para manter esse código de honra celebrado entre o Humano e a Natureza. Entre nós humanos e Pachamama.

— Mas, meu amigo, eu pratico o vegetarianismo. — Eu também queria pedir para ele explicar melhor o que significava “é da lei”, mas preferi deixar para outro momento. Eu estava ficando irritado por estar sendo obrigado a fazer uma coisa contra a minha vontade.

— Eu também. Mas entre minha prática no cotidiano e a minha interação com a natureza, eu posso quebrar as regras. Acho que fui bastante claro. A propósito, é melhor comer agora enquanto está quente. Se esfriar, a experiência vai ficar bem mais desagradável. Não se preocupe que a carne não tem veneno.

Havia quatro pedaços. Eu peguei o menor e esperei que ele desse a primeira mordida no seu. Vendo-o morder a carne entre os dentes como se comesse peixe de galinha, tentei imitá-lo.

Eu me lembrei do porquê de não apreciar comer caranguejos. Dá muito trabalho para pouco resultado. Havia mais ossos do que carne. Sem algum tempero, nem

sal, tinha gosto de plástico queimado. Comi com nojo e repugnância. Ele olhou para mim.

— Engula o que está na boca, txai.

Eu engoli sem mastigar o suficiente, só para agradá-lo e ser dispensado de comer o restante. Ele já havia comido o primeiro pedaço e pegou o segundo. Apontou o outro que ficou sobre o moquéim, dizendo que era meu e que eu não poderia jogar fora, ou deixar para os animais.

Naquele momento eu desejei estar sob o efeito de alguma medicina enteógena ou mesmo uma bebida alcoólica para criar mais coragem de comer a carne insossa. Pensei que seria melhor não o contrariar. Terminei de comer o primeiro pedaço e peguei o segundo. Com pressa de acabar logo, terminei de comer as duas partes que me cabiam antes dele. Meu estômago estava embrulhado, não exatamente pelo sabor da carne, mas pelo meu sentimento de remorso.

Como eu desejava tomar alguma medicina que me fizesse vomitar. Como eu desejava.

Contrariado e ao mesmo tempo conformado, eu me resignei, convencendo-me de que eu estava ali recebendo um aprendizado de uma pessoa que, embora não tivesse vivido toda a sua vida na floresta entre os indígenas, sabia bastante sobre os seus modos de vida, e, sim, era um experimentado pajé, um xamã de verdade, apesar de não ter nem 40 anos de vida.

Eu estava sentado ao pé da árvore quando Ari se aproximou, trazendo sua mochila e a bolsinha de crochê. Sentou-se ao meu lado e retirou da bolsinha o recipiente de vidro com a última medicina servida no dia anterior. Ele explicou que iria aumentar a dose inicial de três para cinco gotas, dentro da margem de segurança que ele calculara. A ideia era a de provocar uma viagem mais profunda até o subsolo do corredor psíquico, onde Henrique nos levara. Ari intuía de que nem mesmo Henrique desconfiava da existência daquelas memórias, mas que elas poderiam explicar a recorrência da repetição de outros erros de vidas passadas que persistiam na atual existência, deixadas para eu, Alípio, limpar e solucionar de uma vez por todas. Somente assim, a alma de Henrique se tornaria leve, quita e livre dos acordos com os Senhores do Karma e se preparar para se livrar da Roda do Samsara imposta pelos Demiurgos.

Respirei fundo. Naquele momento, cheguei a questionar minha decisão em ter aceitado me tornar um walk-in. Por outro lado, eu compreendia de que somente eu seria capaz de realizar a missão, uma vez que eu era uma extensão da mesma alma e, por vir de uma dimensão mais elevada, estaria menos sujeito às influências das implantações mentais de culpas criadas e induzidas pelos Arcontes na terceira dimensão.

Ari fez todo o ritual que precedia as cerimônias com os rezos, com a dança com o maracá e o uso do sepá. Depois, ele sentou-se de frente a mim e me aplicou as cinco gotas na língua, e só então em si. Acendeu o cachimbo, passando outro para mim e ficamos pitando enquanto aguardávamos os efeitos das medicinas. Permanecemos assim em absoluto silêncio.

Alguns minutos se passaram. Olhei para Ari e vi que os desenhos de sua bandana começavam a se movimentar. Os desenhos já não eram de miçangas. A

bandana se transformara numa pele viva de cobra. De apenas uma volta, ela foi evoluindo para várias voltas ao redor da sua testa. A cobra ergueu a sua cabeça a alguns centímetros acima e me fitava, colocando a língua para fora. Eu ainda estava consciente e sabia que tratava-se de uma miragem criada pelo efeito psicodélico. Aos poucos fui perdendo a consciência, e a cabeça da cobra se esticou e estacionou no ar bem de frente aos meus olhos. Eu quase sentia a sua língua tocar a minha face e os meus lábios.

O meu entorno foi se modificando e, em frações de segundos, eu me encontrava num ambiente lúgubre, úmido e mal iluminado. Eu já não via Ari sentado à minha frente. Em seu lugar, uma enorme serpente tentava se comunicar comigo. Meus sentimentos variavam entre medo e confiança. Eu sempre tivera medo de bichos peçonhentos, de cobras principalmente. Mas ao mesmo tempo eu percebia que, apesar da aparência assustadora, ela não parecia oferecer perigo. Eu a encarei tentando não demonstrar medo.

Então sua boca abriu.

— Não tenha medo, Alípio. — Quando ela falava eu visualizava mentalmente a imagem de Ari, como se ele falasse através da cobra.

— Eu não estou com medo.

— Então controle a sua respiração para parar de tremer a sua barriga. Controlando a sua respiração, você controlará as suas emoções.

— Tudo bem. — Eu inspirei e expirei algumas vezes.

— Agora olhe ao seu redor. Você se sente bem nesse ambiente triste e inóspito? Por que você acha que está sentado nesse lugar?

— Eu não faço ideia.

— Você se lembra do que veio fazer aqui? Venha, me acompanhe.

Um túnel de cobras coloridas e entrelaçadas começou a se formar diante de meus olhos. A cobra que falava comigo entrou e me chamou para acompanhá-la. Pelas paredes surgiam imagens vivas que se assemelhavam a um filme com tecnologia 3D, com volume e profundidade.

Eu vi uma família embarcando em um navio em Portugal, com destino ao Brasil. A Inquisição já havia perdido o seu ímpeto na segunda metade do século XVIII, após mais de duzentos anos de instalação. Até os princípios do século XIX, raros casos ainda eram levados aos tribunais para julgamento e condenações, até ser extinta completamente em 1821. Contudo, sobrevivia o preconceito e o estigma contra cristãos-novos e os seus descendentes, tanto em Portugal, quanto nas diversas colônias portuguesas. Descontentes com o desdém que sofriam no meio social, algumas famílias, parentes entre si, resolveram se mudar para o Brasil, já no período imperial, após a Declaração de Independência instalada por Pedro I.

A viagem do porto, em Salvador, até o destino, cerca de seiscentos quilômetros de distância, foi uma epopeia à parte. Um trecho foi feito pelo Vapor de Cachoeira, primeira embarcação a vapor no Brasil, inaugurado poucos anos antes da independência, que saía de Salvador navegando pelo Recôncavo Baiano até a cidade de Cachoeira, que possuía três estradas: uma que ligava ao interior do estado em direção ao Oeste, para o Cerrado e Minas Gerais; outra que seguia rumo ao Norte, indo até o Piauí; e a terceira, que ia em direção ao Sul com destino ao Rio de Janeiro. A partir de Cachoeira, a viagem seguiu no lombo de burros pela estrada que seguia para o Oeste, fretado de tropeiros que faziam o comércio pelo interior do sertão baiano. A saga durou muitos dias entre paradas e descansos.

Eu assistia a tudo pela tela projetada na parede de cobras como se fosse um filme de época.

Os familiares se dividiram ao chegar ao destino, onde cada núcleo familiar foi morar nas suas respectivas propriedades rurais, distantes muitas léguas uns dos outros. As terras eram virgens e selvagens, onde residiam núcleos de aldeias indígenas, habitantes naturais das terras adquiridas. Não foi avisado aos compradores sobre a existência de tribos remanescentes. Muitas delas eram migrantes, desabrigados de seus locais de origem em áreas mais próximas do litoral e das locações das novas minas de ouro e diamantes descobertas na região da Chapada. Logo se inteiraram de que para tomar posse das terras teriam que expulsar os índios, mesmo que fosse necessário fazer através de genocídio, costume aceito socialmente, pois o Estado fazia vista grossa em nome do progresso e desenvolvimento do país.

Assim o fizeram.

Os ancestrais de Henrique, que inauguraram a árvore genealógica da família no Brasil, mataram e enxotaram muitos índios. E para tornar a produção viável economicamente, tiveram de adquirir mão de obra escrava de origem africana.

Um deles, Francisco, progrediu. Produzia açúcar, rapadura, cachaça e outros subprodutos derivados da cana-de-açúcar, além de outros produtos pecuários, como leite, queijos e manteiga. Mandou construir um imponente casarão para ostentar poder, e possuía uma senzala anexa ao casarão, com capacidade para mais de dez indivíduos adultos.

Francisco nascera em Portugal e veio ainda pequeno para o Brasil. Era um dos filhos mais novos. Seus outros irmãos tinham nomes todos começados pela letra F. Seu irmão mais velho, com uma diferença de idade de quase vinte anos, chamava-se Fernando, o caixeiro-viajante que fez fortuna com o contrabando de pedras preciosas e morreu com um tiro pelas costas num cabaré. Seus outros irmãos se chamavam Filipe, um ourives, que ao chegar ao Brasil tomou um rumo diferente, partindo em direção ao sul do país, e que nunca mais deu notícias. Tinha uma irmã chamada Fausta, que se casou com um português que possuía uma mina de ouro, um homem muito rico e igualmente avarento. E, por fim, o irmão chamado Felizardo, que fez fortuna traficando escravos.

Os filhos de Francisco herdaram seus bens, que também prosperaram e expandiram seus negócios, deixando suas terras e fortunas até a terceira geração, cenário da História que gerou um carma bem pesado para os descendentes do novo ramo genealógico. Essa época coincidiu com o período que separava o país entre o regime monárquico e o republicano.

Da terceira geração de Francisco, o português, havia dois irmãos que moravam com seus pais numa rica fazenda de cana-de-açúcar ao sul daquela região. Herdaram o ofício na produção de derivados da cana e do leite desde seu avô Francisco.

Carlos, o irmão mais novo, aos 16 anos de idade, era simpatizante dos movimentos abolicionista e republicano. Seu irmão, Francisco Neto, que mantinha o mesmo nome do pai e do avô, era contra. Apesar disso, anos mais tarde, ele apressou-se em adquirir uma patente republicana de Coronel da extinta Guarda Nacional, por intercedência de um tio seu republicano que tinha influência política na região. Francisco Neto era vaidoso e gostava de ostentar riqueza e poder.

Ele era um ignorante no trato com os escravos. Mandava açoitar os que ele desconfiava de que faziam corpo mole, ou que comiam alguma coisa escondida, fora do horário das refeições. Francisco Neto era sete anos mais velho do que o irmão caçula. Além de punições severas, ele estuprava as escravas mais novas, sem pudor.

Estupro era um costume mantido às escondidas por muitos fazendeiros. Carlos, no entanto, revoltava-se com tanta violência. O pai não se importava porque Francisco Neto era habilidoso com os negócios e os fazia prosperar, enquanto Carlos era displicente, “poético e romântico”, nas expressões que seu irmão usava de forma pejorativa.

Carlos se apaixonara pela filha de uma das escravas. Dandara tinha 15 anos, mestiça, de cabelos longos, brilhantes e cacheados, nariz perfilado e uma arcada dentária perfeita que lhe conferia um sorriso encantador. Ela era resultado de um estupro, praticado provavelmente pelo capataz da antiga propriedade, pelo ex-proprietário, ou por um dos seus filhos. Sua mãe já estava grávida quando foi adquirida para a fazenda.

Dandara e Carlos engataram um romance escondido. Os dois tramaram libertar os escravos mais velhos que ainda não haviam atingido 65 anos, condição para adquirirem a liberdade pela nova Lei do Sexagenário. Combinaram com eles de levá-los até um dos quilombos existentes a algumas léguas de sua fazenda. Carlos já conhecia o caminho e tinha conhecidos dentro do quilombo que os esperaria num local antes da incipiente república de negros fugitivos, por motivo de segurança. Estava tudo planejado.

Numa noite de lua cheia, ele libertou os dois senhores negros de meia-idade e os conduziu pelo meio do canavial até a entrada da fazenda. Dandara o aguardava no local, tomando conta de dois burros selados. Ele pediu que ela retornasse para a senzala para não levantar suspeitas. Ele seguiria pela estrada montado num dos burros e os dois escravos montados no outro animal, até ao encontro com os dois vigilantes quilombolas.

Voltaria para a fazenda antes do amanhecer para não levantar suspeitas.

Dandara, com medo de assombrações, não quis voltar sozinha pelo canavial que chegava direto à senzala, pelos fundos, e resolveu tomar o caminho principal da fazenda. Ao se aproximar da casa de engenho, os cachorros começaram a latir e

partiram em sua direção. Ela se escondeu no paiol, mas esbarrou por acidente nas ferramentas, que caíram e fizeram barulho.

Naquele ínterim, os dois Franciscos, pai e filho, já estavam de prontidão com espingardas nas mãos, prontos para enfrentarem o possível invasor. Francisco Neto deu um tiro de alerta. Carlos, que já distanciava um bocado da fazenda, ouviu o disparo do tiro e imaginou o pior. Explicou aos dois escravos como chegar até o ponto combinado e ensinou a senha para serem reconhecidos pelos vigilantes. Tocou de volta para a fazenda. Ao chegar, Dandara estava amarrada no pelourinho e todos já sabiam da fuga dos escravos.

Ele desceu da montaria apanhando do seu pai e irmão. Foi colocado junto à sua amada. Seu pai deu a primeira chicotada. Seu irmão continuou e depois passou a incumbência para o capataz.

De nada adiantavam os protestos de sua mãe. A lei que imperava era a patriarcal.

Os dois jovens ficaram com vários vergões nas costas. Foram desamarrados e levados para serem cuidados pelas escravas que os banharam e lhes puseram compressas de ervas para aliviar a dor.

Não contente em humilhar e machucar o irmão, Francisco Neto estuprou Dandara, tão logo ela se recuperara dos ferimentos nas costas. No entanto, não era mais motivado por uma de suas satisfações sexuais costumeiras, em que via as mulheres escravizadas como propriedade da fazenda, portanto, sua também, e ele poderia usá-las como bem lhe aprouvesse. Ali houve um prazer especial, pois há tempos Francisco Neto estava de olho na beleza escultural da jovem e, daquela forma, conseguia ferir o coração do irmão desafeto. Dois coelhos com uma só cajadada.

Quando Carlos soube, ficou possesso de raiva. Prometeu vingá-lo de morte na primeira oportunidade.

Passados alguns dias, Carlos caminhava em direção à casa de engenho quando presenciou seu irmão agarrando Dandara à força para beijar-lhe a boca. Ela lutava como podia para impedi-lo. Carlos pegou um punhal.

— Solte-a agora! — gritou.

O irmão riu, cínico.

— Desafio-te a um duelo!

Francisco Neto pegou um facão. Os dois se postaram para o combate.

Dandara previu a derrota de seu amado por ser menos habilidoso na luta e por estar em desvantagem pelo tamanho comparativo das armas. O facão, bem maior em comprimento, comparava-se a uma espada diante de uma adaga.

— Por favor, meus senhores! Parem já com esta insensatez! — implorou ela.

Mas já era tarde. O desafio havia sido feito e aceito.

Era um código de honra, e quem desistisse seria humilhado e declarado covarde.

Os dois fizeram a dança macabra dos movimentos da luta fratricida. Ao ver Carlos tropeçar e cair para trás, tornando-se vulnerável ao letal irmão, Dandara se jogou para protegê-lo.

Foi tudo muito rápido. Ambas as lâminas atingiram seu corpo, os irmãos já preparavam golpe e contragolpe com suas respectivas armas. Dandara sangrou muito e não resistiu aos ferimentos. O duelo acabou ali, com os dois irmãos que se tornaram, ambos, assassinos e derrotados.

Carlos, aos prantos, saiu correndo em alvoroço, sendo consumido pelo remorso por ter provocado a morte do amor de sua vida. Só sabia que queria, mais do que nunca, vingar-se de Francisco Neto.

Lembrou-se de uma velha escrava alforriada, conhecida por Vêa Donata, que tinha fama de ser feiticeira e que morava numa pequena palhoça à beira da estrada principal, junto com o seu companheiro, o velho Januário. Foi até ao seu casebre de palha e encomendou a ela um feitiço para se vingar de seu irmão.

Ela solicitou que ele levasse uma peça de roupa do irmão e algum objeto pequeno de uso pessoal. Carlos voltou para a fazenda, foi até o quarto de Francisco Neto, pegou uma camisa e uma gaita que seu irmão tocava nas horas de folga do trabalho. Ele voltou correndo para a casa da feiticeira e entregou tudo a ela.

Ele aguardou do lado de fora enquanto a velha Donata preparava o feitiço. Meia hora depois, ela entregou para Carlos dois embrulhos. O primeiro era um boneco

de pano feito com a gaita, que servia de corpo, e sementes de fedegoso como enchimento da cabeça e membros. Ele deveria enterrar o boneco num local que o seu irmão costumava ficar. O segundo embrulho era das cinzas da camisa que foi queimada e que Carlos deveria assoprar sobre o rosto do irmão no momento de rogar a praga depois de pronunciar sete palavras em dialeto africano, que ela também ensinou, para amaldiçoar cada geração seguinte.

Carlos voltou à fazenda, enterrou o boneco onde Francisco Neto costumava tocar a gaita e procurou o pai para fazer um acordo. Ele abriria mão da herança dos bens em favor de seu irmão, mas o pai tinha que lhe arranjar uma boa quantidade em moedas de ouro e prata para ele iniciar um novo negócio longe da família.

O pai e o irmão concordaram com as condições. Para o pai era uma maneira de evitar uma nova luta entre os filhos, que poderia ter um fim trágico. A mãe lamentou o desfecho e chorou bastante a decisão do filho caçula de ir para longe. O irmão ficou feliz, assim, não teria que repartir os bens que herdaria.

Carlos arrumou suas coisas, acomodou tudo sobre o lombo de uma mula e selou o seu cavalo. Na hora da partida, ele chamou o seu irmão para próximo de si, fez um risco no chão com um pedaço de pau, cuspiu na terra do outro lado do risco e amaldiçoou as terras. Em seguida rogou pragas para todos os seus descendentes até a sétima geração. Abriu o frasco com as cinzas, assoprou na direção do seu irmão e proferiu as sete palavras que a velha alforriada lhe ensinara.

Montou no cavalo, pegou as rédeas da mula e não olhou mais para trás. Não viu o desespero da mãe, que chorava inconsolada; não viu a cara de espanto do irmão, que, sendo católico, apavorava-se com pragas.

Francisco Neto correu e se agarrou a um crucifixo de madeira retirado da parede da sala, pedindo a piedade de Deus, que ele não deixasse tal desgraça abater sobre si e seus descendentes.

Carlos tentou, sem sucesso, estabelecer-se pelas cidades que percorreu, mas não tinha interesse em se fixar. Ele nem mesmo sabia do que viveria, pois não tinha habilidade para o comércio. Foi consumindo suas economias. Às vezes, ele comprava produtos típicos de uma região e vendia na próxima cidade, e assim, fazia render um pouco do seu dinheiro.

Durante sua peregrinação pelas terras mineiras, onde residiu por alguns meses em cada cidade do trajeto, ele seguiu seu curso em direção ao sul cujo objetivo

era chegar à cidade de Rio de Janeiro.

O Brasil passava por agitação política pela decretação da Lei Áurea, que colocava fim ao período de escravidão legal no país. Havia revolta no seio das classes da elite nacional, descontentes com a promulgação da lei. Muitos antigos apoiadores da monarquia passaram a apoiar, por puro senso de oportunismo, os movimentos republicanos. Fazendeiros se uniram a maçons e outros setores sociais para convencerem os militares a darem um golpe de estado para derrubar a monarquia e instalar a república, como vingança pelo fim do regime de escravidão. A capital do Brasil vivia a efervescência de conspirações políticas e rumores de golpe de estado.

Carlos se mantinha informado como podia e apressou sua ida à capital imperial. Quando chegou ao Rio, o golpe já havia se consumado. A Família Real foi deportada do Brasil e inaugurou-se o regime republicano.

Meses depois, ele conheceu uns anarquistas italianos recém-chegados ao Brasil, com o propósito de fundar uma colônia anarquista no estado do Paraná em terras doadas pelo imperador Pedro II, um ano antes da queda da monarquia, numa viagem que Pedro II fizera à Itália. O imperador via com simpatia o projeto idealizado pelo engenheiro agrônomo, filósofo e escritor Giovanni Rossi. A colônia a ser fundada se chamaria Colônia Cecília.

Pela primeira vez, Carlos não sentiu desiludido com o futuro. Esperançoso com o projeto que acabara de conhecer, doou aos anarquistas o dinheiro que ainda lhe restava e se juntou ao grupo. Poucos dias depois ele foi encontrado morto, vítima de bala perdida na cidade do Rio de Janeiro.

Quatro anos após a Proclamação da República, a Colônia Cecília acabou.

As imagens cessaram repentinamente.

A serpente me conduziu para fora do túnel, de volta ao ambiente em que eu estava antes. Ela diminuiu de tamanho, voltando à sua forma original — enroscada na cabeça de Ari como um turbante.

Estávamos sentados frente a frente a dois metros um do outro. Ari passou a falar, enquanto a cobra, erguida a alguns centímetros, continuava a me fitar.

— Alípio, concentre-se! Você entendeu? Para mim, as informações contidas nessas imagens são muito claras.

— Não sei, meu txai. Entendi o que ocorreu, mas ainda não encontrei a conexão com a minha existência.

— Ora, Francisco Neto viria a ser o bisavô de Henrique! Henrique carregava, e de certa forma ainda carrega através de você, os efeitos das ações praticadas pelos seus antepassados. Por isso ele viveu repetindo erros dos quais desconhecia as origens. Ele perseguiu e foi perseguido, foi julgado e condenado, já foi credor e devedor, assassino e assassinado. Já traiu e foi traído. Já teve muitas posses e já perdeu tudo. São ciclos recorrentes, como uma marca gravada em sua alma, ou como um decalque invisível de uma marca d'água. Parte dessas repetições cíclicas é porque ele ainda não aprendeu a lição. Outra parte é decorrente da praga jogada por Carlos, seu tio-bisavô ancestral. O feitiço funcionou e ainda funciona, mais pelo medo e crença de seu bisavô Francisco Neto. Você bem sabe que são essas coisas que potencializam os efeitos, da mesma forma que acreditar e ter fé nas orações aumenta os efeitos dos rezos.

“Essas crenças, para o bem ou para o mal, ficam gravadas nas memórias da alma como formas-pensamento. Elas não são materiais, mas possuem uma carga de energia condensada e muito elevada. Você precisa agora dissolvê-las com novos rezos e um antifeitiço.

“As maldições de Carlos foram rogadas para sete gerações futuras a partir do

avô paterno de Henrique, que era filho de Francisco Neto. Ainda restam mais quatro gerações. Para cada filho de Francisco Neto, ou seja, os irmãos e irmãs do avô paterno de Henrique, o feitiço tem a mesma validade. Isso significa que todos os primos e tios de primeiro e segundo grau derivados dos ramos originados dos irmãos e irmãs de Francisco Neto, foram, são e estarão sob a mesma maldição. Não funciona da mesma forma para todos. Para alguns mais, para outros menos. Significa também que os irmãos e sobrinhos de Henrique, que formam a terceira e a quarta geração, também estão sujeitos aos malefícios da praga.

“Vamos ter que preparar um antídoto neutralizador. Precisamos encontrar um ingrediente forte à altura para enfrentar tal poder com maior força. O espírito da serpente está me passando uma fórmula.”

De supetão, abri os olhos.

Eu estava de volta ao ambiente real.

Ari continuava sentado à minha frente. Eu logo olhei para a sua bandana para me certificar de que o transe havia passado. Não havia mais cobra ao redor de sua cabeça.

Nossa, eu estava com muita sede. Bebi muitos goles de água e a sede persistia.

— É a medicina. Mas não precisa beber tanta água porque o seu corpo está hidratado. Essa sensação é só um efeito colateral.

Ele espremeu uma tangerina no cantil, deu-me para beber e disse que o suco da fruta aliviaria a secura na boca.

— Fui autorizado pela serpente a te revelar os ingredientes que vou usar para quebrar o feitiço: tabaco misturado com três gotas de sangue mais o suor extraído de sua testa e o veneno da cobra que você matou hoje pela manhã. Por sorte, eu havia extraído o veneno e guardado — disse, mostrando um recipiente de vidro. Em seguida, deu-me todas as instruções do ritual.

— Por que sangue da testa? Por que não de um dedo?

— Sangue e suor da testa significam sacrifício pelo trabalho árduo. Significam pagamento de dívida com muito esforço.

Fumei a mistura sozinho. Quando terminei, coloquei as cinzas tiradas do cachimbo na palma da mão e assoprei ao vento. Enquanto isso, Ari ditou umas palavras, que tive que repetir. Depois iniciou uma dança, que dancei junto, repetindo os mesmos passos e gestos. Ele usou o tambor, e eu o maracá. Tentei tocar no ritmo, mas nem sempre conseguia. Ari havia alertado que não teria problema, eu só não podia parar de sacudir o maracá enquanto durasse a dança, pois seu som funcionava como o chocalho da cascavel.

Assim, o feitiço da velha Donata perdeu o poder e a geração atual e as futuras de Henrique e seus parentes colaterais estavam livres do mau encanto.

Para onde vai o fogo depois que o combustível se consome?

Resposta do Buda ao lhe perguntarem sobre para onde ele ia após sua morte física.

Nossa missão havia sido cumprida.

Fizemos um lanche rápido e arrumamos nossas coisas para voltar à choupana e de lá irmos embora.

Ari pegou um caminho diferente do que havíamos ido. Em vez de subir as encostas íngremes, fomos por um caminho mais longo e mais suave. Ele queria tomar banho nas piscinas naturais formadas pelo rio Santo Antônio. Foi uma excelente ideia para nos refrescarmos na tarde ensolarada da sexta-feira.

— Se existem paraísos na terra, este lugar é um deles — comentei.

— Você mudaria de opinião se estivéssemos num domingo ou feriado, infelizmente. Estes santuários ecológicos são invadidos por turistas predadores que fazem churrascos e piqueniques, deixando para trás muita sujeira de plásticos, restos de comida e garrafas pet — devolveu Ari.

Retornamos à choupana, arrumamos nossas coisas e rumamos de volta para a casa de Martine para pegar o Jeep. Lá encontramos um bilhete no para-brisa do carro avisando que ela teve que ir ao Vale do Capão visitar umas amigas e que só voltaria no domingo. Ari deixou outro bilhete de agradecimento colocado sob um vaso de plantas logo na entrada.

Eu até gostaria que ela estivesse em casa para tomarmos um bom café de bule e fumar um baseado em sua companhia. Ela devia ter assuntos interessantes para uma boa conversa descompromissada.

Chegamos ao sítio quase ao pôr do sol.

Tomei um banho morno para relaxar o corpo. Ari fez uma sopa de aipim com queijo coalho, coentro e pimenta dedo-de-moça. Uma sopa succulenta e bastante picante. Ari gostava de comidas apimentadas, paladar que desenvolveu em sua imersão xamânica pelo México.

Depois ficamos por ali mesmo na cozinha, aquecendo-nos pelo calor do fogão à lenha. Servimos do café de bule e iniciamos um longo papo noite adentro. Aproveitamos para sanar curiosidades de algumas passagens da nossa jornada. Foi uma noite de mútuo aprendizado sobre alguns mistérios da vida.

— Diga, meu txai — pedi —, como você conseguiu se lembrar de nosso último diálogo no período entre-vidas, momentos antes da reencarnação de Henrique?

— Ora, pus em prática uma dica que aprendi de uma alma anciã: criar um amuleto mental, na forma de uma imagem, e treinar a sua visualização todos os dias e todas as noites, até torná-la uma holografia dentro da mente, com o máximo possível de detalhes. É um exercício cansativo, exige esforço e treinamento mental. Mas é possível — disse, sorrindo, como pôde comprovar. — Ela, a minha essência feminina no plano astral, mentalizou a estátua do Cristo Redentor do Rio de Janeiro antes de ser submetida à aniquiladora de memórias. A ideia era que, ao se defrontar com a imagem quando estivesse encarnada, obtivesse um “clique” para disparar o gatilho de memórias armazenadas. Deu certo.

“Quando ainda criança, vivendo na Alemanha, assisti na tevê takes do carnaval carioca. E, quando vi o Cristo Redentor, tive uma vertigem e desmaiei. Ao voltar à consciência, diante de olhares assustados dos meus avós, tive uma avalanche de imagens que desfilavam em minha mente numa velocidade alucinante. Com o tempo e aos poucos, fui tendo insights e rememorando lembranças das vidas passadas. E por esse mesmo gatilho consegui rastrear numa sessão xamânica a localização de Henrique. O que muito me ajudou foi essa comunicação que sempre tive com o mundo material e o mundo espiritual. Eu já descobri tanta coisa... Enquanto outras, contidas nas escrituras esotéricas ou nas tradições ancestrais, eu pude finalmente assimilar o que lia e ouvia.

“A Consciência já existia antes da Matéria. A Consciência sempre existiu, não teve começo, nem terá fim. Ela é. A Suma Consciência é chamada de Deus, de Logos Criador, A Fonte de Tudo Que É, O Incognoscível, O Inominável, O Alfa e o Ômega, e tantos outros termos que dão a essa Fonte Criadora de tudo o que existe visível e invisível, na matéria, ou na forma de energia livre. Nós não devemos nos ocupar em entender a sua natureza. Está fora da compreensão humana. Basta crer e aceitar.

“Para criar a vida na forma de matéria, o Criador Primordial estabeleceu um

plano executado por etapas. Ele criou sete reinos distintos para a manifestação da vida material. Pela ordem, primeiro Ele criou o espaço-tempo, o primeiro reino. Na sequência, vieram os átomos. O terceiro reino, incompreensível para muita gente e o que mais traz divergências quanto ao seu entendimento, varia de tradição para tradição. Eu prefiro chamar de “Reino Elemental”, mas é mais conhecido como Reino Funghi, que se subdivide em cinco categorias: os fungos, propriamente ditos, os elementais, os cristais, os fótons de Luz e o Prana. Ele antecede a forma de vida puramente biológica, embora se encaixem também como seres biológicos. É o reino que tanto constrói, quanto destrói, papel desempenhado pelos fungos. O quarto reino é formado pelos orbes espaciais, onde se encaixam os planetas, satélites, estrelas e asteroides. Em seguida vem o Reino Vegetal, depois o Animal, e, por fim, o Reino Humano, a forma de vida mais complexa, porque dotada de uma inteligência mais evoluída, o que a torna cocriadora no processo de expansão do multiverso.

“O multiverso é um aglomerado de universos, como bolhas de sabão, unidas e agrupadas como a um cacho de uvas. Nele está o Universo Primeiro, que deu origem a todos os demais. Podemos chamá-lo de “A casa do Pai”. O Pai-Criador gerou filhos para herdarem e continuarem sua Obra. A cada um de seus filhos foi dado um universo para reinarem e expandirem o projeto da Criação. O primogênito era conhecido como Lúcifer, cujo nome significa “O portador da Luz”. E o segundo, conhecido por Cristo, o Redentor.

“Lúcifer foi aprisionado por Satã, que provocou uma rebelião unindo-se a outros filhos rebeldes, os chamados Anjos Caídos. Satã reinava e controlava o Satânia, um dos universos-bolhas do Cacho da Videira Celestial. Por conta da rebelião, Satânia e outros dois universos rebeldes foram expulsos do aglomerado principal, formando um bloco isolado. Cristo, o filho Redentor, usando de seu Infinito Amor, assumiu para si a responsabilidade de apaziguar e trazer de volta o bloco isolado e fez uma ponte que liga os rebeldes à Casa do Pai. Para as almas aprisionadas no bloco independente retornarem à Casa do Pai, terão que passar pelo Universo-Ponte, a casa do Cristo Redentor. Não há outra maneira.

“Satã e seus subordinados criaram então um próprio sistema de governo. Foram criadas as figuras dos Arcontes e Demiurgos, em substituição aos Anjos e Arcanjos. Os Demiurgos assumiram o papel de Deidades e os Arcontes, os generais de seus exércitos. E assim foi construída a Matrix, a Ilusão. Satã e seus liderados sabem que se o bloco independente ficar sem a ligação com a Videira Celestial, serão extintos, pois a energia vital que os anima na vida material

deixará de fluir desde a Casa do Pai. Por essa razão, eles aceitam a intercessão de Cristo e seus exércitos de Anjos e Arcanjos, que formam a Fraternidade Branca, que intervém para ajudar as almas que desejam retornar à Casa do Criador e às suas origens cósmicas.

“Satã não tem poder para criar novas almas, por isso ele as aprisiona na Roda do Samsara num eterno nascer, morrer e renascer, ad infinitum. Mas para que as almas não despertem por si mesmas, ele criou o Ego, como um software consciencial para funcionar no lugar do Espírito. Essa é a grande artimanha satânica para iludir e manter aprisionadas cerca de quarenta bilhões de almas em todo o sistema solar, sendo metade dessas almas ao redor do orbe terrestre. Nem todas as almas possuem condições de reencarnar em nosso planeta por diversas razões, desde aquelas mais conscientes que se recusam a assinar os contratos que impõem cláusulas para resgate de carmas inexistentes, quanto as almas que tiveram seus circuitos bioeletrônicos danificados em seus corpos etéricos.

“A Fraternidade Branca ou Crística intercede e auxilia as almas que, por si mesmas conseguem despertar da malha ilusória, conhecida por Matrix ou Maya. O que impede o despertar é o Ego instalado no corpo Mental Inferior. Por isso os encarnados possuem dois corpos mentais: um inferior e outro superior, que ficam separados, um no conjunto Ternário Superior, ligado diretamente à Mônada, a Centelha Divina que nos une diretamente ao Criador, outro no conjunto Quaternário Inferior, submetido às leis dos Demiurgos. Enquanto o Ego dominar a nossa consciência, não há meio para nossa libertação. Esse é o acordo estabelecido entre a Fraternidade Branca com os Demiurgos e Arcontes.”

— E nesses três universos isolados, todos os planetas e sistemas solares estão sob o domínio dos rebeldes satânicos? — interrompi.

— Nem todos. Muitos, desde o início, se recusaram a fazer parte do plano rebelde. Outros, com o tempo, conseguiram se libertar. Mas não foi de modo pacífico. Houve (e ainda há), muitas guerras entre civilizações celestiais. “Assim na Terra, como no Céu”, né? — disse, com um sorriso. — Ou, utilizando um princípio do Hermetismo: “O que está em cima, está embaixo.” O planeta Vênus, por exemplo, jamais fez parte do plano satânico. Mas a humanidade venusina precisou ascender à quinta dimensão para não sofrer as influências nefastas da Matrix. E é por graças aos seres de Luz que habitam aquele planeta que a humanidade da Terra não foi completamente escravizada, como os habitantes de Marte, totalmente escravizados e aprisionados na quarta dimensão.

— Uau, Ari! Faz todo o sentido! Isso explica todo esse sofrimento que a humanidade passa na Terra aqui na terceira dimensão.

— E, como você sabe, a Terra na quinta dimensão está livre desse processo. Os Demiurgos e Arcontes só têm poderes de atuação na terceira e na quarta dimensões. Ao retornar para a terceira dimensão, você ficou sujeito às Leis da Matrix, como todos que aqui encarnam. Mas, ao dominar o Ego, você agora se liberta e ganha uma espécie de “salvo-conduto” para continuar sua existência por aqui. Mas fique atento e tome muito cuidado. Os Arcontes utilizam de diversos meios ilusórios para nos confundir. Se cair nas suas tentações, volta a cair na rede e sofrer as amnésias provocadas pela Barreira de Frequências. Aliás, “Essa é a Lei”.

— Mas, então: que tal de “lei” é essa que você tanto fala? — Aproveitei o momento para sanar minhas dúvidas.

Ele soltou uma de suas gargalhadas estrondosas.

— Um bordão utilizado pelos ocultistas das sombras, que tem exatamente esse sentido. Quer ouvir sobre, meu txai?

— Mas é claro! afinal, sou todo ouvidos — respondi, fascinado.

— Nesse mundo ilusório da Matrix vale tudo. Como é desconectado da Fonte, e como a sua Consciência está “dopada” pela Barreira de Frequência e pelo comando do Ego, que não tem nada de divino (o Ego é um software pirata) — riu —, tudo que você faz de forma “inconsciente”, não gera carma ou pendências espirituais para a sua salvação. O Perdão já está concedido antecipadamente. Mas quando se faz de forma consciente, sabendo que se pratica um ato contra os princípios da Vida (a voz da Consciência sempre tenta se comunicar conosco), aí, nesses casos, teremos que “prestar contas” no dia do Juízo Final. Essa é a grande cilada dos Demiurgos.

“Quando você se alimenta de carne, por exemplo, ‘É da Lei’, porque você foi condicionado desde as suas memórias celulares de sua ascendência genética e pela cultura social humana de tempos imemoriais de que comer carne é vital para a vida humana. Mas quando você toma consciência de que não há necessidade, você deve parar, porque deixou de ser ‘inocente’. Porém, nesse caso, ainda poderá haver uma tolerância no dia do Juízo Final, pois esse princípio de que ‘Faze o que tu queres, pois é Tudo da Lei’ poderá ser utilizado,

como um álibi, para abrandar as suas pendências espirituais. Mas ao contrário do que pregam os ocultistas das sombras, não valerá para casos como assassinatos contra a vida humana, só para citar um exemplo. Atentar contra a vida humana, ou mesmo animal, quando não for para a alimentação, é um dos piores crimes espirituais.”

— Nossa, fico muito grato por essa explanação. Estou aprendendo muito nessa noite. Gratidão, meu txai.

— E ainda tem tanto o que falar... Vamos marcar para sua próxima vinda à Chapada Diamantina. Assim, eu e você poderemos trocar mais conhecimentos e manter nossos papos astrais que costumamos ter no período entre-vidas. Eu também tenho muitas perguntas a te fazer sobre como é a vida na quinta dimensão da Terra.

— É claro que voltarei a te fazer uma visita antes que você parta para um novo lugar.

— Mas antes... — disse ele, esfregando as mãos. — Quero que você me explique sobre o processo de desencarne na quinta dimensão. Você ficou de falar antes de seu retorno a Recife, lembra?

— Sim, claro. Uma mão lava a outra!

“Enquanto nessa dimensão as almas desencarnadas passam por um período de reciclagem para voltar a reencarnar, o que pode variar de algumas décadas a algumas centenas de anos, na quinta dimensão o processo é bem diferente. Lá, como eu já disse, vivemos algumas centenas de anos, em termos de tempo da terceira dimensão. O número de almas encarnadas lá é muito menor.

“Uma pessoa, quando sente que o seu corpo físico está perdendo as forças vitais e de mobilidade, ela mesma decide desencarnar, num processo muito natural e aceito por toda a sociedade. Não é como cometer suicídio. É um ato consciente, feito de maneira planejada. Antes de sua partida, a pessoa procura um casal jovem para fazer um acordo de reencarnação. Isso pode ocorrer dentro de um mesmo grupo genético ou não. O que mais vale são as afinidades.

“Um exemplo: um médico curandeiro, na intenção de continuar a sua profissão no seu retorno, procura um casal de médicos. O ancião, ou anciã, isola-se numa clínica apropriada e uma equipe de enfermeiros aplica em sua veia uma

substância indolor que interrompe todas as atividades vitais do organismo. A alma que se liberta do corpo permanece pouco tempo desencarnada, o suficiente para que o casal gere um novo embrião que evolui para feto e se torne apto a abrigar a nova alma.

“A nova criança, ao nascer, já terá um direcionamento de sua futura profissão e de como irá servir à sociedade. Tudo lá é planejado. E quanto ao corpo defunto, não há enterros ou funeral. Geralmente comparecem à cerimônia de cremação do corpo os parentes mais próximos e o casal que irá engravidar. Não há choros ou comoções. Todos sabem que muito em breve aquela alma voltará ao convívio entre os seus entes queridos.”

— Era assim mesmo que eu imaginava. Alípio, por falar nisso, numa das sessões que vivenciamos na mata, eu visualizei o dia de seu desencarne... O retorno ao seu avatar na quinta dimensão. Você pretende praticar a eutanásia no dia de sua partida?

— Não é eutanásia, txai, porque não tem junta médica ou familiares envolvidos na decisão de desligar os aparelhos de uma pessoa inconsciente.

— Então é um suicídio assistido, como a Maude do filme Ensina-me a viver que ao completar 80 anos de idade, ela resolveu dar fim à sua vida, tomando um comprimido que encerrava as funções vitais do corpo? Pelo que eu me lembro do filme, ela fez isso num momento de felicidade e alegria, que era a forma como ela vivia e encarava a vida e a forma como pretendia fazer a sua passagem, enquanto estivesse lúcida e feliz. Ou é como o caso do escritor Aldous Huxley — ele se empolgou, e resolvi deixá-lo terminar antes de lhe explicar —, que, sofrendo de um câncer na laringe que o impossibilitava de falar, e informado pelos médicos de que a qualquer momento poderia falecer, mas tendo as funções intelectuais intactas, ele rabiscou um bilhete à sua esposa pedindo a ela que administrasse nele cem miligramas de LSD para sua alma encontrar a passagem para um ambiente melhor no plano astral? Um médico, duas enfermeiras, a esposa e um amigo testemunharam uma morte linda e indolor. — A essa altura, eu estava encantado com a história e limitei-me a ouvir. — Laura, sua esposa, aplicou duas doses de LSD, a primeira antes do meio-dia, a segunda no meio da tarde, e Huxley não mais expressava fisionomia de dor e sofrimento, ao contrário, seu semblante era feliz e de plena paz. Laura falava baixinho em seu ouvido: “Vá, querido, vá pra frente e adiante, deixe ir. Vá na direção da Luz. Por vontade própria e consciente. Você está indo de uma forma tão linda na direção

de um amor maior. Vá, querido.” Ela ainda conta que perguntou se ele a ouvia. Ele respondeu apertando firme a sua mão. Huxley fez a passagem ao final daquele dia, antes do pôr do sol de Los Angeles.

— Apesar das lindas lembranças, também não é esse o caso! — Ri, e Ari me acompanhou. — Apesar de escolher, é acompanhado de terceiros. Prefiro chamar de autanasia — e, vendo sua reação, continuei: — sim, a pronúncia tem ênfase na sílaba “si”. É uma adaptação do termo “eutanásia”, que tem origem no grego e significa boa morte. Autanasia utiliza “a”, de “auto”, mantendo o mesmo significado, mas salientando que é ação por si mesmo.

“O suicídio é algo muito penoso e doloroso, envolve sofrimento psicológico e tristeza. E, pelas leis estabelecidas entre os Demiurgos e os seres ascensionados, a alma do suicida vai encontrar mais dificuldades para se livrar das Leis do Karma (e aqui vale também o bordão thelêmico: Essa é a Lei).”

Pisquei para ele.

— Compreendi.

— E — continuei —, se você anteviu o desencarne desse corpo que pertence de fato a Henrique, preciso, antes, explicar. No meu caso, eu tenho uma espécie de autorização para decidir o dia de minha partida por diversos motivos. Entre eles, o de trazer do meu tempo futuro essa prática consensual. Um segundo motivo é que tendo eu cumprido a minha missão, adquiri o direito de voltar ao meu avatar original no momento mais adequado, sempre depois de ter cumprido a missão, claro. Um terceiro motivo é o de que a minha alma não pertence a esse plano tridimensional. Um quarto motivo é que ela conhece o seu destino e não pode correr o risco de partir de surpresa e acabar sendo submetida às Leis Demiúrgicas do Karma. Bem, acho que são motivos suficientes e bem convincentes! — Dei uma risada. — No entanto, eu não devo fazer isso enquanto esse avatar físico estiver funcionando plenamente em todas as suas funções vitais. Só devo fazê-lo num momento de plena paz e felicidade, jamais de tristeza. A propósito, você sabe qual era a minha idade no dia de minha partida? Eu sei que será dessa forma, mas não sei quando isso ocorrerá.

— Não, não consegui saber a sua idade, mas você estava bem mais velho, disso eu me lembro.

— E você viu quem me assistia?

— Sim, sua futura companheira. Ela imitou os gestos da esposa de Aldous Huxley: aplicou em você um barbitúrico uma hora depois de administrar doses de substâncias psicodélicas e permaneceu ao seu lado todo o tempo até o seu último suspiro. Ela tocava violão e cantava doces canções para você. Eu me lembro até de uma delas, porque eu também gosto. Era “Clares Song”, do grupo Sacred Earth (You are an angel in the sky / Watching us from your place up high / Bless away our way / Oh, as we walk we’re surrounded in your light / My soul is growing / My heart is widening for you). Ah! — exclamou, de um sobressalto.
— Não preciso dizer quem preparou as medicinas, preciso?

Ele levantou as mãos ao lado do corpo, exibindo-se.

— É bom saber que o amigo não me decepcionaria! E você, estava presente para as despedidas?

— Perfeitamente, meu txai. Eu e mais uns poucos amigos íntimos seus estivemos para nos despedir. Fomos convidados por você. — Ari colocou as mãos sobre as minhas, num gesto de carinho.

— Alguém chorou ou fizeram velório?

— Nada disso, meu amigo! Fizemos uma bela cerimônia de despedida com muitos cantos e danças, conforme sua recomendação. E, olhe, você ainda conseguiu, por uns minutinhos, nos acompanhar nas músicas tocando um pequeno chocalho em forma de ovo. Depois seu corpo foi levado ao crematório.

— Certamente houve comida e bebidas para os meus convidados.

— Sim, e sem alimentos de origem animal e sem bebidas alcoólicas.

— Como é bom ouvir isso, meu amigo. — Eu sorria sinceramente, nossas mãos unidas em cumplicidade.

— E você sabe como vai ser isso, txai?

— Em teoria. — Rimos. — A alma de Henrique estará presente para abandonarmos esse avatar que lhe pertence e para partirmos juntos de vez dessa dimensão física. Nós usaremos um truque quântico, semelhante à experiência da dupla fenda executada pelos físicos nos laboratórios. Da mesma forma que os fótons fazem ao passar pela dupla fenda quando não são observados e se

comportam simultaneamente como ondas e partículas, nossas almas usarão de processo semelhante. Em vez de entrar por um dos túneis da travessia (o falso túnel de luz branca dos Arcontes), nós nos chocaremos contra a divisória que os separam para também separar nossos corpos etéricos em matérias mais sutis e em energia. Principalmente para nos livrarmos do peso do Ego. E, assim, na forma de pura energia, estaremos livres das Leis Demiúrgicas, da Barreira de Frequência e das redes de Maya.

— Espere um pouco: Livrar-se do Ego? Como assim?

— Sim, meu txai. O Ego, como um artifício implantado pelos Demiurgos, é usado para “rodar” no lugar da Consciência da Alma, nossa verdadeira Consciência. Quando nos livramos do Samsara, não precisamos mais desse software pirata. Usamos a Consciência direta de nossas almas. Teremos sempre a mesma identidade pessoal a cada nova reencarnação, mantendo nossas memórias das vidas passadas.

— Uaaau! Que informação maravilhosa... Fiquei até arrepiado, ó! — E esticou o braço para mostrar os pelos eriçados. — Mas você também disse que Henrique partirá junto com você. Ele também irá para a Quinta Dimensão?

— Exato. A alma de Henrique ficará um tempo desencarnada já na nova dimensão para se adaptar às condições locais. E tão logo eu reassuma o meu corpo irei procurar um casal que aceite ser seus pais biológicos.

— Uau! Mas... A alma dele não terá que ser “julgada” — ele fez sinal de aspas com os dedos — antes de migrar para a nova dimensão?

— Isso já foi feito após a nossa troca de almas. No nosso acordo isso já estava previsto. Claro que essa foi uma decisão da Mônada, não minha e dele, que fique bem entendido.

— E sua família aceitou de boa a sua vinda pra cá? Como ficam os sentimentos de saudade, de sua falta... Afinal, são algumas décadas longe de casa...

— Meu txai, lá não temos esse tipo de sentimentalismo primitivo como nesta dimensão. Claro que temos sentimentos, mas sem essa carga que envolve sofrimento, dor, possessividade... Temos uma maior maturidade sentimental também. Praticamos integralmente o que vocês conhecem por Amor Incondicional.

— Sério? E como é isso?

— Amor Incondicional? Ora, é amar todos os reinos incondicionalmente. Amar o próximo, amar os animais, os vegetais, a Mãe-Terra, a natureza, toda a criação...

— E vocês não sentem raiva, ódio? É difícil não ter esses tipos de sentimentos...

— Você quer me botar numa sinuca de bico, né, txai? — Dei uma boa risada — Claro que nos aborrecemos com a estupidez humana, faz parte de nossa condição, mas não alimentamos reações apaixonadas, nem de raiva, nem de amor. Não temos brigas ou reações mais acaloradas. Resolvemos tudo com o diálogo franco e aberto. Quando se chega a um impasse, essas querelas individuais são resolvidas pelos Concelhos Anciães. E sobre sua pergunta quanto ao tempo longe “de casa”, digo a você que três ou quatro décadas deste plano lá equivale a menos de dez anos de nossa medida de tempo. Vamos deixar para falar mais sobre isso na minha próxima visita. Vai ser um prazer conversar sobre esses assuntos. Pode agendar.

— Podes crer que vou agendar! — Ele fez uma pausa e emendou: — Mudando de assunto e falando com sinceridade, em algum momento você sentiu medo?

— Senti muitas coisas, é verdade. — Lembrei-me de quando quase me arrependi de ter vindo para essa missão, do desespero, das dúvidas, da sensação de desajuste. — Mas medo não foi uma delas. Não tem por que ter medo de cumprir minha missão, amigo.

Tivemos que interromper nossa conversa, pois já era madrugada. Eu teria que acordar cedo para pegar o ônibus que me levaria de volta a Recife. Ari me deixaria na rodoviária de Seabra antes do meio-dia do sábado, horário previsto para o embarque.

Nós combinamos de nos encontrarmos em breve para nova visita à Chapada para conhecer outros lugares tão bonitos quanto aqueles em que estivemos para realizarmos uma nova vivência, além de trocarmos mais conhecimentos sobre assuntos ligados à espiritualidade.

Ari sabia, mas não quis me dizer naquela noite quem era a minha futura companheira que tocava violão no dia de minha passagem. Prometeu que só revelaria no meu retorno à Chapada Diamantina previamente marcada para o ano

seguinte. Disse que era uma forma de garantir que eu cumpriria com a minha palavra. Ari tinha um jeito próprio de aguçar minha curiosidade e de me amarrar em novos compromissos.

Mas essa será uma nova história.